



o habitar do sem terra

REFLEXÃO PARA UMA PROPOSTA ITINERANTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE_ UFCG
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS_ CTRN
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL_ UAEC
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO_ CAU

O habitar dos Sem Terra: reflexão para uma proposta itinerante

Monografia apresentada ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande, como resultado para finalização da disciplina de Trabalho de Conclusão do Curso.

Orientadora: Prof.^a Mariana Bonates

Campina Grande, dezembro 2017



Centro de Tecnologia e Recursos Naturais



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CAU UFCC

Trabalho de Conclusão de Curso “O habitar dos sem-terra: refletindo sobre uma proposta itinerante”, apresentado por **MARINA DIAS RAMOS DE MACÊDO**, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo.

APROVADO EM: 20 de dezembro de 2017

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. **Mariana Fialho Bonates**
Orientadora - Presidente

Prof^a Ms. **Tatiana Moura Rodrigues**
Examinadora Interna

Arq. Urb. **Arilena Nobre Góes**
Examinadora Externa

dedicatória

“Enquanto morar for um privilégio, ocupar é um direito.”

_ Autor desconhecido

Dedico este trabalho a todos os integrantes do Movimento Sem Terra e todos aqueles que lutam por dignidade.

agradecimentos

A Deus e A Mãe Rainha, primeiramente, por terem aberto todas as portas para tornar realidade essa graduação.

A minha orientadora, Professora Doutora Mariana Fialho Bonates, por todos os ensinamentos, pelo incessante incentivo e exigência, e pela disponibilidade, sinceridade e confiança.

Aos meus pais e irmãos, por serem meus suportes e estarem sempre presentes acreditando e me impulsionando a vencer todos os dias.

Aos meus professores da graduação, que tanto me ensinaram muito além da sala de aula.

Aos meus colegas e amigos que tive a oportunidade de conhecer ao longo do curso.

Aos meus colegas de trabalho do ‘Force4 Architects’, especialmente a Beatriz Fernández Gomez, por acreditar e me incentivar sempre.

Aos integrantes do Movimento Sem Terra (MST), bem como ao representante do INCRA, por toda a colaboração e disponibilidade, sem o qual este trabalho não poderia ter sido realizado.

A todos os meus familiares e amigos, pela confiança e apoio, e por se fazerem presentes em qualquer lugar que eu esteja.

Aos amigos que Deus me deu na Inglaterra, pelo cuidado, carinho, noites viradas e por todos os momentos inesquecíveis que vivenciamos.

resumo

A luta pela Reforma Agrária no Brasil, empreendida pelo Movimento sem Terra, é constituída por etapas provisórias de ocupação e acampamento até a desapropriação da terra onde o assentamento será erguido. Isso significa que, durante o processo, as famílias podem se deslocar no território, evidenciando a trajetória itinerante do movimento. Neste contexto, o presente trabalho teve como objetivo propor um estudo preliminar de acampamento para o Movimento Sem Terra (MST), considerando o seu caráter itinerante e se baseando em uma proposta de gestão alternativa de cooperação entre o Movimento e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a qual direcionou um processo de concepção fundamentado nos materiais construtivos. O trabalho foi dividido em cinco etapas, sendo a primeira referente ao planejamento, que envolveu um levantamento teórico, documental e de campo com a visita ao INCRA e a um acampamento do MST, visando compreender a problemática. A segunda etapa explorou o tema através da análise espacial do acampamento Quebra-Quilos, a partir da visita de campo, fotografias, levantamentos e entrevistas com os moradores e o representante do Movimento. Em seguida, os estudos correlatos que subsidiaram a quarta etapa de elaboração de uma proposta arquitetônica para um acampamento. Por fim, a conclusão do projeto com sua representação e detalhamento, utilizando diagramas explicativos, maquete eletrônica e física, imagens e desenhos técnicos de plantas, cortes, vistas e detalhes construtivos. A proposta buscou balancear as contribuições da arquitetura com as características únicas deste movimento no território, considerando-se modos de vida, materiais construtivos, possibilidades e oportunidades.

palavras-chave: Movimento Sem Terra (MST). Habitação de baixo custo. Acampamento itinerante.

abstract

The struggle for Land Reform in Brazil, undertaken by the Landless Movement, consists of temporary stages of occupation and encampment until the expropriation of the land where the settlement will be erected. This means that during the process, families can move in the territory, evidencing the itinerant trajectory of the movement. In this context, the objective of this work was to propose a preliminary study of the landless movement (MST), considering its itinerant nature and based on a proposal for alternative management of cooperation between the Movement and the Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), which got through a design process based on the building materials. The work was divided in five stages, the first one related to planning, which involved a theoretical, documentary and field survey with the visit to INCRA and a MST camp, in order to understand the problem. The second stage explored the theme through the spatial analysis of the Quebra-Quilos camp, with a field visit, photographs, surveys and interviews with the residents and the MST agent. The next phase involved case studies to subsidize the elaboration of an architectural proposal for a camp. Finally, the conclusion of the project with its representation and detailing, using explanatory diagrams, electronic and physical models, images and technical drawings of plans, sections, facades and construction details. The proposal look forward to balance the architecture contributions with the single characteristics of this Movement in the territory, considering ways of life, constructive materials, possibilities and opportunities.

Keywords: Movimento Sem Terra (MST). Low-cost housing. Itinerant camp.

sumário

INTRODUÇÃO	06	4. A PROPOSTA	40
1.1 o MST em movimento	10	4.1 programa de necessidade preliminar	41
1.2 objetivo geral	12	4.2 redimensionando a área de intervenção	42
1.3 etapas de trabalho e procedimentos metodológicos	15	4.3 o ponto de partida (o)	43
		4.4 os materiais	46
2. COMPREENDENDO A REALIDADE	16	4.5 espacialidade	49
2.1 o MST na Paraíba	17	4.6 tipos	50
2.2 o acampamento	19	4.7 arranjos	51
2.3 os agentes	26	4.8 evolução do partido	52
2.4 sistematizando as necessidades	29	4.9 experimentando	53
		4.10 implantação	56
3. ESTUDOS CORRELATOS	30	4.11 coleta d'água	59
3.1 casas paper log	31	4.10 construindo com bambu	61
3.1.1 estudos analíticos	33		
3.1.2 axonométrico explodido	34	5. OS DESENHOS	70
3.2 tenda IKEA	35		
3.3 os espaços coletivos nas habitações provisórias	37	6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
3.4 como intervir?	39		
		8.REFERÊNCIAS	96
		9. ANEXOS	100

_ introdução



Figura 1: Acampamento Quebra-Quilos

Fonte: autoria própria.

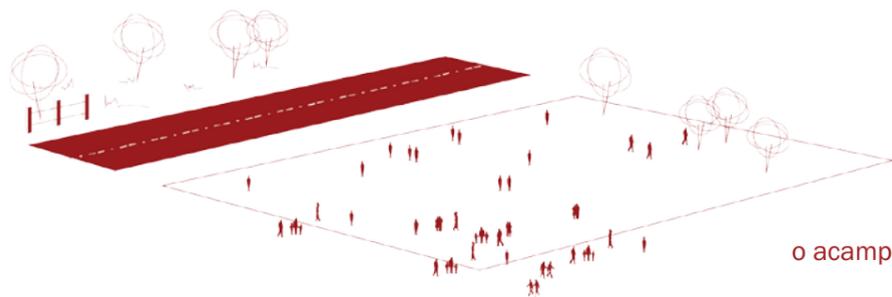
o MST em movimento

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), em seu artigo 26, a habitação constitui um direito humano, assim como a saúde e o bem-estar. Como consequência de uma necessidade humana básica, a moradia possibilita estabilidade material e social, proporcionando o desenvolvimento das capacidades dos indivíduos, na realização de escolhas e na sua inserção na sociedade. As distintas habitações e possibilidades de habitar estão diretamente ligadas com os grupos e classes sociais, dentro de uma conjuntura que provoca e resulta na produção do espaço.

O MST possui diferentes processos do morar, configurando uma forma de luta que se espacializa na busca da garantia da inclusão social, da função social da terra, da reforma agrária e de melhores condições de vida (CALDART, 2001). Iniciado em 1984, segundo a mesma autora, o movimento possui características que o particulariza enquanto movimento social, tais como: a radicalidade das suas ações e sujeitos, vista nas ocupações e mobilizações em massa; a variedade dos aspectos em que atua para humanização dos indivíduos, ampliadas entre as diversas práticas da educação, cultura, saúde, entre outras; a articulação de configurações organizacionais diversas e em constante mutação, como ocupações, acampamentos, assentamentos; e a habilidade de abarcar a sociedade, encarando a Reforma Agrária como uma luta de todos.

A trajetória de um sujeito dentro do movimento reflete um processo de formação humana que passa a representar a coletividade dos Sem Terra, enquanto identidade experimentada e vivida no cotidiano e nas atuações do movimento. Sendo a luta social o principal meio de reivindicação, o seu processo se espacializa na combinação de ocupações, acampamentos e assentamentos, firmando uma coletividade em constante movimento (Figura 2).

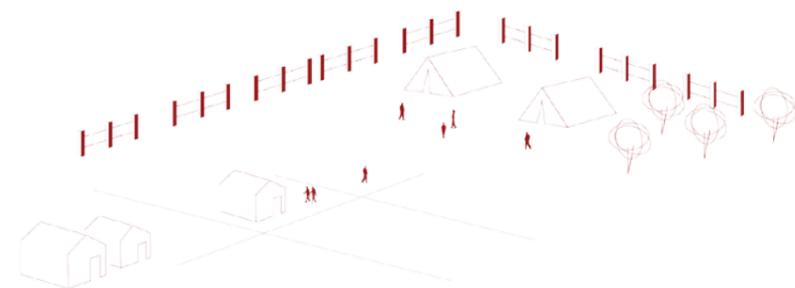
Este trabalho tem como objeto de estudo o Movimento Sem Terra (MST), compreendendo suas características físico-espaciais e necessidades, inserido no contexto de movimento com etapas transitórias, a fim de subsidiar uma proposta arquitetônica de moradia itinerante. (Figura 1)



a ocupação De acordo com Rosa (2012), o MST ao utilizar o termo ocupação, expõe o direito constitucional de todo cidadão brasileiro ter acesso a terra, condicionada a sua função social (Lei nº 4.504, Estatuto da Terra), bem como determina limites de direito as propriedades consideradas improdutivas, de cultivos ilegais, de uso meramente especulativo e de trabalho escravo. As famílias indicam as terras que pretendem assentar através do INCRA, porém ocupando áreas externas à propriedade e que podem estar na beira da estrada, em depressões ou próximo às cercas.



o acampamento Como consequência principal das ocupações, os acampamentos são espaços transitórios na luta pela terra e de mobilização constante, materializando os principais elementos de organização do sem-terra e pressionando os governos para realizarem a Reforma Agrária. Apesar do caráter transitório, existem por tempo indeterminado, organizando-se em posicionamentos específicos de acordo com as condições físicas do terreno, resistência ao despejo e ao confronto com os jagunços. Dispostos geralmente de forma linear ou circular, é possível encontrar, além dos barracos, local para assembléias, “escola” e “farmácia” (FERNANDES, 2012). Parte dos acampamentos resultam de ocupações de terras privadas ou concedidas pelos proprietários, enquanto o processo de desapropriação do terreno onde as famílias serão assentadas é realizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O mesmo órgão também auxilia o MST através da disponibilização da lona preta para o levantamento dos barracos nos acampamentos.



o assentamento Após a concessão do terreno, as famílias se estabelecem na condição de assentados e se deslocam para a terra concedida, onde novas moradias provisórias são levantadas pelo MST, enquanto o INCRA demarca e distribui os lotes para as famílias, para que então o assentamento seja erguido através de programas de habitação do governo. Os assentamentos possuem arranjos espaciais distintos, de acordo com as condições geográficas e produtivas do terreno, englobando habitações, lotes de trabalho, equipamentos de uso coletivo e serviços, sendo as casas contruídas isoladas nos lotes ou num sistema de agrovila. Segundo Caniello e Duqué (2006) a agrovila é justificada pela concentração de infra- estrutura e serviços, numa reprodução do modelo urbano nas relações sociais, porém a casa no lote é considerada um melhor reflexo do modo de vida no campo e do seu sistema produtivo, onde estratégias projetuais podem ser incorporadas, como o uso de dessalinizadores e energia solar, igualmente com ordenações de espaços diversos e articulados entre si. Desta forma, os assentamentos rurais são a representação física da Reforma Agrária, resultado de um processo de luta social pela terra e ação do Estado; são o desfecho de uma conquista alcançada pelas vivências, visões e relações humanas que acontecem na dinâmica do dia-a-dia do Movimento Sem-Terra, bem como princípio da obtenção de direito de relevantes políticas públicas para os seus integrantes.

Figura 2: o processo

Fonte: elaborada pela autora.



Figura 3: Incorporando materiais no barraco

Fonte: autoria própria.

Os modelos espaciais temporários e definitivos, de acampamentos e assentamentos respectivamente, são estratégias distintas desenvolvidas pelo MST. As habitações provisórias, por ocorrerem em prazo indefinido, são inicialmente erguidas em lona preta disponibilizada pelo INCRA. Pela irregularidade da sua reposição, sua durabilidade e forma de utilização, outros materiais começam a ser incorporados pelos acampados numa tentativa de melhoria do habitar, tais como: PVC, papelão, madeira, telhas de fibrocimento, telhas de barro, esquadrias de madeira, lonas plásticas

e tecidos diversos, entre outros, como demonstrado na figura 3.

Estes materiais são obtidos de diversas formas entre doações, reciclagem, restos de construções, troca por algum serviço prestado ou pelo baixo custo de aquisição. É válido destacar a extrema dificuldade em relação a reutilização dos materiais utilizados pelo MST nos acampamentos, sendo esta relacionada a dois principais fatores: a carência de um meio de transporte para auxiliar nesses deslocamentos e a precariedade dos materiais utilizados que se desgastam ainda mais ao longo tempo, inviabilizando o reuso.

Figura 4: O Acampamento

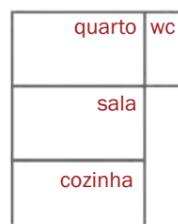
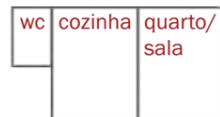


Fonte: autoria própria.

No acampamento Quebra-Quilos em São José da Mata, no município de Campina Grande, na Paraíba (Figura 4), por exemplo, é possível identificar a tentativa de reprodução de uma moradia permanente, a partir dos materiais introduzidos, mobiliários utilizados e na divisão dos espaços (Figura 5). É interessante ressaltar a criatividade dos acampados através de soluções construtivas próprias, em resposta a viabilidade e o agrupamento dos diferentes materiais nas habitações, bem como na reprodução de ferramentas para agricultura através da observação e imitação, feita com os mesmos materiais ou com

outros (Figuras 6 e 7). Sobre o acesso as infra-estruturas básicas como saneamento, fornecimento de luz e sistemas viários, bem como aos serviços de educação e saúde, se relacionam diretamente ao lugar da ocupação e seu entorno. No Quebra-Quilos, por exemplo, o abastecimento já se deu por poço, porém atualmente a água chega através de um caminhão pipa; já o esgoto é despejado em fossa séptica. O suprimento da energia acontece por meio de ligações clandestinas desviando da rede pública.

Figura 5: configurações espaciais



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 6: Carrinho de mão

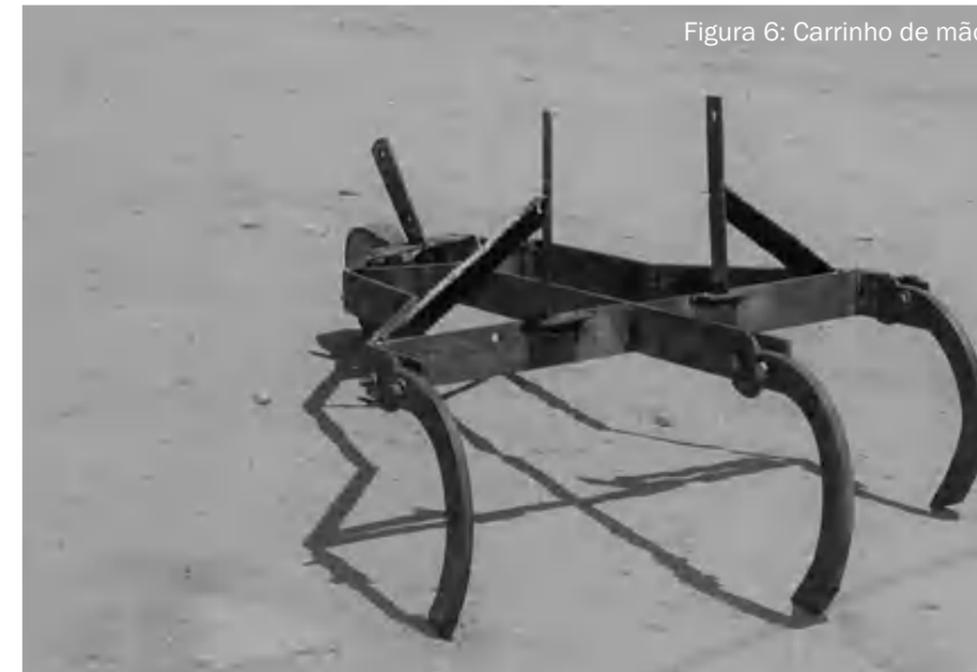


Figura 7: Base para caixa d'água



Fonte: autoria própria.

Figura 8: A horta



Figura 9: Coleta das águas pluviais



Outro fator expressivo são as condições do ambiente em que esses acampamentos se inserem. Em algumas regiões a seca e a improdutividade da terra, intensificam a busca de técnicas alternativas para sobrevivência nos acampamentos como a captação e reutilização das águas pluviais e hortas protegidas, como visto nas figuras 8 e 9.

Apesar do esforço empregado nas melhorias do espaço, os acampados se encontram numa situação de vulnerabilidade, precariedade e insalubridade diretamente relacionado a falta de habitabilidade das construções (Figuras 10, 11, 12 e 13). Segundo Brandão (2005), a habitabilidade está diretamente ligada ao bem-estar, numa relação entre morador e moradia, abrangendo o uso, o atendimento das necessidades básicas do espaço construído e do tempo enquanto agente na aproximação do sujeito com o espaço. Assim, uma moradia adequada deve oferecer boas condições de proteção às intempéries, igualmente assegurando aos moradores segurança contra qualquer fator que ponha em risco a saúde e a vida, como incêndios, desmoronamentos e inundações. Além disso, o tamanho da moradia deve ser apropriado para o número das pessoas que ali habitam, bem como o oferecimento de infra-estrutura básica. Dentro do contexto do MST, é importante ressaltar a categoria espacial na formação e desenvolvimento do movimento, que firma seu caráter itinerante dentro do território. Entendendo o MST como um movimento social que luta pela terra e suas organizações espaciais temporárias como forma de reivindicação, é válido conceituar os espaços transitórios. Conforme Paz (2008), os ambientes efêmeros são transitórios por inteiro, sendo cada parte independente. São ambientes geralmente com uma mescla heterogênea de processos, de materiais, e mesmo de insumos tecnológicos, em que as configurações espaciais e transitórias, os sistemas construtivos de fácil montagem são bastante relevantes. Tais sistemas podem ser de origem industrial e de manufatura mais primária, com encaixes básicos e de baixa durabilidade.

Assim, considerando as especificidades do MST dentro do seu contexto itinerante e provisório, a carência de condições mínimas para o habitar...



Figura 10: Ferrugem



Figura 11: Improvisos



Figura 12: Área de serviço



Figura 13: Banheiro

Fonte: autoria própria.

... como a arquitetura poderia auxiliar na melhoria da habitabilidade para suas etapas provisórias? (Figura 14)

objetivo geral

propor um estudo preliminar de acampamento para o Movimento dos Sem Terra (MST), considerando o seu caráter itinerante e se baseando em uma proposta de gestão alternativa de cooperação entre o Movimento e o INCRA, a qual direcionou um processo de concepção fundamentado nos materiais construtivos.



Figura 14: itinerância

Fonte: elaborada pela autora.

etapas de trabalho e procedimentos metodológicos

A proposta de trabalho se deu em **cinco etapas** (Figura 15) fundamentais para entender e perceber onde se quer chegar. A **primeira etapa**, consistiu no planejamento do trabalho, envolvendo um levantamento teórico e documental, visita inicial ao um acampamento do MST e ao INCRA e registro fotográfico, a fim de compreender melhor o acampamento do MST dentro do seu contexto de luta social espacializada, com etapas provisórias, identificando à problemática da habitação presente no Movimento. A **segunda etapa** compreendeu a análise espacial do acampamento Quebra-Quilos próximo à São José da Mata para apreensão, investigação e entendimento do objeto de estudo, identificando atributos físicos do lugar, usuários, necessidades e dimensionamento do programa, técnicas construtivas, acesso a equipamentos e serviços, além da sua inserção no espaço através da realização de visitas de campo, entrevistas, levantamentos, novos registros fotográficos e análises. A **terceira etapa** abordou a realização de estudos correlatos relacionados com habitações provisórias para refugiados como referências projetuais, que subsidiaram o partido arquitetônico juntamente com a definição do programa de necessidades. Utilizou-se o terreno do Quebra-Quilos ampliando-o para abrigar este estudo preliminar, como local para reflexão da possibilidade de uma habitação. A **quarta etapa** apoiada nas etapas anteriores, envolveu a definição do partido arquitetônico através de um estudo mais detalhado de materiais e dos demais condicionantes, delineando as diretrizes projetuais, desenvolvendo o conceito. Por fim, a **quinta etapa**, aspirou a elaboração do projeto de um acampamento para o MST, através da representação e detalhamento, utilizando diagramas explicativos, maquete eletrônica, imagens e desenhos técnicos de plantas, cortes, vistas e detalhes construtivos, reunidos no memorial do projeto.

Figura 15: etapas

PROBLEMÁTICA



DEMANDA



PROGRAMA DE
NECESSIDADES



PARTIDO



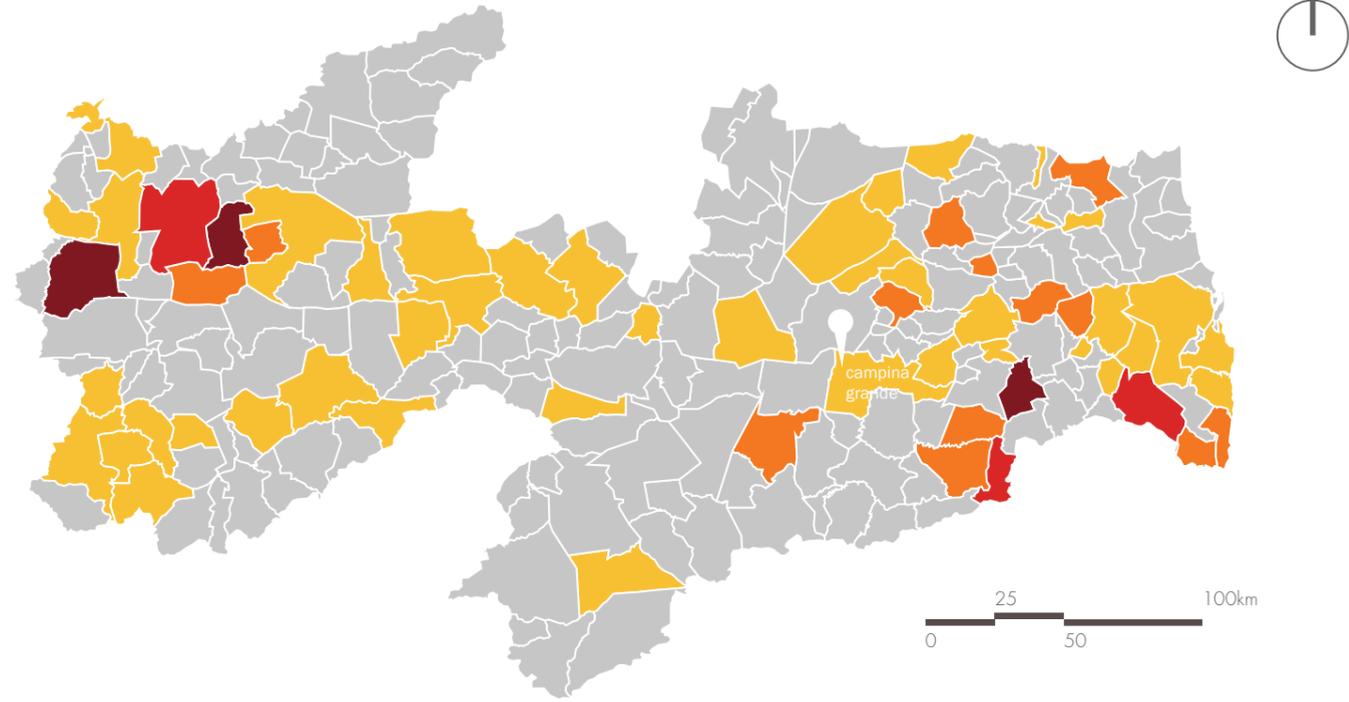
PROJETO

Fonte: elaborada pela autora.

_ compreendendo
a realidade

o MST na Paraíba

Existem atualmente 92 acampamentos em mais de 60 municípios no estado da Paraíba, totalizando 5.031 famílias e 7.801 membros, fora o número de crianças e adolescentes (Figura 16).



número de acampamentos

- 1
- 2
- 3
- 4

alagoa grande	conde cruz do espírito santo	massaranduba	santana mangueira	aroeiras	natuba
algodão de jandaíra	curral de cima	olho d'água	santana dos garrotes	caaporã	pedras de fogo
araruna	damião	patos	são josé do rio do peixe	esperança	sousa
assunção	diamante	poço dantas	são josé de espinharas	itatuba	
barra de santa rosa	ibiara	pombal	são mamede	jacaraú	
boa ventura	imaculada	remígio	são miguel de taipu	mari	
bonito de santa fé	joão pessoa	riachão do poço	sapé	mulungu	
camalaú	juarez távora	santa helena	sertãozinho	pilões	
campina grande	livramento	santa luzia	soledade	pitimbu	
conceição	logradouro	santa rita	uiraúna	são domingos de pombal	
condado		santa terezinha		são josé da lagoa tapada	
				solânea	
				aparecida	
				cajazeiras	
				mogeiro	

Fonte: INCRA (02/01/2017), editado pela autora.

Figura 16: acampamentos na Paraíba



O acampamento Quebra-Quilos, cujo nome homenageia a revolta ocorrida na região Nordeste do Brasil no século 19, existe a mais de oito anos. Localizado próximo ao distrito de São José da Mata (Figuras 17 e 18) , no Município de Campina Grande, resulta de três diferentes ocupações. Primeiramente levantado na beira da Rodovia Governador Antônio Mariz, posteriormente em um terreno no assentamento Olho d'água e, por fim, se estabelecendo no local atual, em um terreno cedido pelo proprietário aos acampados, que em compensação optaram por contribuir com uma pequena quantia mensal.

Figura 18: o acampamento em relação a Campina Grande



Fonte: Google Maps (07.11.2016), editado pela autora.

o acampamento

FICHA TÉCNICA:

brigada (conjunto de acampamentos): Quebra- kilos (Boqueirão, Cabaceiras Campina Grande, Juazerinho, Soledade, Massaranduba, Riacho de Santo Antônio)

acampamento: Quebra- kilos

localização: 20km na direção sudoeste do distrito de São José da Mata

clima: semiárido brasileiro

vegetação: predominância da caatinga e vegetação rasteira

famílias: 18

membros: 33

crianças: 5

barracos: 15 (atualmente) + espaço comunitário

terreno: 59,7m x 19,4m = 1158m²

declividade: 2,8%

energia: desvio na rede elétrica

abastecimento de água: carro pipa, através do projeto de assistência do governo

saneamento: fossa séptica

educação: existente (90m)

saúde: existente (300m)

comércio: existente (50m e 125m)

transporte: Segunda, Quarta, Sexta e Sábado somente pela manhã, ida e volta para Campina Grande.

estrutura: improvisada, a depender da disponibilidade de materiais

materiais: PVC, papelão, madeira, telhas de fibrocimento, telhas de barro, esquadrias de madeira, lonas plásticas, tecidos diversos, etc

plantação: subsistência e palma

criação: caprinos e aves



Figura 19: Criação de animais



Figura 20: Plantação de palma



Figura 21: O barraco

A área atual foi cedida pelo proprietário do terreno para que o acampamento fosse feito, em compensação e os integrantes optaram por contribuir com uma pequena quantia mensal com o dono. A terra solicitada para desapropriação encontra-se há cerca de 1km do acampamento, sendo a junção das propriedades Angico e Olho d'água, uma pertencente ao município de Boa Vista e outra ao município de Campina Grande. Com aproximadamente 1160m², o terreno do acampamento é muito menor comparado ao tamanho padrão de outros acampamentos. Conseqüentemente não existe espaço suficiente para o plantio ou criação de animais, atividades que ocorrem apenas quando os proprietários das terras vizinhas cedem espaço para tais práticas, embora isso não esteja ocorrendo no momento presente (Figuras 19 e 20).

Quanto a distribuição espacial, a implantação dos barracos (Figura 21) se dá próximo ao cercado feito de madeira e arame farpado, a uma distância de aproximadamente 2 metros deste, recuo normalmente utilizada para pequenas criações de animais, mini-hortas para subsistência ou áreas de serviço das habitações. Esse tipo de disposição forma uma barreira física delimitadora da área, estando as entradas das unidades habitacionais voltados para dentro do lote, onde se encontra o espaço comunitário

do acampamento. Quanto aos afastamentos laterais, eles podem ou não existir, trazendo uma variação entre barracos geminados e isolados dentro do mesmo acampamento.

O centro comunitário consiste em uma unidade semelhante aos barracos, porém sem divisões internas. É importante observar espaços de sombra criados através de cobertas entre este e os barracos, normalmente utilizados ao longo do dia pelos acampados ou como uma extensão do centro em dias de reunião, estabelecendo um relação interessante entre espaço público, transitório e privado (Figura 22).

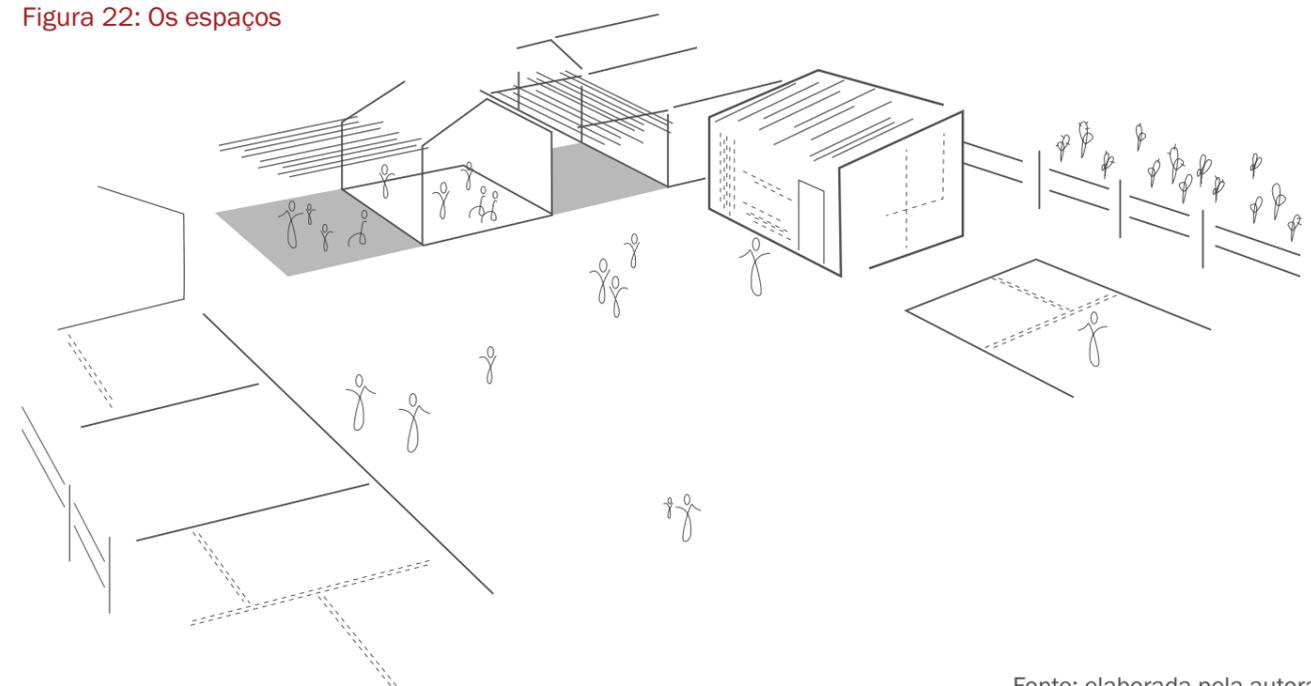
Quanto aos tipos habitacionais, eles variam de acordo com o tamanho da família, porém se busca no mínimo uma separação entre o banheiro e o restante da casa, sendo comum a divisão de espaços como sala, quarto, cozinha, banheiro e quintal.

No que se refere a estrutura dos barracos, esta é improvisada, normalmente feita em madeira e fixada a até um metro do solo ou de modo mais superficial, a depender da disponibilidade e tamanho do material. Ainda pertencente a esta situação, as vedações e esquadrias são diversas, gerando distintas expressões construtivas visualizadas desde a escala do acampamento a uma única 'parede' do barraco.

Um outro aspecto a ser levado em conta é o acesso a serviços de educação, saúde e comércio existentes próximo ao Quebra- Kilos (Figura 23), ainda que inserido na zona rural, onde a oferta de tais serviços é geralmente mais escassa que nas cidades. É necessário lembrar que realidade não se amplia a todos os acampamentos do MST, tornando muitas vezes necessário a improvisação de unidades dentro do acampamento para atender a tais serviços, principalmente quando estes se localizam em áreas mais distantes de alguma cidade ou pelo grande número de famílias que o compõem.

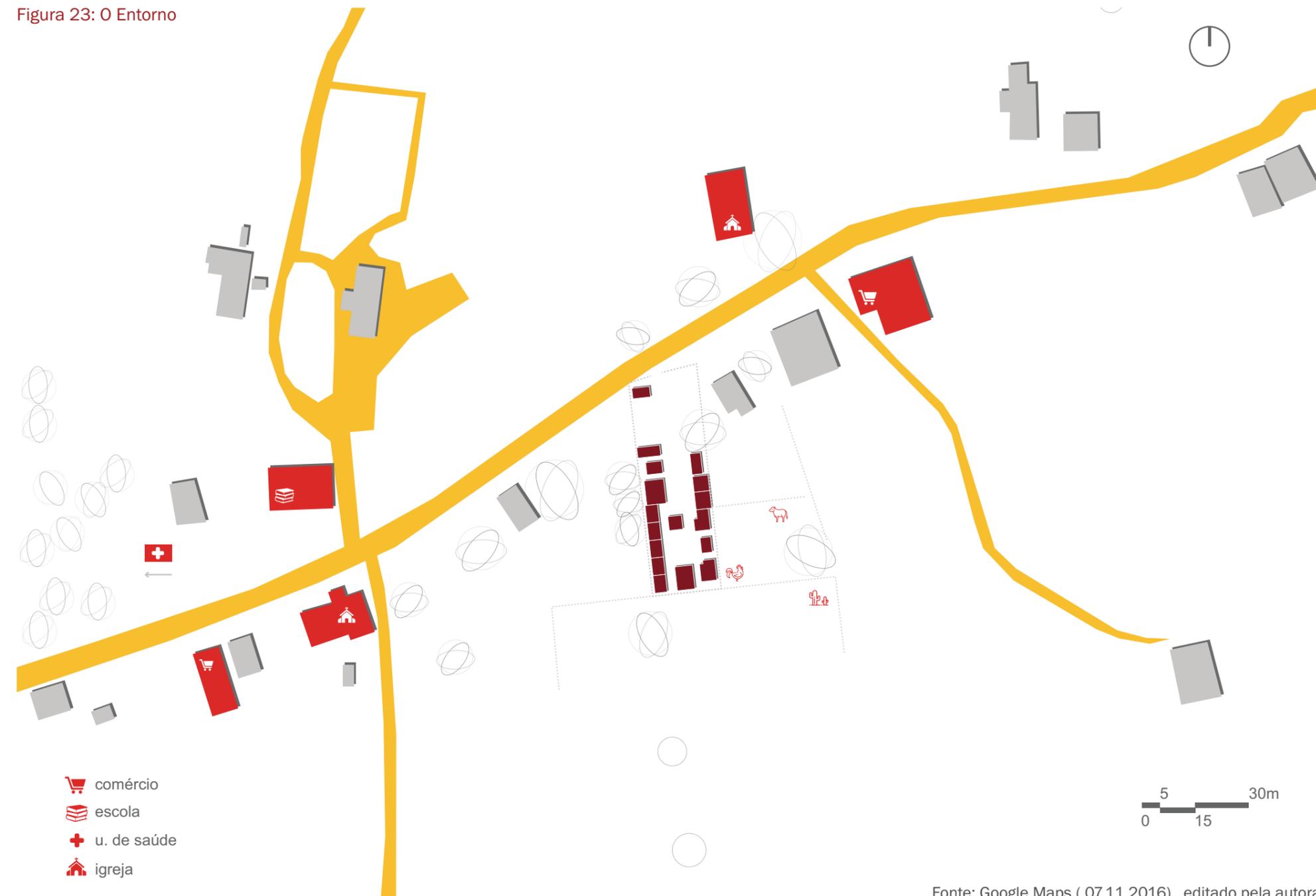
Tal contexto denota a realidade complexa dos acampamentos do MST, seja pela duração indeterminada, a escala, as relações sociais ou a multiplicidade espacial, onde neles se encontram vidas que lutam por seus direitos e que deveriam ter qualidade de vida.

Figura 22: Os espaços

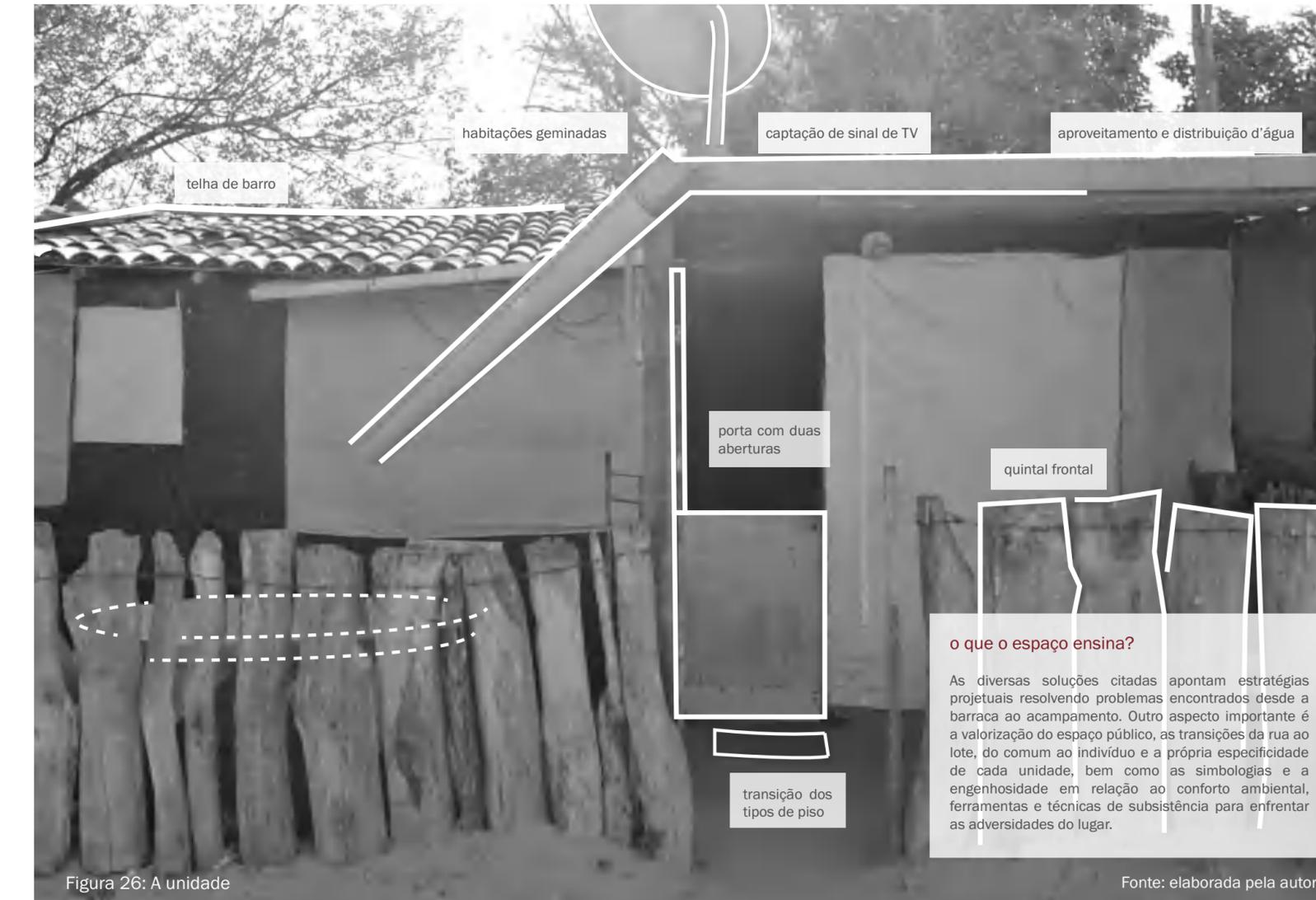


Fonte: elaborada pela autora.

Figura 23: O Entorno



Fonte: Google Maps (07.11.2016), editado pela autora.



os agentes

Os tópicos a serem abordados resultam de uma série de entrevistas realizadas com diferentes representantes direta ou indiretamente relacionados a realidade dos acampamentos do MST, no intuito de explorar qualitativamente os temas, compreendendo e debatendo os mesmos. Essa abordagem junto a realidade do acampamento Quebra- Kilos apresentada resultará em diretrizes que possam subsidiar a elaboração do projeto arquitetônico.

1. o MST...

“Contato diário, o MST é quem reivindica desapropriações, citando áreas, mostrando as áreas de conflito, número de acampamentos, famílias acampamaneto , ele é um **facilitador junto ao INCRA no projeto de Reforma Agrária.**” - RI*

“A militância se organiza assim... é fazendo o trabalho de base. Então a gente procura periferia ou na zona rural mesmo, convoca o pessoal e começa a conscientizar a respeito da Reforma Agrária, a necessidade que é das pessoas e diz o que a Reforma Agrária vale para eles e a gente começa a organizar o povo e o povo começa a se organizar também, faz aquele trabalho formiguinha. Procura uma área que está abandonada, **uma área que não tá produzindo, nem está cumprindo a função social e aí a gente ocupa**, a única maneira da gente dizer para o governo que a área é improdutiva é quando a gente ocupa, para poder o INCRA tomar o conhecimento, cadastrar aquelas famílias, passar para Brasília, porque **a Constituição diz que toda terra que não cumpre sua função social é para fins de Reforma Agrária, está na Constituição, mas o governo não executa isso, então 90% do trabalho do governo em relação a isso, é quando a gente diz ocupando a terra.**”- RM**

Em resumo..

1 ... através da ocupação e do acampamento, manifesta suas principais formas de luta e efetivação da Reforma Agrária no Brasil. Através do espaço conta história e é nele que se luta, que se mostra, que se conquista, mas é também nele que se sofre, que se espera e o temporário se torna uma vida.

De que maneira melhorar as condições dessa vida?

2. o acampamento...

“Tem acampamentos há 10 anos e tem outros que logo se resolvem, mas nunca menos de um ano. Os acampamentos **são o sistema de reivindicação mais eficaz, porém o mais sofrido...** é necessário assistência de saúde... assistência na parte de educação, às vezes na parte de segurança, porque tem muitos acampamentos em que a situação de segurança é precária... fora o número de crianças... até a infraestrutura mesmo, sem água, sem energia... **é muito sério, eu não desejo a ninguém dois ou três anos debaixo de lona preta.**”- RI

“Quando é decretado para o PA (projeto do assentamento) as famílias realmente já entram, **aí desmancha o acampamento que têm e cada um vai para dentro do seu lote e monta outro acampamento la**, aí vai lutar pela moradia.”- RM

“Quando é decretado para o PA (projeto do assentamento) as famílias realmente já entram, **aí desmancha o acampamento que têm e cada um vai para dentro do seu lote e monta outro acampamento la**, aí vai lutar pela moradia.”- RM

2 ... é uma monta e desmonta, é uma mudança, é um começar de novo. Ao longo da batalha a resistência do acampamento em um só lugar é uma tentativa de prorrogar quase a inevitável Reintegração de Posse e a caminhada para outros lugares.

De que forma pensar um lugar para diversos lugares?

3. o barraco...

“Isso depende do número de pessoas e de famílias, quando é só um casal o barraco é menor, quando a família é maior... **o tamanho é variado.... Eles não só usam a lona, às vezes papelão, madeira...** agora a maior deterioriação se dá quando existe uma reintegração, porque a legislação dá o amparo para **que na reintegração de posse, tudo seja desmontado com calma**, com eficiência, que é para não destruir, mas tem horas que não é assim que funciona, **tem hora que acaba com tudo mesmo.** Fora às vezes que fogo aparece, ninguém sabe de onde vêm e é um problema sério até de saúde, tem crianças, tem idosos, mas acontece...acontece.”- RI

“No barraco, é porque é diferente, **você não tem aquele conforto de tá em casa...** e época de calor, se tá debaixo de uma lona sempre a coisa esquenta cada vez mais ou então quando é no frio, esfria demais, sempre é mais vulnerável a uma doença... do que mesmo você estando dentro de uma casa, **numa casa você tá mais protegido**, aqui você tá mais exposto a alguma coisa, a um inseto... ”- AM

“... até tem acampamento por aí que o pessoal tão fazendo já de taipa (os barracos) e coberto de telha, como antigamente, aquelas casas de taipa. ”- A1***

3 ... mostra a diversidade do tempo, de mudanças, de materiais, de espaços e de pessoas, ele mostra uma constante iniciativa de intervenção no espaço por estar num lugar que represente uma 'casa fixa', decorrendo de uma ideologia sobre o morar provisório ser precário e o morar fixo ser adequado.

E o monta e desmonta é inevitavelmente precário?

4. a lona preta...

“Olha o MDA (Ministério da Agricultura)... ele era quem subsidiava o INCRA para a aquisição de lonas, essas lonas eram compradas através de licitação e em número reduzido, porque não é barato!... Agora mesmo o INCRA não tem uma bobina de lona... e **a época é propícia para ter, porque chegou o inverno, mas quando é sol, é por causa do sol, quando é chuva é por causa da chuva...** A reposição da lona quando regular é de seis meses a um ano.”- RI

“O INCRA dava a lona, mas isso a mais de seis meses... porque o governo não está liberando dinheiro, até mesmo para as emissões de posse, ta sendo difícil, mas... tem acampamento que a gente tá fazendo que o pessoal tá cobrindo com palha de coco ou arranja com outras pessoas, tipo desse material que não é a lona que o INCRA dá, mas até isso tá difícil. A lona com pouco tempo o vento e o sol rasgam. ”- RM

“... a lona, porque quando você **bota e tira, ela não serve mais para nada.**”- A3****

4 ... não é uma simbologia de causa, mas de consequência, por ser o material disponibilizado pelo INCRA. Porém diversos materiais são agregados nos barracos pelas diversas circunstâncias e de formas diferentes, mas numa constante busca pela maior durabilidade do barraco.

Que materiais utilizar?

5. as dificuldades...

“No acampamento é porque não tem, é diferente de você tá numa casa, numa moradia digna, próxima de uma cidade... porque quando a gente vai para uma ocupação que monta um acampamento tudo é difícil... **até mesmo parte da sociedade que olha pra gente com diferença**, é esse tipo de coisa que a gente passa... na realidade, que é um ano de seca, a gente dentro da terra não tem como produzir, **porque na seca você não produz...**”- RM

“ Trabalho, porque você vê aqui são várias famílias, você ta vendo aqui três, uns se deslocam para a cidade para trabalhar, a maioria na cidade, aqui são poucos e **às vezes não tem trabalho, uns vive de biquinho...** a dificuldade é trabalho mesmo.”- A1

“... a lona, porque quando você **bota e tira, ela não serve mais para nada.**”- A3****

5 ... estão diretamente ligadas a própria sobrevivência dentro do acampamento. É uma vida frágil, tratada muitas vezes com indiferença pela sociedade, é um efeito dominó. Em períodos de seca prolongados, sem ter o que plantar, vêm a necessidade de trabalho fora, migra-se para a cidade...

Como driblar as adversidades?

6. o quebra - kilos...

“Em relação a essa aqui é, **somos muito privilegiados**, a gente têm duas mercearias, tem um frigorífico, tem igreja católica e evangélica e tem uma escola vizinha... tem um posto de saúde também... **Mas tem acampamento por aí, que nada disso têm.**”- A1

“ ... quando os vizinhos liberam uma terrinha a gente tá lá plantando, né, pra colher o feijãozinho de comer, mas, enquanto isso, não tem... além da chuva tá pouca, né”- A2

“ eu fiz um carroço, o outro cara fez outra, eu fiz um cultivados, vai aparecendo umas coisas e o cara vai desenrolando... não tem onde trabalhar aqui, não tem espaço para você fazer nada, pra plantar um palma, nada, o cara fica de mãos atadas.”- A3

6 ... representa uma exceção à realidade da grande maioria dos acampamentos, pois tem em seu entorno uma oferta de serviços próximos, mesmo numa área rural. Em contrapartida, possui uma carência de espaços necessários à vivência no acampamento, que está além do morar.

Como ocupar o vazio?

7. os serviços básicos...

“Regular, porque não é aquela educação que a gente quer, porque a gente reivindica um tipo de educação... **dentro da agricultura familiar, a gente luta por outro tipo de educação**, porque a educação da cidade... é uma coisa, não é verdadeira, é fictício, não é a realidade mesmo, inclusive a história do nosso país, a luta pela terra que teve, isso tudo não é mensurado...”- A1

“a saúde pública pra o sítio, eu tô dizendo a vocês, pra mim tá bem melhor que a própria Campina... **então assim, pra o que eu acho, no sítio o atendimento da saúde pra gente tá indo bom.**”- A2****

“É difícil, aqui tem um onibus três vezes por semana, vai pela manhã dia sim, dia não, volta meio dia. Se você quiser ir a tarde, não vai”- A1

7 ... retratam a ambiguidade da existência do serviço básico versus a qualidade de sua oferta, consequentemente afetando o atendimento das reais necessidades da vida no campo.

De que jeito aprimorar os acessos e serviços?

8. as melhorias...

“O acampamento é uma coisa que se faz pensando a curto prazo, só que não acontece. Eu vejo que é muito difícil a gente mostrar o que seria ideal, porque se tivesse toda a infra-estrutura, todo o aparato, condições de se viver dignamente deixaria de ser acampamento e passaria a ser um mini-assentamento. O acampamento ele utiliza na últimas das formas de apressar, de chamar atenção da sociedade para as necessidades deles. Ninguém vai para lá, querendo aparecer ou o povo gostar de sofrer, o sofrimento é grande. Tem parte que não tem água, a parte de saúde e higiene muito precárias. Fora muitas pessoas que se infiltram no movimento que na realidade não tem nada a ver com trabalhador, que não tem as características, que não apresentam os requisitos e que às vezes criam sérios problemas... já houve estupro, já houve roubo, já houve morte, porque? Por causa da aglomeração e a gente não tem como identificar, porque o INCRA faz o cadastro de todos os acampados, com xerox dos documentos, com tudo... mas não tem jeito, foge do controle, a verdade é essa.”- RI

“Em primeiro lugar seria o seguinte: a terra que a gente tivesse reivindicando, o governo decretasse, isso seria uma coisa, porque é a única coisa que a gente quer...”- RM

“A melhoria é o seguinte, saneamento, que é coisa básica, água, essas coisas assim...”- A1

8... mostram o acampaemnto como uma ferramenta de luta sofrida e indesejada, que se pudesse não existiria, mas, ao mesmo tempo é a forma mais expressiva e eficaz para a conquista da terra, o que reafirma sua importância e necessidade como meio entre o direito a Reforma Agrária e a sua real realização.

Buscando as respostas...

sistematizando as necessidades



Figura 27: Palavras-chave

Fonte: elaborada pela autora.

_ estudos correlatos

casas paper log

O arquiteto Shigeru Ban se dedicou sobre a relação da arquitetura, construção e sociedade. Durante os anos 80, começou a experimentar estruturas de papelão e tubos de papel, como resposta a questões de sustentabilidade e funcionalidade, associadas a estética.

As Casas Paper Log foram projetadas em 1995 para atender as pessoas em situação de emergência, após um grande terremoto ocorrido em Kobe, Japão. Ao longo do tempo, a estrutura foi sendo adaptada e utilizada pelos sobreviventes dos terremotos na Turquia e Índia e os desabrigados durante a guerra civil na Ruanda. Além do impacto social, é importante destacar a utilização de materiais recicláveis, bem como, a construção rápida de fácil montagem, desmontagem e transporte.

O arquiteto continua a desenvolver outros projetos com materiais alternativos e reciclados que se destacam como uma arquitetura experimental e social.

“O que seria um prédio permanente?
E um prédio temporário?
Mesmo um prédio feito de papel pode ser permanente, desde que as pessoas gostem.”

- Shigeru Ban

Fonte:
www.indayear2studio-1314s1.blogspot.dk/2013/09/pins-case-study-shigeru-bans-paper-log.html#.WNxAJ_I96Uk
(15/03/2017), editado pela autora.



Figura 28: Paper log

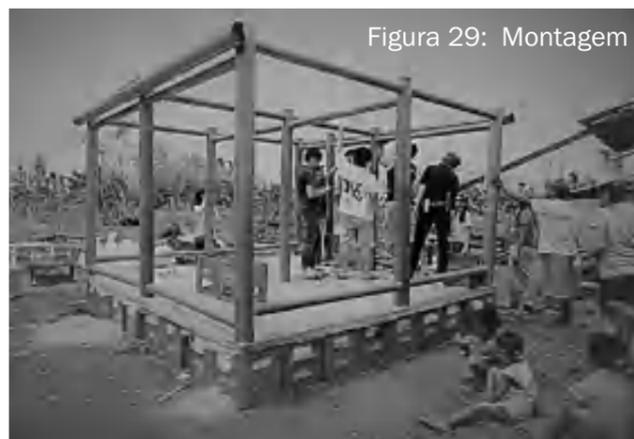


Figura 29: Montagem



Figura 30: Interior (outra proposta de vedação)

FICHA TÉCNICA:

localização:	Kobe, Japão
data de finalização da construção:	1995
tipo de estrutura:	tubos de papelão
área:	~11,85 m ²
tempo para ser erguido no terreno:	menos de 6 horas
materiais:	caixas de cerveja sacos de areia compensado tubos de papelão com diâmetro de 108 mm e espessura de 4mm (comprimento de na base e 2,15m nas vedações) lona plástica
base:	30 tubos de papelão (3,18m de comprimento)
vedação:	80 tubos de papelão (2,12m de comprimento) + 24 tubos de papelão (1,20m de comprimento)
porta:	1 feita de compensado (2120mm x 848mm)
janelas:	3 feitas de compensado (950mm x 848mm)
áreas molhadas:	não presentes na unidade habitacional
pessoas necessárias para erguer:	1- 20
mão-de-obra:	não é necessária mão-de-obra experiente ou especializada
custo da obra:	inferior a 2.000 dollars (unidade)

Figura 31: as dimensões da paper log

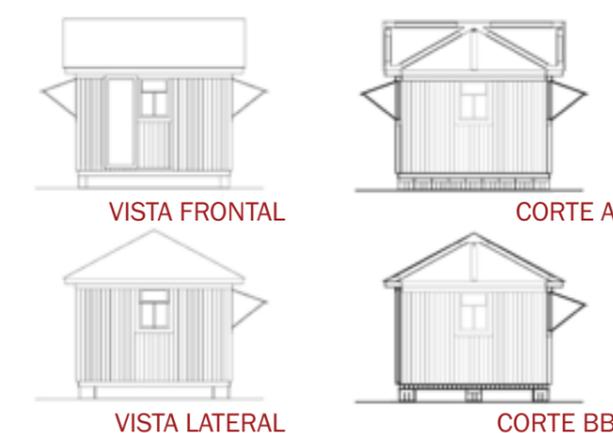
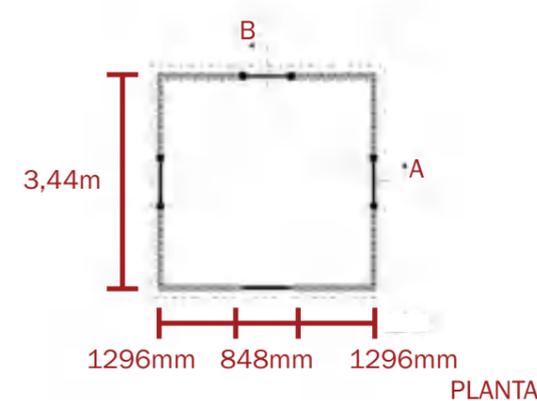
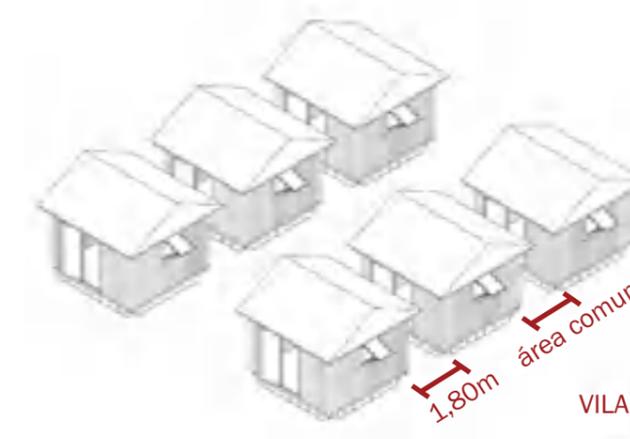




Figura 32: Compreendendo a paper log

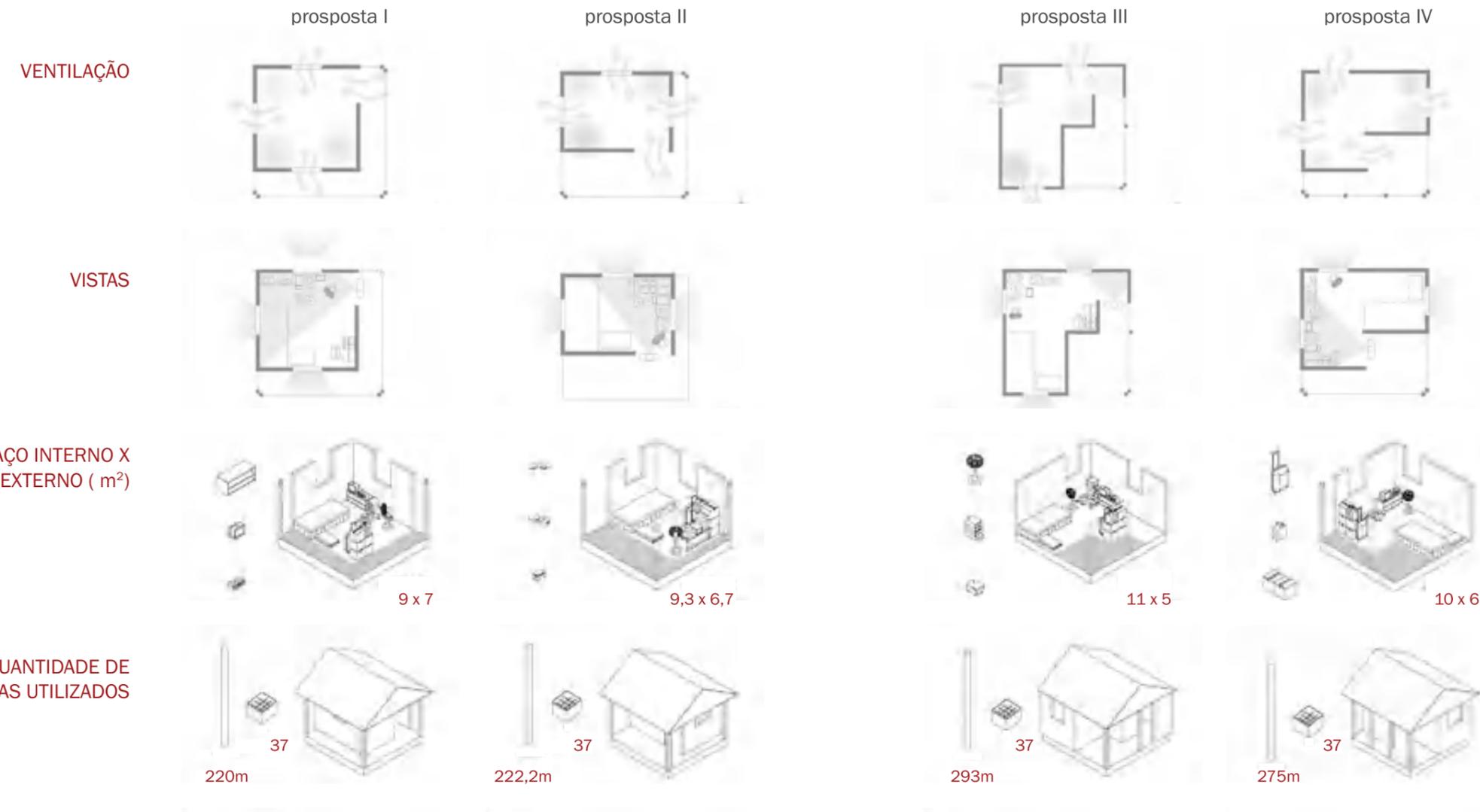


Figura 33: Outras propostas

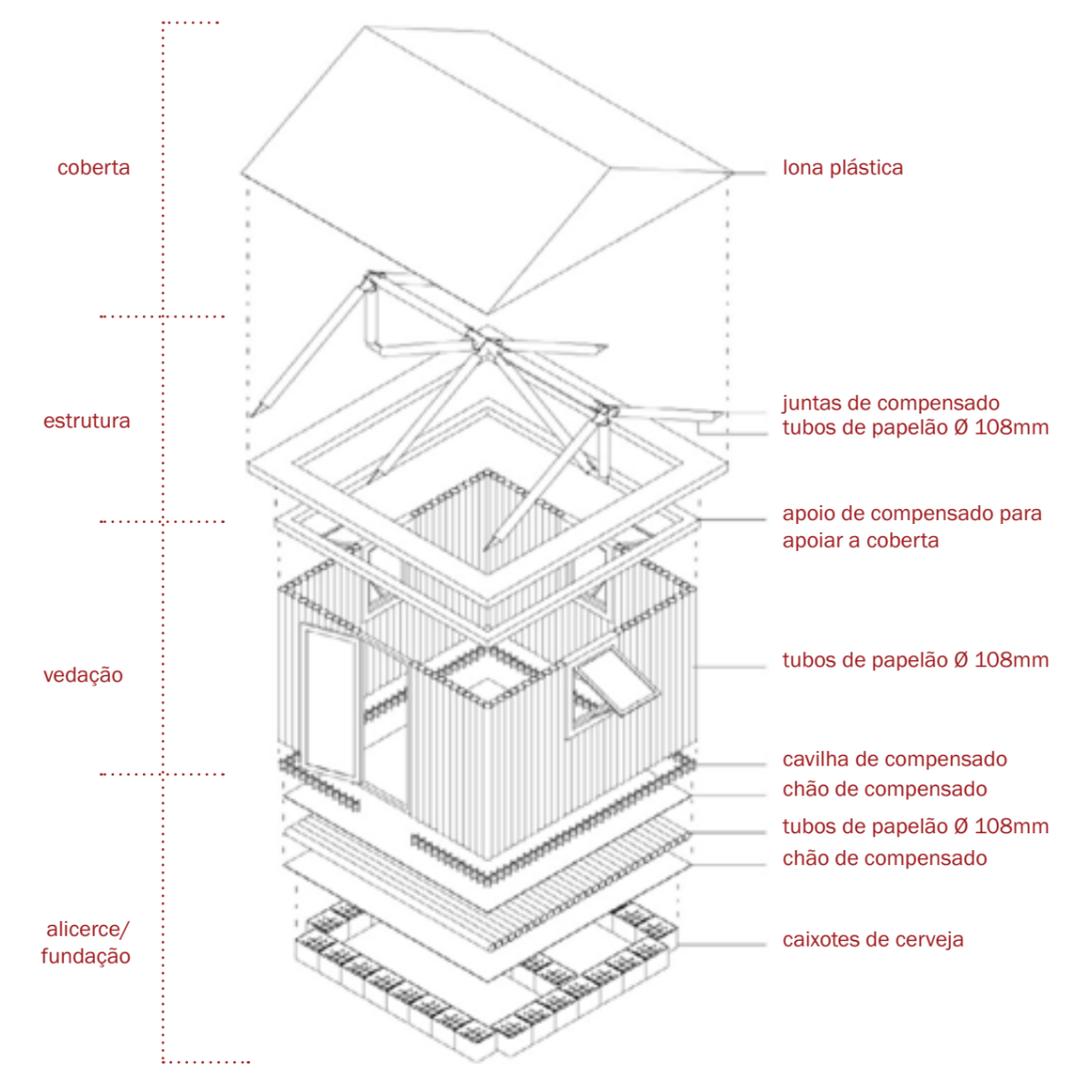


Figura 34: A composição da Paper Log

Figura 35: Tenda IKEA

tenda IKEA

FICHA TÉCNICA

estrutura: metálica, unidos por conectores e cabos
montagem: 4-8 horas, sem ferramentas

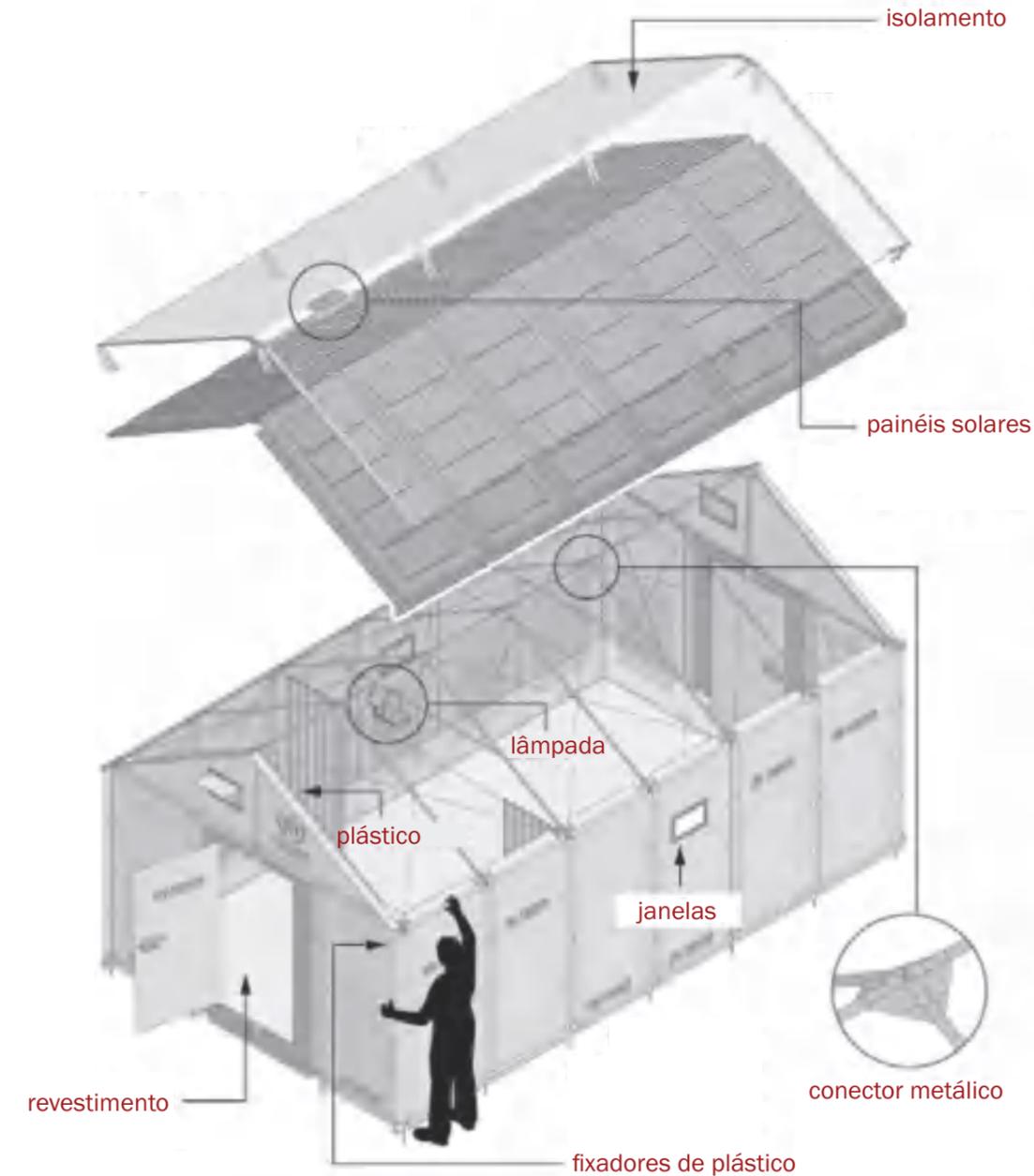
área: 17,5 m²
peso: 100kg
capacidade: até 5 pessoas

largura: aproximadamente 3,0m
comprimento: aproximadamente 6,0m

revestimento: chapa de plástico
telhado e paredes: plástico leve semi-rígido, encaixados na armação de metal por fixadores de plástico

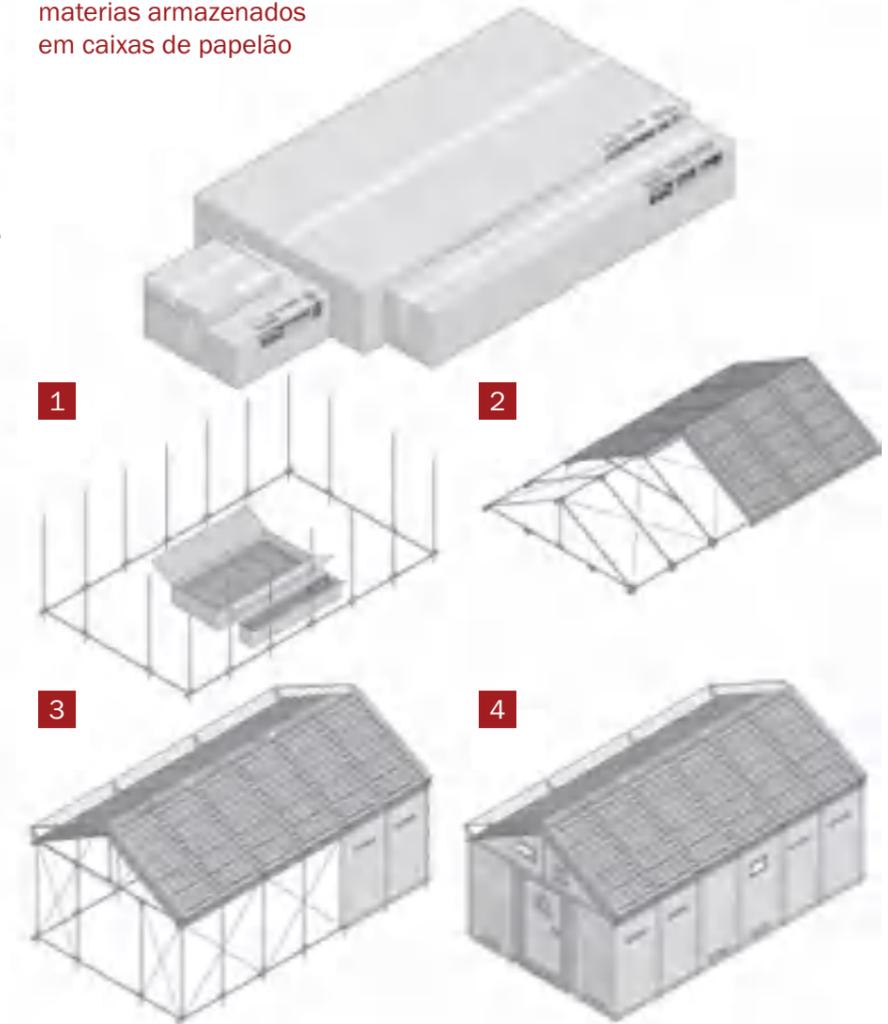
iluminação: energia solar
isolamento: tecido metálico, dissipa o calor durante o dia e retém a noite

duração: mínima de 3 anos, podendo ser montada e desmontada
custo: 638 libras (unidade, com produção em larga escala)



ETAPAS DE MONTAGEM

materias armazenados em caixas de papelão



Fonte: Fundação IKEA, editado pela autora.

Fonte:
www.designboom.com/architecture/provisional-permanence-civic-spaces-refugee-camps-02-16-2017/
 (10/03/2017), editado pela autora.

os espaços coletivos nas habitações provisórias

Os espaços coletivos são necessários para estimular a dinâmica social e melhorar a qualidade de vida das pessoas, seja numa cidade ou num acampamento. A partir dos abrigos desenvolvidos pela IKEA (empresa holandesa de varejo de móveis) a equipe de arquitetos composta por Daniel Aguilar, Cameron Overy e Graham Sandelski, elaborou propostas de inserção de espaços comunitários em campos de refugiados, a partir dos materiais disponíveis encontrados nos abrigos IKEA, geralmente combinando de duas a quatro unidades. (Figuras 36, 37, 38, 39, 40, 41,42 e 43)

Figura 36: Desconstruindo o abrigo IKEA

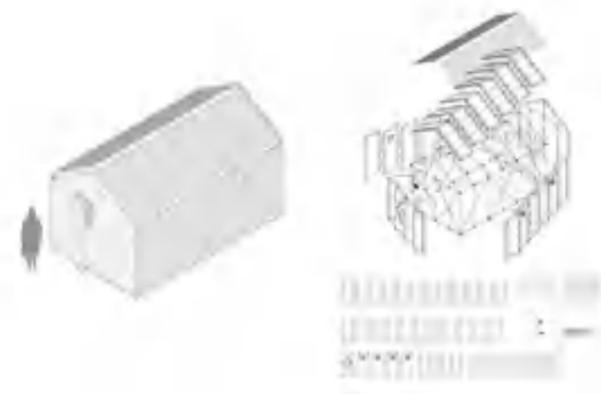


Figura 39: Dois abrigos para formar uma escola

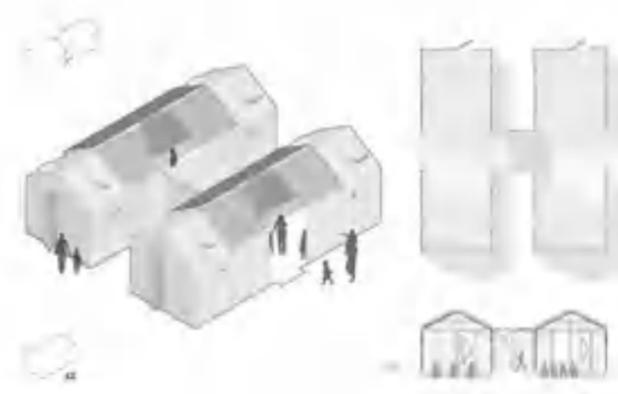


Figura 40: Dois abrigos transformados em um auditório

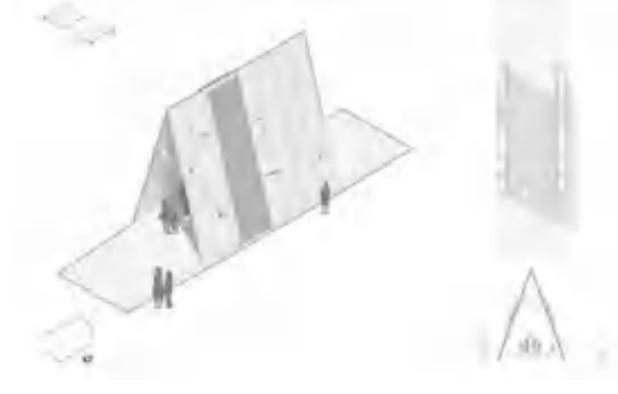


Figura 41: Três abrigos viram um capela

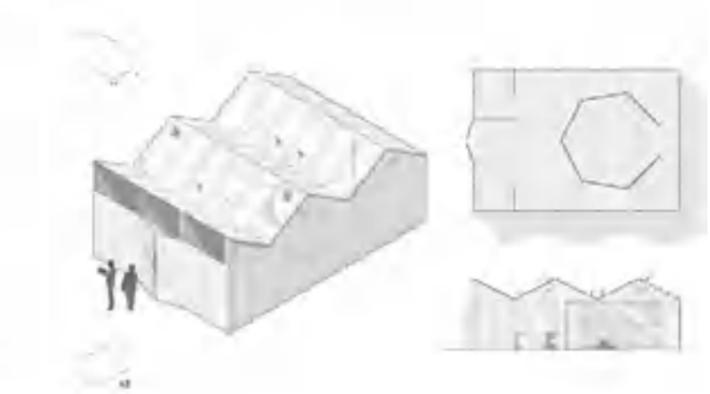


Figura 42: Quebrando a regularidade



Figura 43: Cobertura que permite o fluxo constante e desobstruído de pessoas



Figura 37: Intervenções numa malha regular de abrigos



Figura 38: Quatro abrigos formam um mercado

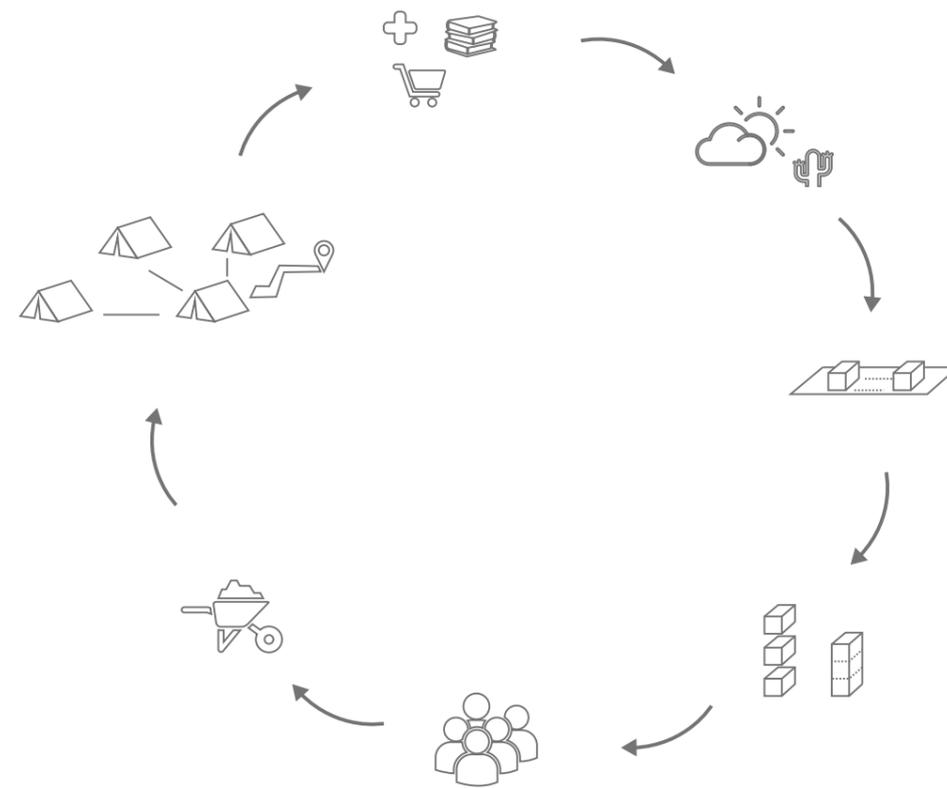
como intervir?

Os estudos realizados apresentaram princípios para o projeto de unidades habitacionais e espaços coletivos. Foram observadas a importância dos materiais para a execução das propostas, bem como estes podem ser rearranjados para gerar novos espaços com usos distintos. A abordagem construtiva quanto a estrutura, base e vedações, a quantidade de materiais, os diferentes encaixes e as estratégias para ventilação e iluminação. As questões abordadas nos estudos de caso, bem como as necessidades observadas no Acampamento Quebra-Kilos subsidiaram a elaboração dos conceitos para este trabalho, sendo eles: (Figura 44)

acessibil
adaptabil
durabil
flexibil
material
mobil
sustentabil
viabil

com:UNIDADE

Figura 44: Princípios



Fonte: elaborada pela autora.

_ a PROPOSTA

programa de necessidades preliminar

Baseando-se na visita ao Acampamento Quebra- Kilos, foi elaborado um Programa de Necessidades Preliminar que considerasse aproximadamente o número de famílias atuais, os espaços coletivos existentes e possíveis áreas para implantação de equipamentos de uso coletivo e atividades relacionadas a sobrevivência da vida no campo.

TIPOS	qntd.	Total (m ²)	COMENTÁRIO
Sozinho (unidade com 18 m ²)	10	90	
Casais (unidade com 27 m ²)	5	135	
Famílias (unidade com 36 m ²)	5	180	
ÁREAS COBERTAS			
Unidade habitação	20	285	Tamanho médio igual a 27m ²
* Unidade escolar	1	18	
* Unidade saúde	1	18	
Centro Comunitário	1	18	
Oficina	1	18	
		357	
ÁREAS DESCOBERTAS			
** Plantio	1	1600	40m ² / pessoa
** Criação de animais I (porco)	3	192	
** Criação de animais I (bode)	2	93	
** Criação de animais I (galinha)	13	60	
Playground	1	18	
		1963	
AVALIAÇÃO			
Terreno atual		1158	Sua dimensão não atende a real necessidade do acampamento.
PROPOSTA			
Área total		2320	
Espaço residual = + 25% da área total		580	Área destinada aos espaços de transição/ circulação.
		*** 2900	

COMENTÁRIOS GERAIS

* A proposta engloba a unidade escolar e de saúde, já que na grande maioria dos acampamentos exista a carência de equipamentos públicos próximos, assim sendo construídos no próprio local.

** Este trabalho não tem como objetivo um aprofundamento nos dimensionamentos necessários a áreas de plantio e criação. Os valores de área adotados, estão baseados na pesquisa realizada pelo Small Foot Print Family. (<https://www.smallfootprintfamily.com/how-much-land-is-needed-to-be-self-sufficient>)

*** Essa área será obtida através da incorporação do terreno vizinho ao acampamento, que já tem parte de sua área cedida e utilizada pelos acampados para criação e plantio, visto que o terreno atual, não possui dimensões adequadas.

redimensionando a área de intervenção

O Programa de Necessidades Preliminar revelou a carência de uma área maior para abrigar a proposta do Acampamento Quebra- Kilos, que atualmente ocupa um área igual a 1.158m², ao passo que o P.N.P. demandou 2.900m², sendo a área utilizada para proposta.



os materiais

Os materiais tem extrema relevância na construção do acampamento, no qual a **lona preta** abriga o símbolo que marca o início da luta do Movimento sem-terra. O acampamento pode permanecer no mesmo lugar desde do início ou migrar, mas as modificações que ocorrem estão claramente ligadas as necessidades de adaptações, resistência e sobrevivência dos acampados além da disponibilidade dos materiais encontrados. Logo, as diversas modificações que ocorrem nos barracos, como acréscimos, substituições e remoções de materiais, afetam diretamente a sua durabilidade e muitas vez o seu tamanho, forma e arranjo.

Sendo os materiais o meio de expressão construtiva mais incisivo no acampamento, o projeto tomará partido de um estudo de materias, avaliando a relação destes com as principais necessidades presentes nos acampamentos. Para análise, foram escolhidos materiais já utilizados pelo MST como, por exemplo a lona plástica, também foram adotados outros materiais que pudessem se adequar a realidade do Movimento com os critérios para a seleção que se basearam na função, propriedades físicas, flexibilidade em relação ao reuso e deslocamento dos mesmos, bem como custo e dimensões, entendendo que existe uma grande variação nesses fatores.

Através deste estudo objetivou-se encontrar os materias que resultariam numa alternativa projetual para os barracos em relação a base, estrutura e vedação, a partir do cruzamento das características mais relevantes. É necessário enfatizar que os demais materiais não necessariamente estão excluídos, considerando que podem ser utilizados para construção de divisórias internas, esquadrias, mobiliários, entres outros.

listas de materiais selecionados e suas características

MATERIAL	base	estrutura	vedação	dimensão (mm)	custo (R\$)	reuso	transporte (carroça)	Isolante térmico	resistência a umidade
Caixote de cerveja	x	x	x	690 x 940 x 770	17,50/un.	x	fácil		x
Pallet	x	x	x	800 x 1200 x 170	15,00/un.	x	médio		
Andaime de aço		x		1000 x 1500	60,00/un.	x	médio		x
Tapume			x	1220 x 2200 x 8	42,90/un.	x	médio	x	x
Chapa de Policarbonato Compacto			x	1000 x 500 x 3	90,00 / m ²	x	fácil	x	x
Sacos de Areia (Polipropileno)	x	x	x	355 x 660	1,56/ un.		fácil	x	x
Bambu		x	x	r= 415	-	x	fácil	x	
Garrafa PET	x		x	h= 320 / r= 70	1,80/kg	x	fácil	x	x
Adobe		x	x	100 x 100x 200 ou 200 x 200 x 400	-		-	x	
Chapa PVC rígido			x	200 x variado (comprimento)	90,0 / m ²	x	fácil	x	x
Palha			x	1200 x 600 x 400	0,65 /kg	x	fácil	x	
Lona plástica			x	variado	1,30 / m ²	x	fácil		x
Telha Fibrocimento			x	ondulada de 5 mm	16,00 / m ²	x	médio		x
Tecidos diversos			x	variado	-	x	fácil	x	
Papelão			x	variado	-		fácil	x	
Galão de tinta 20L	x			400 x 250 x250	-	x	fácil		x

possibilidade de utilização



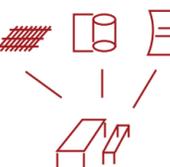
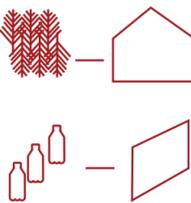
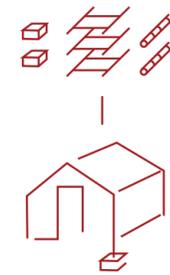
BASE				
	reuso	transporte (carroça)	resistência a umidade	
Caixote de cerveja	x	fácil	x	
Pallet	x	médio		
Sacos de Areia (Polipropileno)		fácil	x	
Garrafa PET	x	fácil	x	

ESTRUTURA				
	reuso	transporte (carroça)	resistência a umidade	
Caixote de cerveja	x	fácil	x	
Pallet	x	médio		
Andaime de aço	x	médio	x	
Sacos de Areia (Polipropileno)		fácil	x	
Bambu	x	fácil		
Adobe		-		

VEDAÇÃO					
	reuso	transporte (carroça)	Isolante térmico	resistência a umidade	
Caixote de cerveja	x	fácil		x	
Pallet	x	médio			
Tapume	x	médio	x	x	
Chapa de Policarbonato Compacto	x	fácil	x	x	
Sacos de Areia (Polipropileno)		fácil	x	x	
Bambu	x	fácil	x		
Garrafa PET	x	fácil	x	x	
Adobe			x		
Chapa PVC rígido	x	fácil	x	x	
Palha	x	fácil	x		
Lona plástica	x	fácil		x	
Telha Fibrocimento	x	médio		x	
Tecidos diversos	x	fácil			
Papelão		fácil	x		

o ponto de partida (o)

Entendendo o acampamento do MST como um espaço em construção ao longo do tempo, a proposta interpreta essa realidade criando um processo projetual que irá ocorrer em etapas, possibilitando a transformação e aperfeiçoamento do acampamento. Aprimorando o modelo de colaboração já existente entre INCRA e MST, propõe-se, neste trabalho, um modelo de gestão alternativo em que a estrutura principal seria fornecida pelo INCRA e os demais materiais seriam adquiridos pelo MST.



1 BASE E ESTRUTURA

ENCARREGADO: INCRA

O QUÊ? Caixote de cerveja, andaime, bambu e galão de tinta.

POR QUÊ? Estabilidade e durabilidade.

COMO? Todas as famílias recebem esse suprimentos básicos no início do acampamento.

2 VEDAÇÃO E COBERTA

ENCARREGADO: MST

O QUÊ? Garrafa PET, chapa de PVC rígido, tapume, telha de fibrocimento, palha, lona plástica.

POR QUÊ? Facilidade de obtenção.

COMO? Obtidos ao longo do tempo das mais variadas formas, através de doações, reciclagem, custo baixo, etc.

3 USOS DIVERSOS

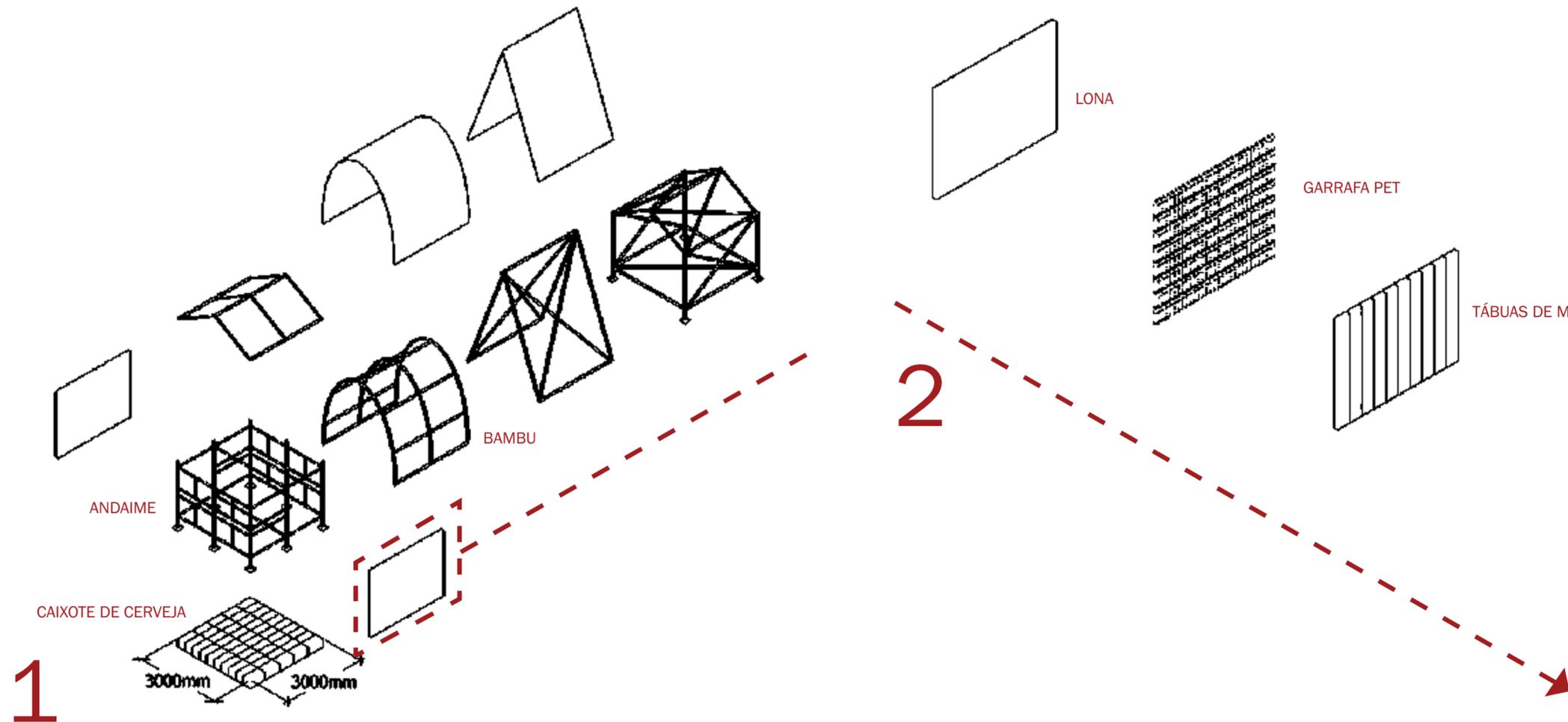
ENCARREGADO: MST

O QUÊ? Pallet, sacos de areia, adobe, tecidos diversos, papelão.

POR QUÊ? Facilidade de obtenção.

PARA QUÊ? Divisórias internas, esquadrias, mobiliários, etc.

COMO? Obtidos ao longo do tempo das mais variadas formas, doações, reciclagem, custo baixo, etc.



conceito

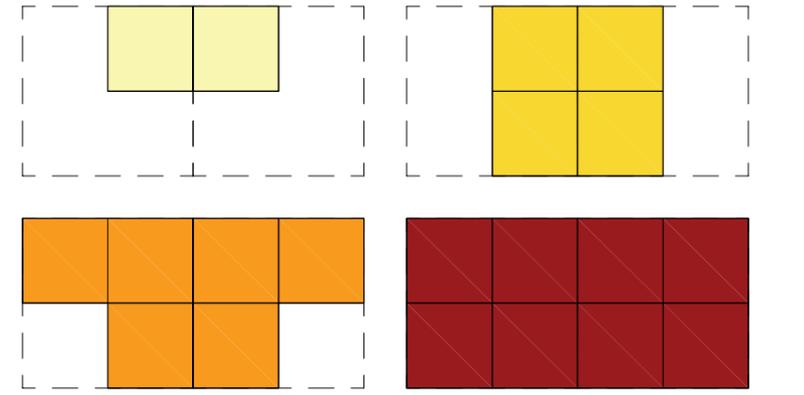
As vedações vão mudando gradativamente de acordo com os materiais que os acampados vão conseguindo. Por serem organizadas em pequenos módulos de acordo com o tipo de estrutura e forma, a substituição e o aprimoramento se torna mais fácil.

3

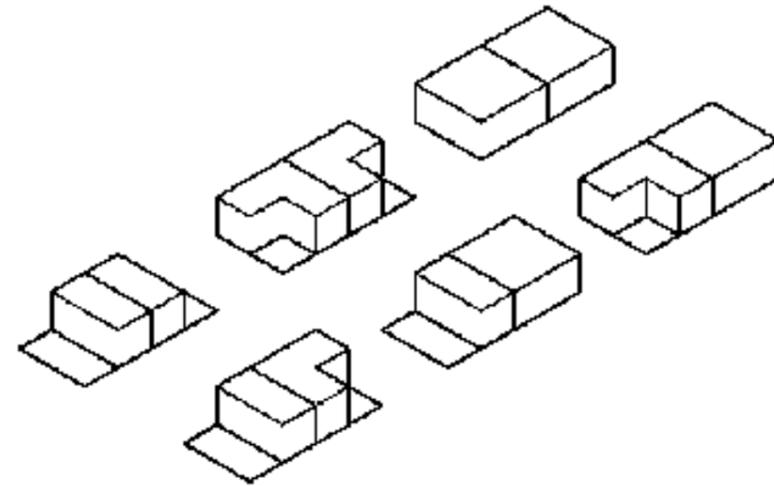
espacialidade I unidades

É proposto que as habitações sejam geminadas para otimizar a ocupação do espaço, bem como a utilização dos materiais. O módulo estrutural seria de 3x3m (9m²), podendo ser agrupado e produzir habitações com tamanhos variados. Assim, cada família teria o direito de ocupar até 36m² de área construída no acampamento, sendo a ocupação total ou parcial de acordo com o tamanho e a necessidade da família. Caso a habitação não ocupe os 36m², a área residual vêm a ser utilizada como espaço semi-público para hortas, zona de estar sombreada ou captação d'água. Desta forma, 4 tipos de habitações foram gerados variando entre 9m² e 36m² que ao serem agrupados criam arranjos diversos e cada família receberia um kit com a quantidade de material suficiente para sua construção. Importante ressaltar que, pelo fato das habitações serem geminadas existe uma economia de materiais que possibilita a construção das áreas comuns ou, por ventura, estes poderiam ser utilizados por famílias que não receberam o kit do INCRA.

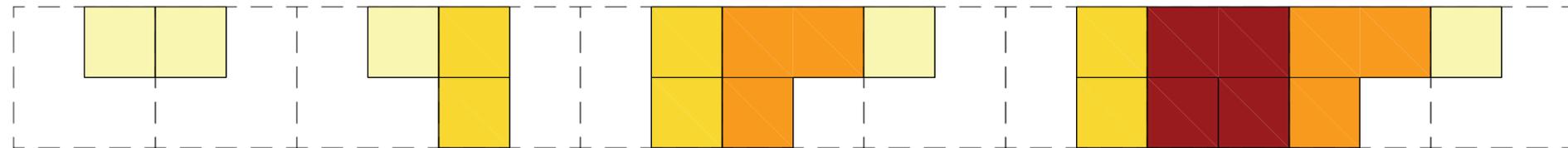
LEGENDA:
 9m² (light yellow)
 18m² (yellow)
 27m² (orange)
 36m² (dark red)



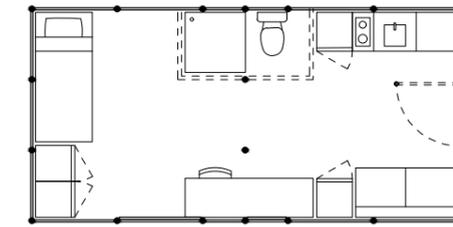
ESCALA: 1.250



como funcionam as unidades geminadas? ALGUMAS POSSIBILIDADES...

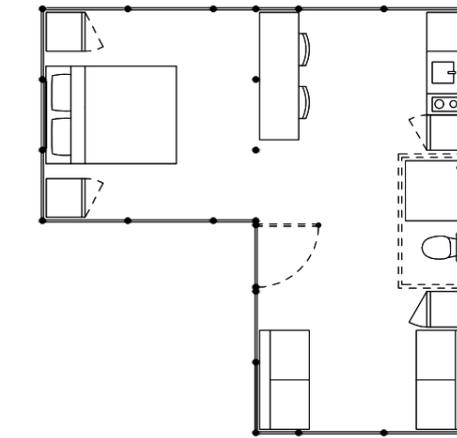


tipos



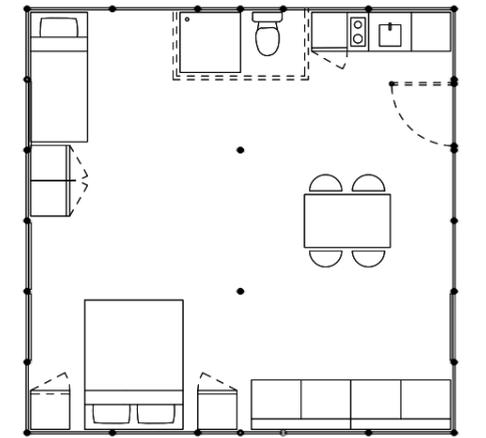
tipo 01

individual_ 18m²



tipo 02

casal_ 27m²



tipo 03

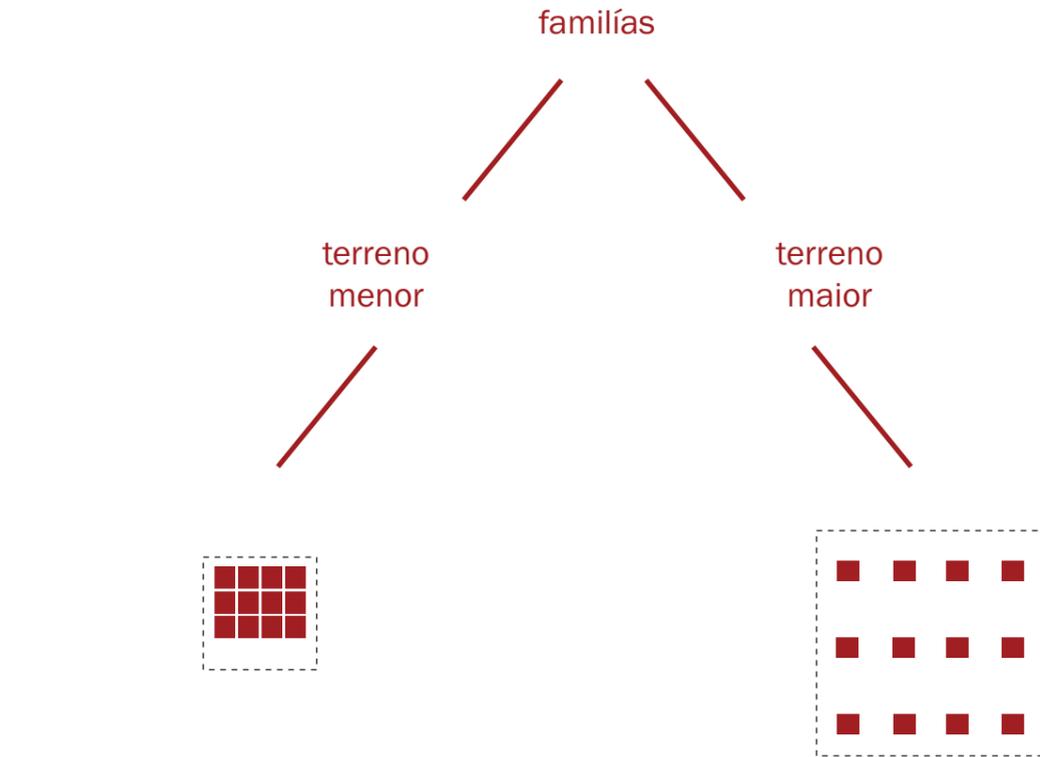
família_ 36m²

arranjos

O estudo de arranjos das unidades habitacionais buscou encontrar as possibilidades de organização espacial para um acampamento do MST, com o propósito de identificar qual seria a mais viável para o Quebra- Kilos de acordo com as suas demandas e necessidades.

O critério utilizado para este estudo foi a variação do tamanho do terreno para um mesmo número de famílias. A partir destes parâmetros, foram geradas duas combinações distintas, com a concentração e a dispersão das habitações e espaços comunitários dentro do lote, refletindo a própria organização do MST após a conquista da terra e a construção dos assentamentos, em sistema de agrovila ou casa no lote. Logo, o próprio arranjo do acampamento tem um poder de funcionar como uma provocação as relações sociais entre as famílias e das mesmas com o meio que ocupam.

No caso do acampamento Quebra- Kilos, o terreno possui dimesões mínimas que para atender o programa de necessidades sugere uma concentração das habitações.



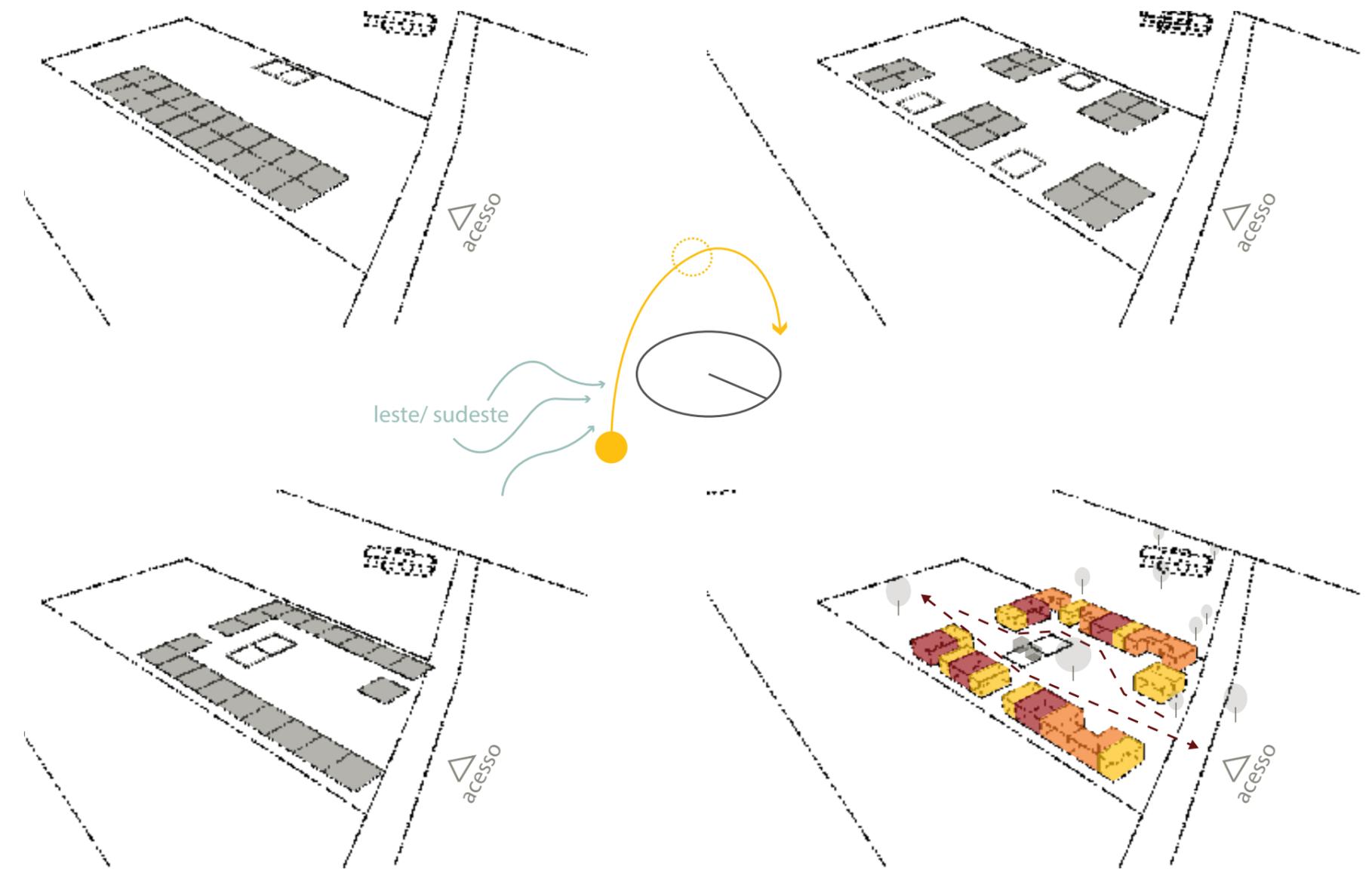
Concentração no lote

- Infra-estrutura concentrada;
- As unidades habitacionais podem ser conjugadas;
- Área livre centralizada para plantio e criação de animais;
- Menor espaço de transição entre as unidades;

Dipersão no lote

- Infra-estrutura dispersa;
- As unidades habitacionais são isoladas;
- Fragmentação da área livre para plantio e criação de animais;
- Maior espaço de transição entre as unidades;

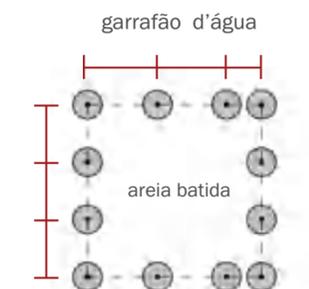
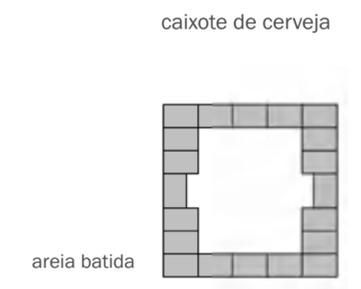
evolução do partido



experimentando

A partir do módulo de estudo de 3x3m, os seguinte estudos foram desenvolvidos no intuito de obter soluções quanto ao material para base, formato da coberta e estratégias de conforto térmico para a habitação.

Os vãos que primeiramente eram todos de 1000mm, foram redimensionados para apoiar a calha, variando entre 600mm, 1000mm e 1200m.

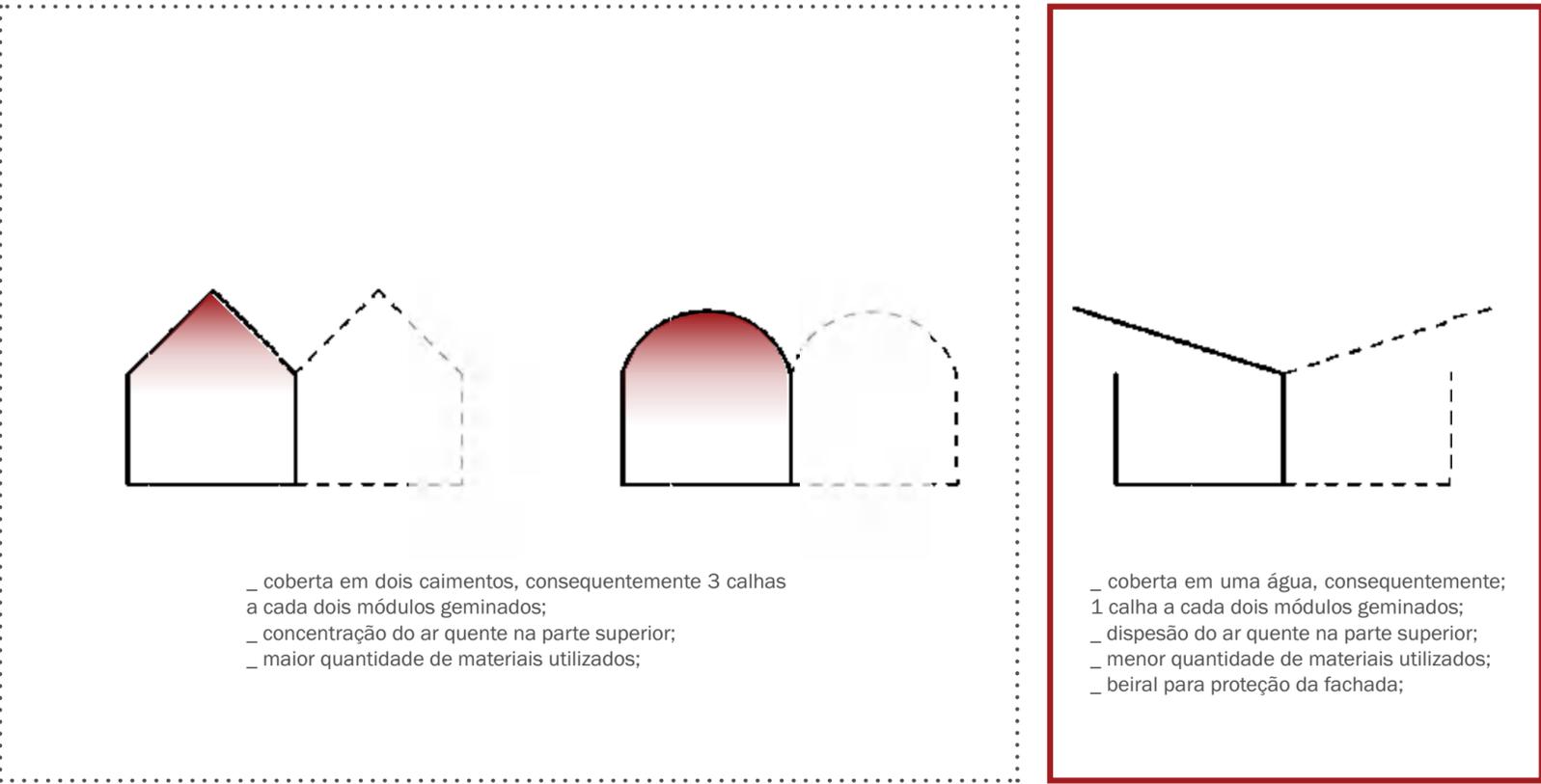


maior ----- **CUSTO** -----> menor

embasamento

cobertura

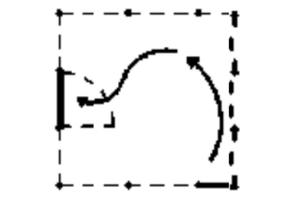
conforto térmico



- _ coberta em dois caimentos, consequentemente 3 calhas a cada dois módulos geminados;
- _ concentração do ar quente na parte superior;
- _ maior quantidade de materiais utilizados;

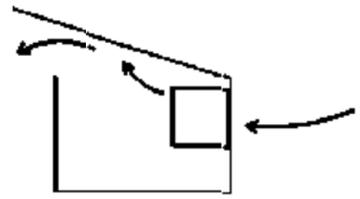
- _ coberta em uma água, consequentemente; 1 calha a cada dois módulos geminados;
- _ dispenção do ar quente na parte superior;
- _ menor quantidade de materiais utilizados;
- _ beiral para proteção da fachada;

CIRCULAÇÃO DE AR CRUZADA



Aberturas distanciadas para melhorar a circulação de ar dentro do ambiente.

EFEITO CHAMINÉ



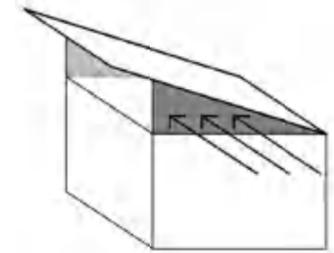
Ventilção por diferença de temperatura.

TELHADO DE GARRAFA PET



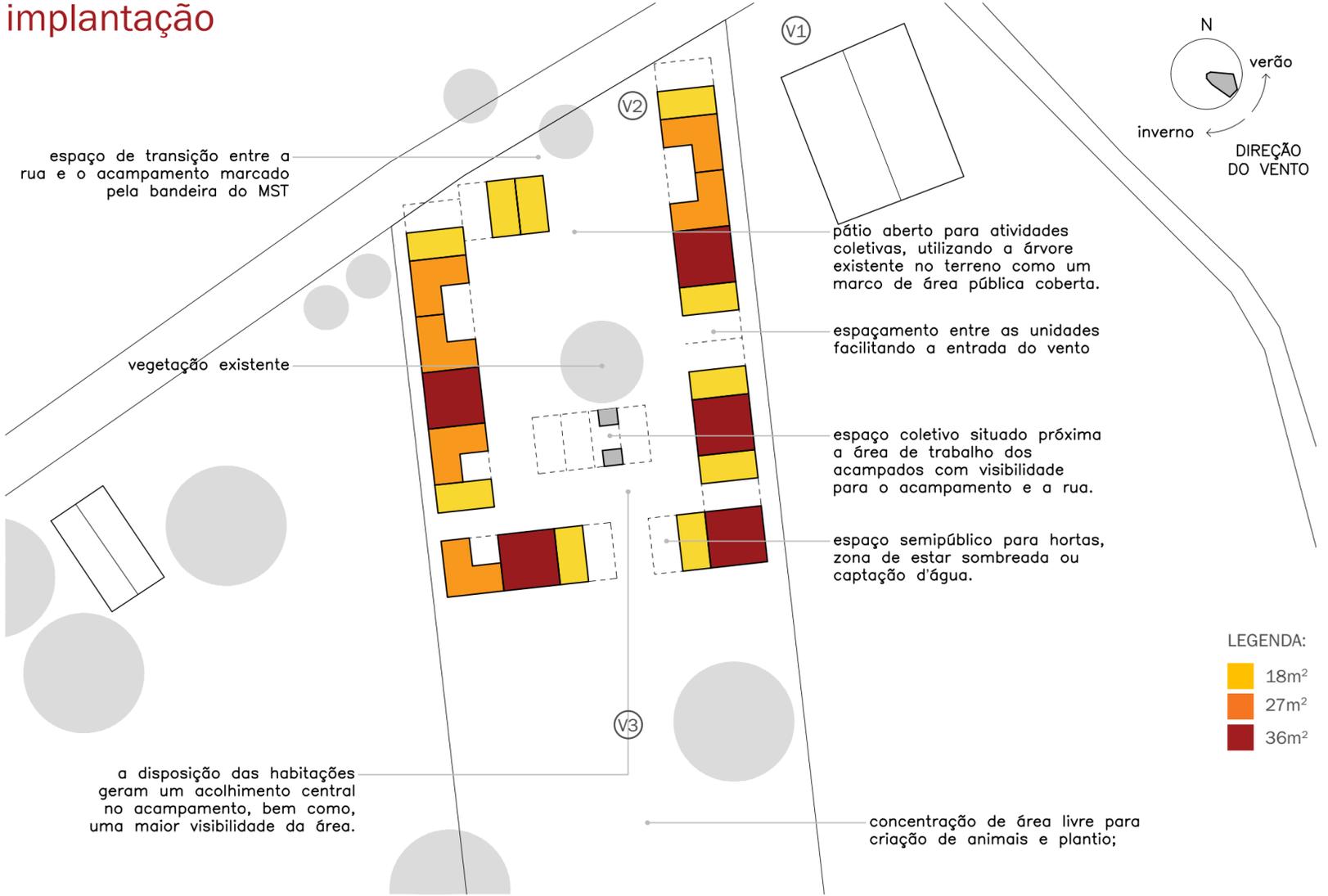
O telhado de garrafa PET oferece resistência mecânica, além de ser leve e suportar altas temperaturas.

MATERIAIS QUE PERMITEM A ENTRADA DE LUZ

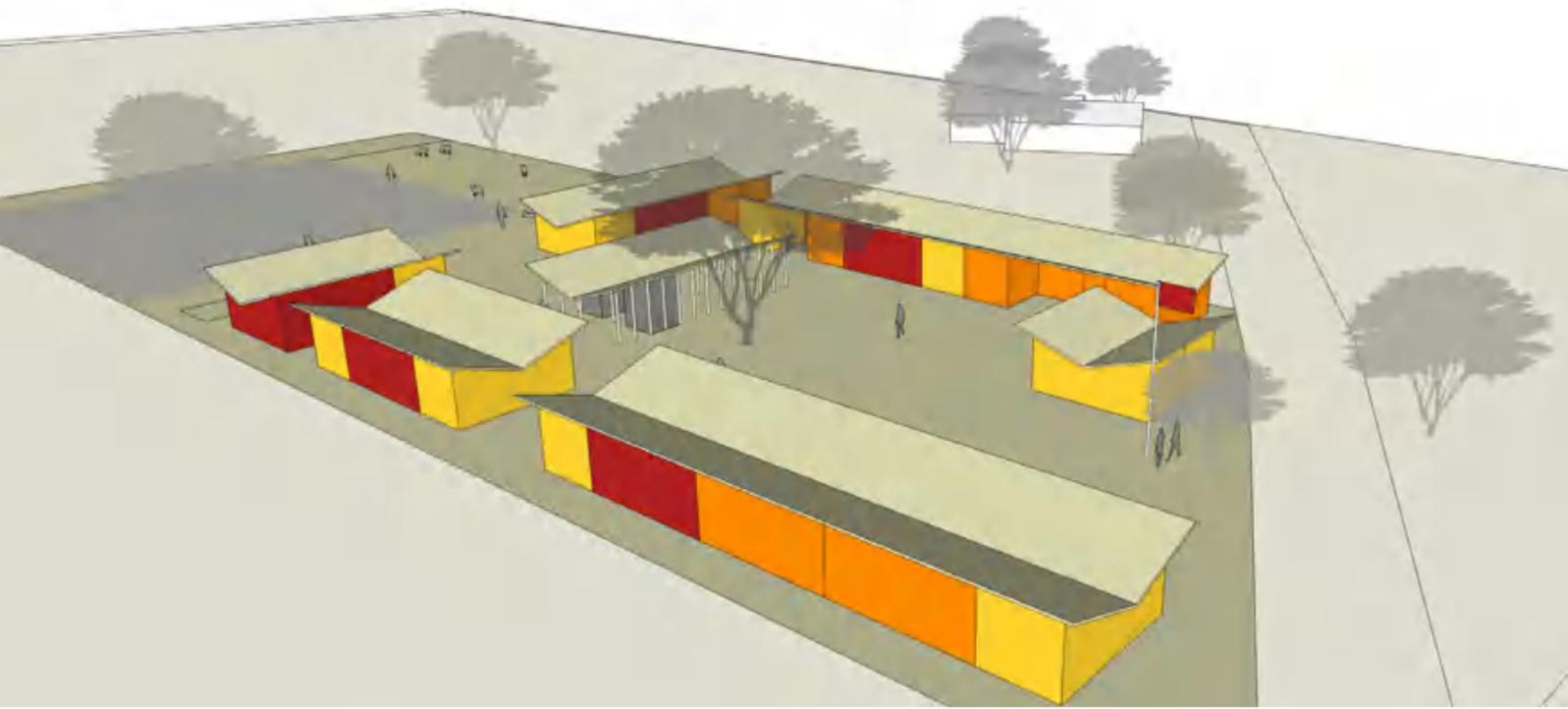


As aberturas elevadas são vedadas com materias que permitem a entrada de luz.

implantação



V1_axonométrica



V2_acesso



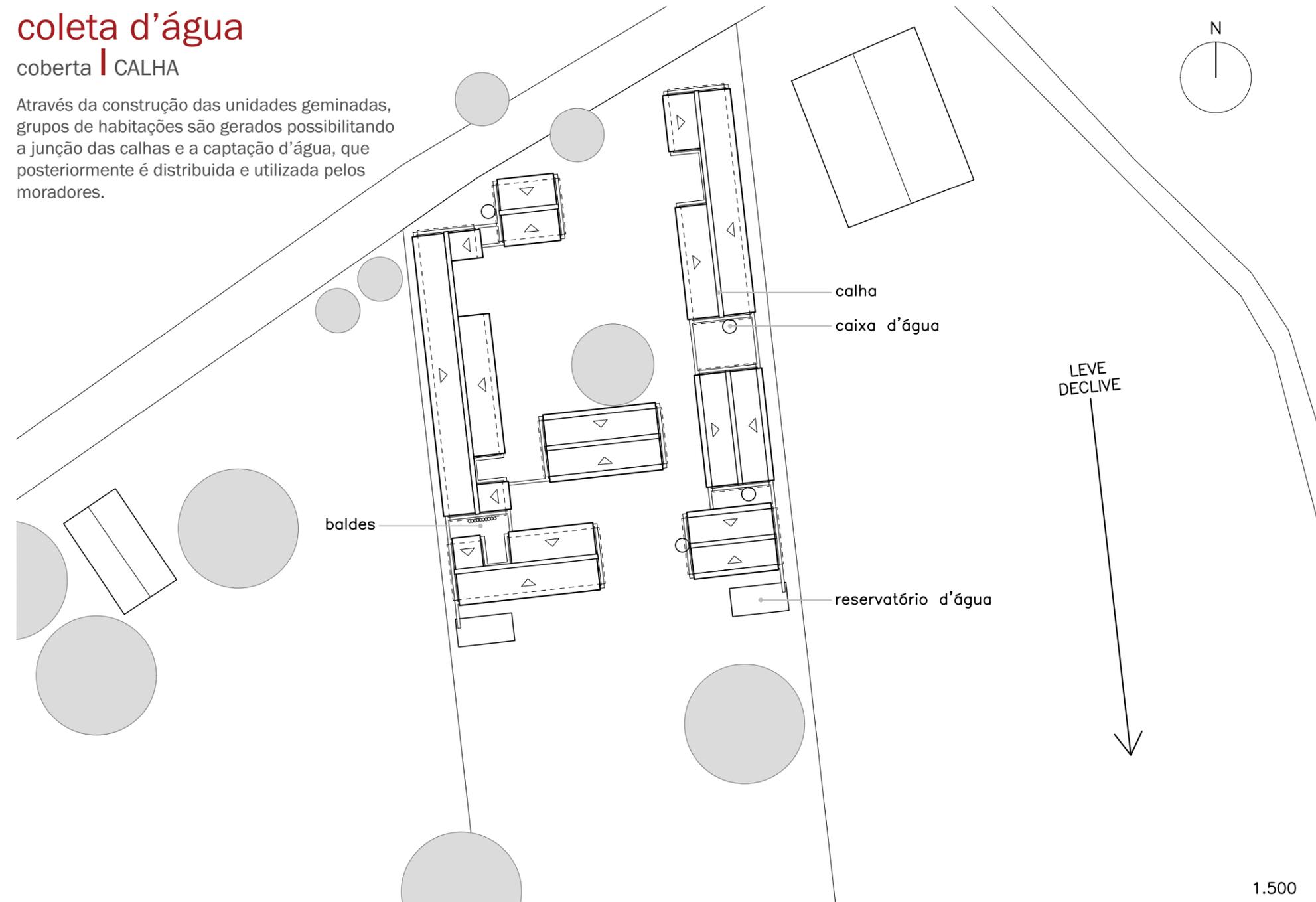
V3_área para criação de animais e plantio



coleta d'água

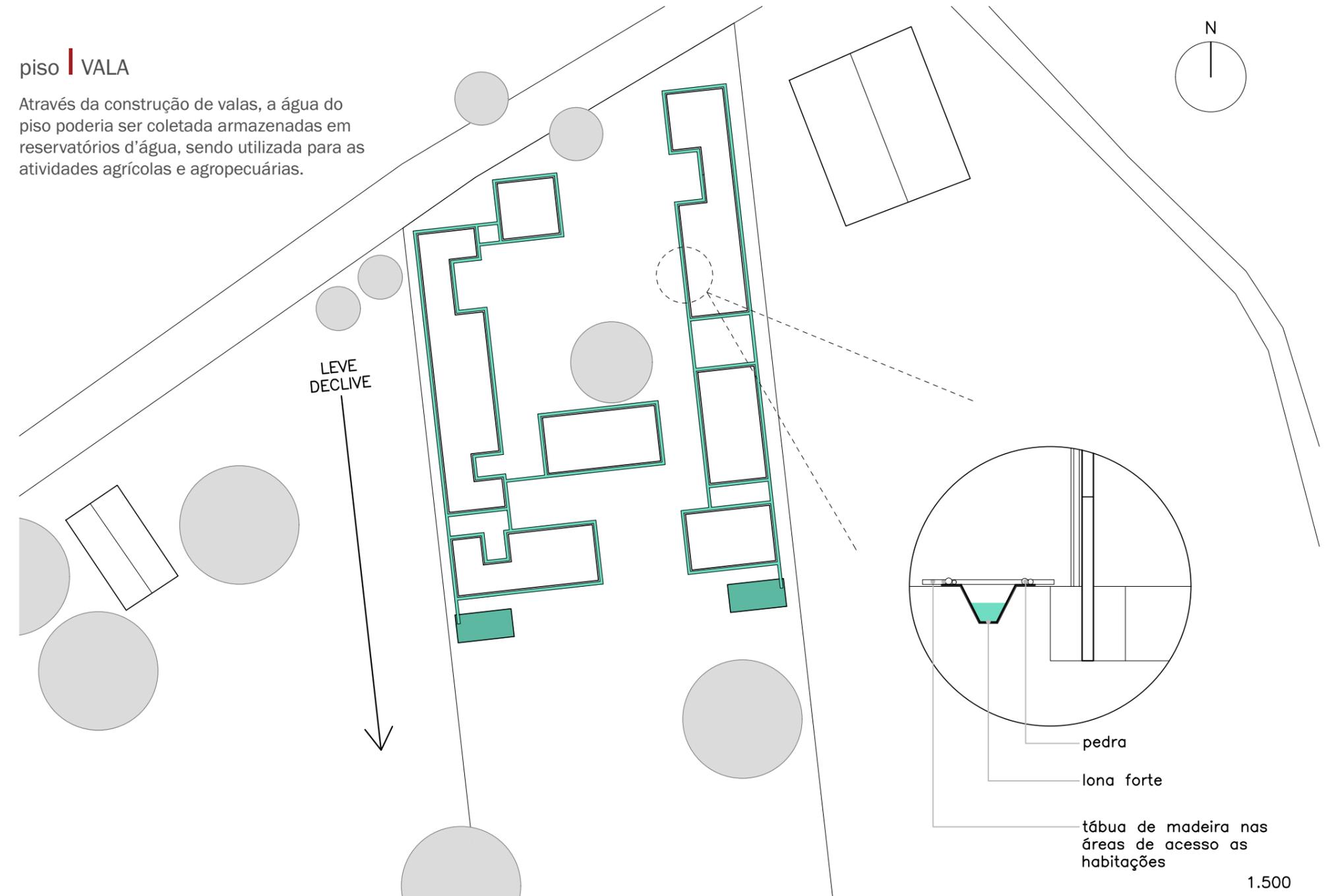
coberta | CALHA

Através da construção das unidades geminadas, grupos de habitações são gerados possibilitando a junção das calhas e a captação d'água, que posteriormente é distribuída e utilizada pelos moradores.



piso | VALA

Através da construção de valas, a água do piso poderia ser coletada armazenadas em reservatórios d'água, sendo utilizada para as atividades agrícolas e agropecuárias.



construindo com bambu



01. locação



02.embasamento com galão de tinta de 20L



03.apoio para calha em bambu

... Diz respeito a entender o material e respeitar suas particularidades, sua irregularidade natural, a forma como ele cresceu e mesmo como foi cortado. Em outras palavras, o desaprender quer dizer deixar para trás algumas ideias pré-concebidas sobre arquitetura e admitir que um edifício em bambu nunca será milimetricamente preciso, com dimensões redondas e que é impossível pensá-lo estruturalmente como outro em concreto ou aço. É necessário levar em conta que um material natural e bruto como o bambu tem memória, tem diferenças de cores, dimensões e resistência. E justamente aí está sua beleza.

Junto com croquis e imagens conceituais de referência, as maquetes têm papel vital no processo projetual dos projetos em bambu...

(Souza, 2017)



04. estrutura vertical em bambu



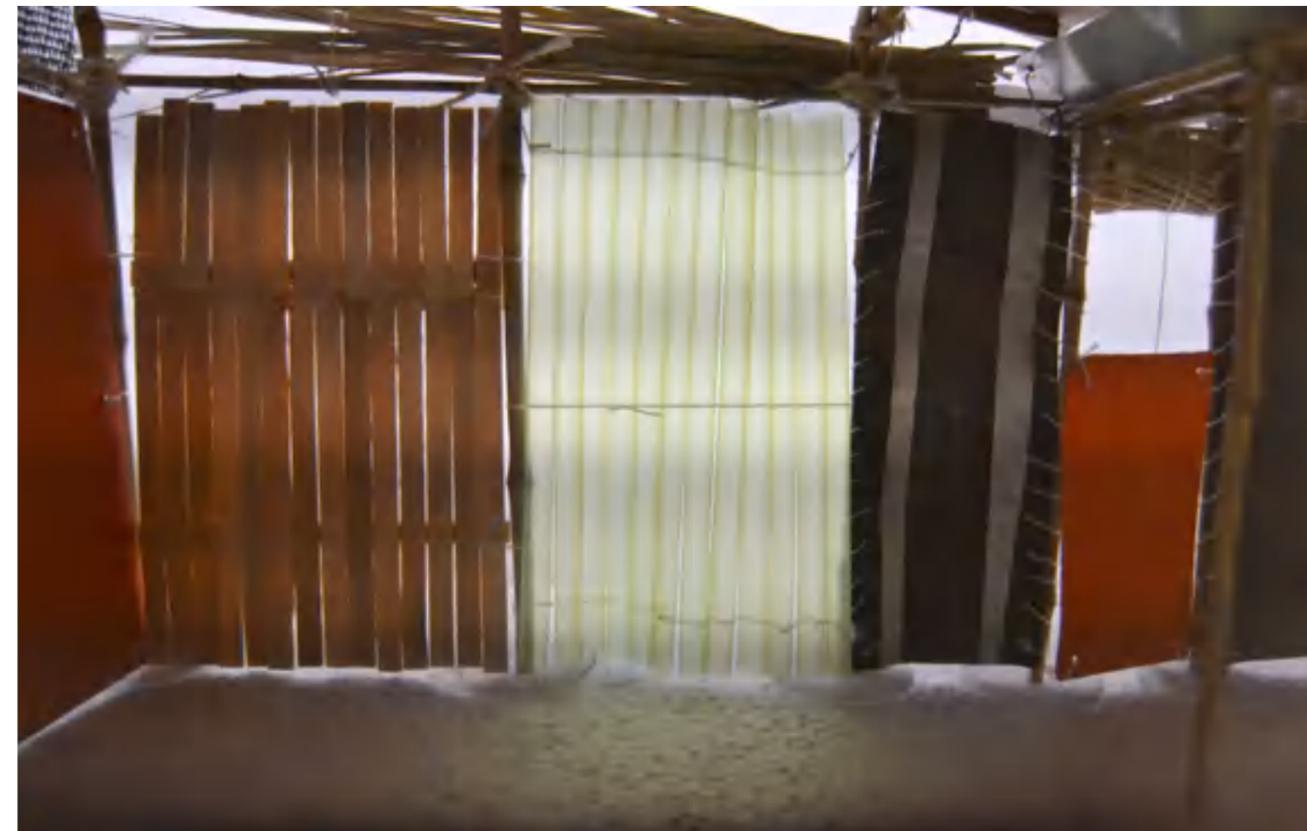
05.apoio coberta



06.cobertura em garrafa PET









O lugar é instável,
o ficar se movimenta,
os espaços estão em construção...

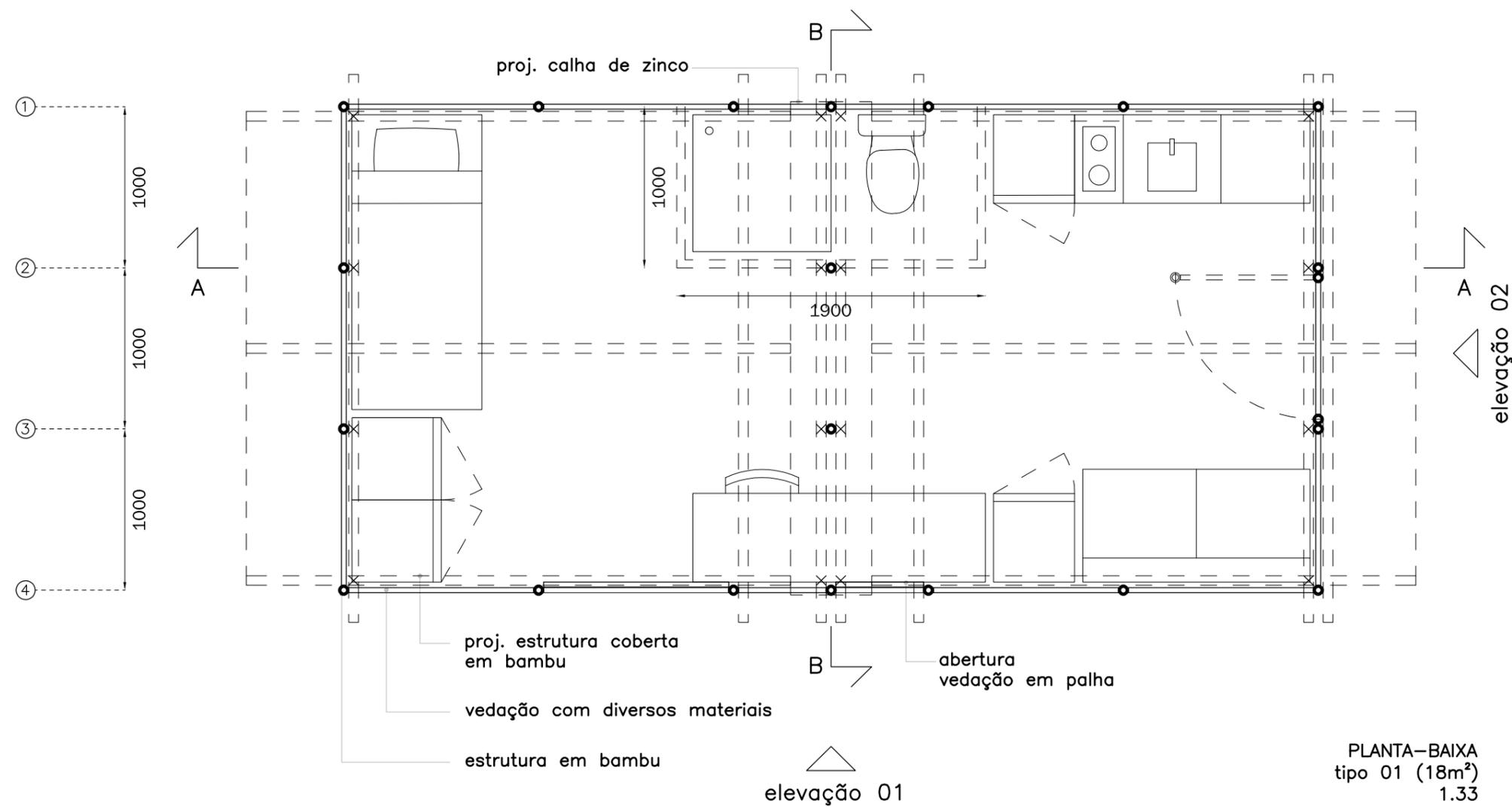
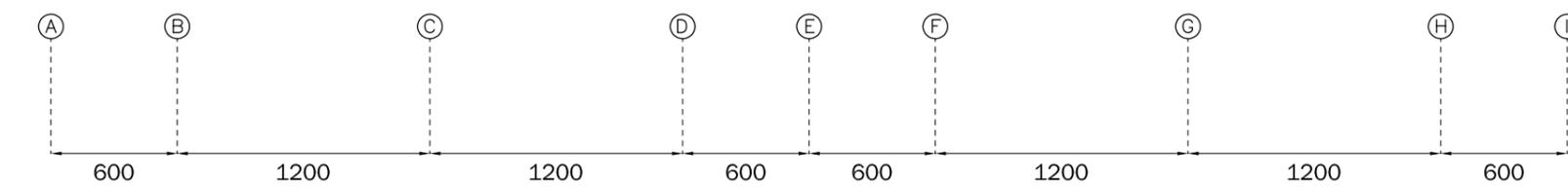
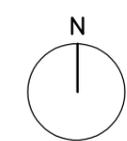
As pessoas se encontram,
vivem e sobrevivem,
elas abrigam...

O instável se encontra,
o provisório vira permanente,
o barraco agora é um lar.

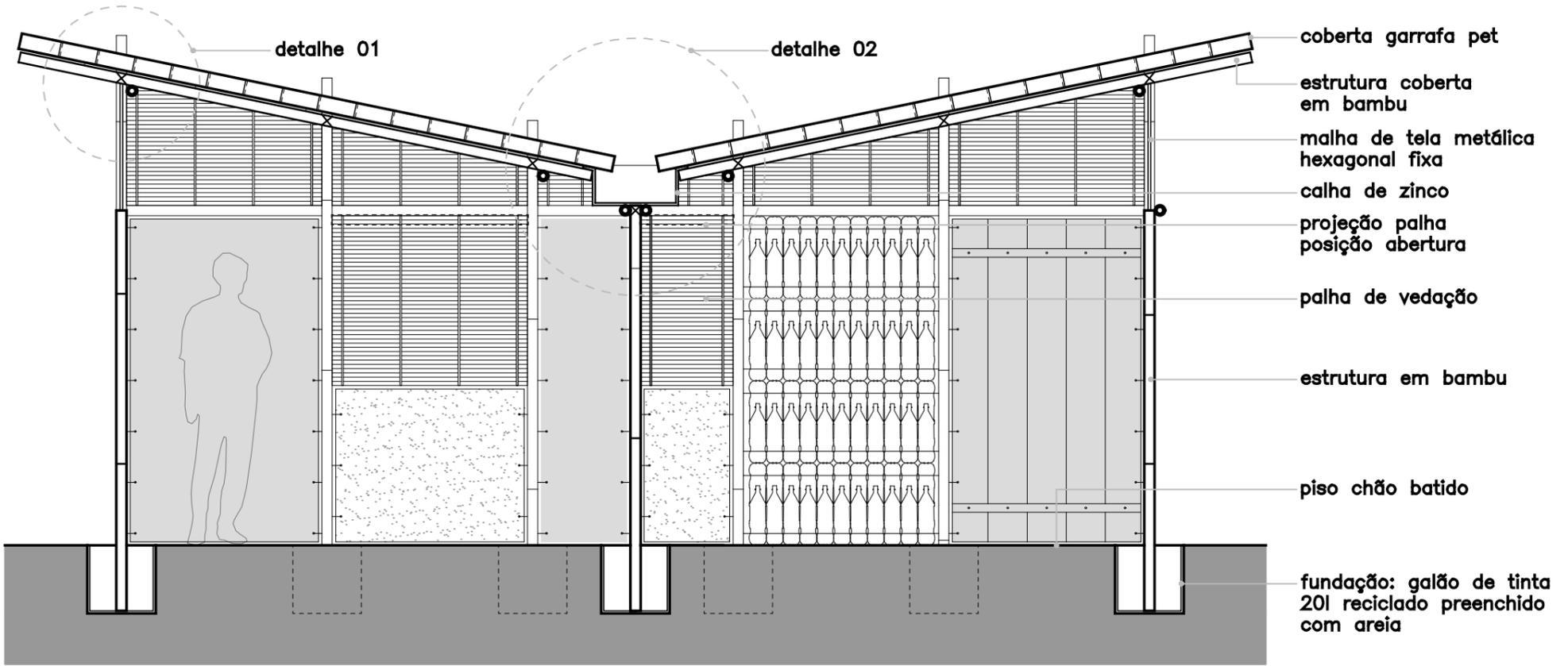
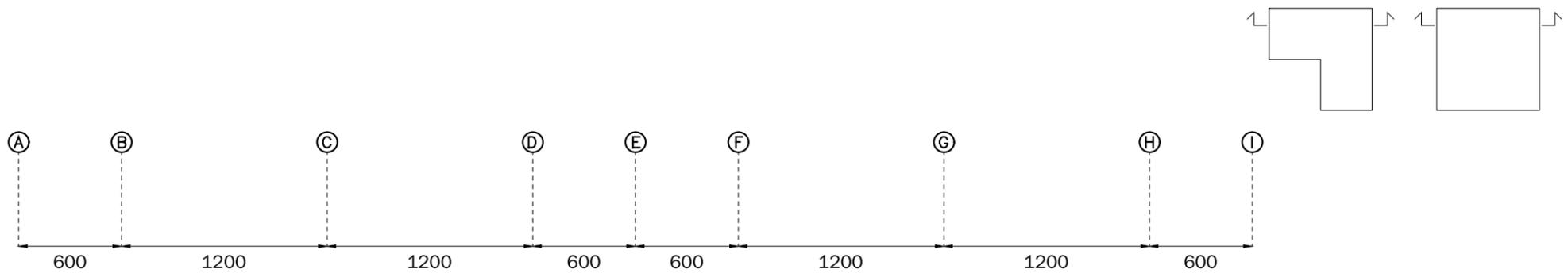
_ Autoria Própria

Nas tabelas a seguir, foi realizado o cálculo de materiais para as situações propostas no acampamento Quebra-Quilos, tendo em vista que a quantidade de bambu será sempre fixa de acordo com o tipo da habitação. Para as vedações, a utilização de outros materiais foi proposta, porém depende do acesso das famílias a estes.

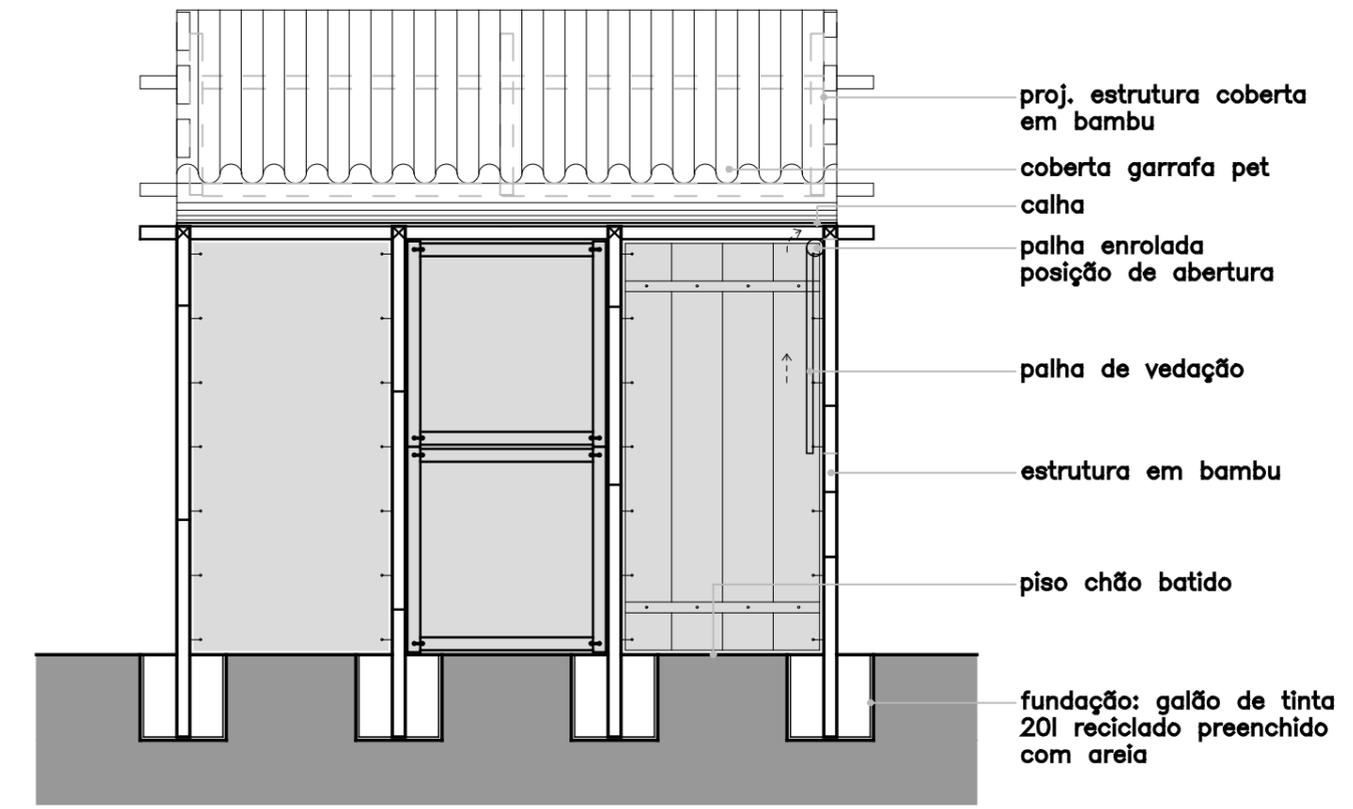
Tipo 01		
Bambu		
Altura (m)	qtde	
3.4	7	
3.35	6	
3	8	
2.75	4	
2.5	4	
2	4	
Porta (11)		
	0,92 x 1,92	
Janelas		
	dimensão	qtde
Trama de palha	0,54 x 1,0	1
Trama de palha	1,15 x 1,0	1
Vedação		
Tipo	dimensão	qtde
Tábuas de madeira	1,1 x 1,9	2
Tábuas de madeira	0,9 x 1,9	2
Tapume	0,5 x 0,9	1
Tapume	1,1 x 0,9	1
Lona impermeável plástica	1,1 x 1,9	2
Lona impermeável plástica	0,5 x 1,9	2
Lona impermeável plástica	0,9 x 1,9	3
Garrafa PET	88 garrafas unid (1,15 x 1,94)	2
Painel de Palha fixo	1,25 m ²	4
Tela	3,0 x 0,70	2



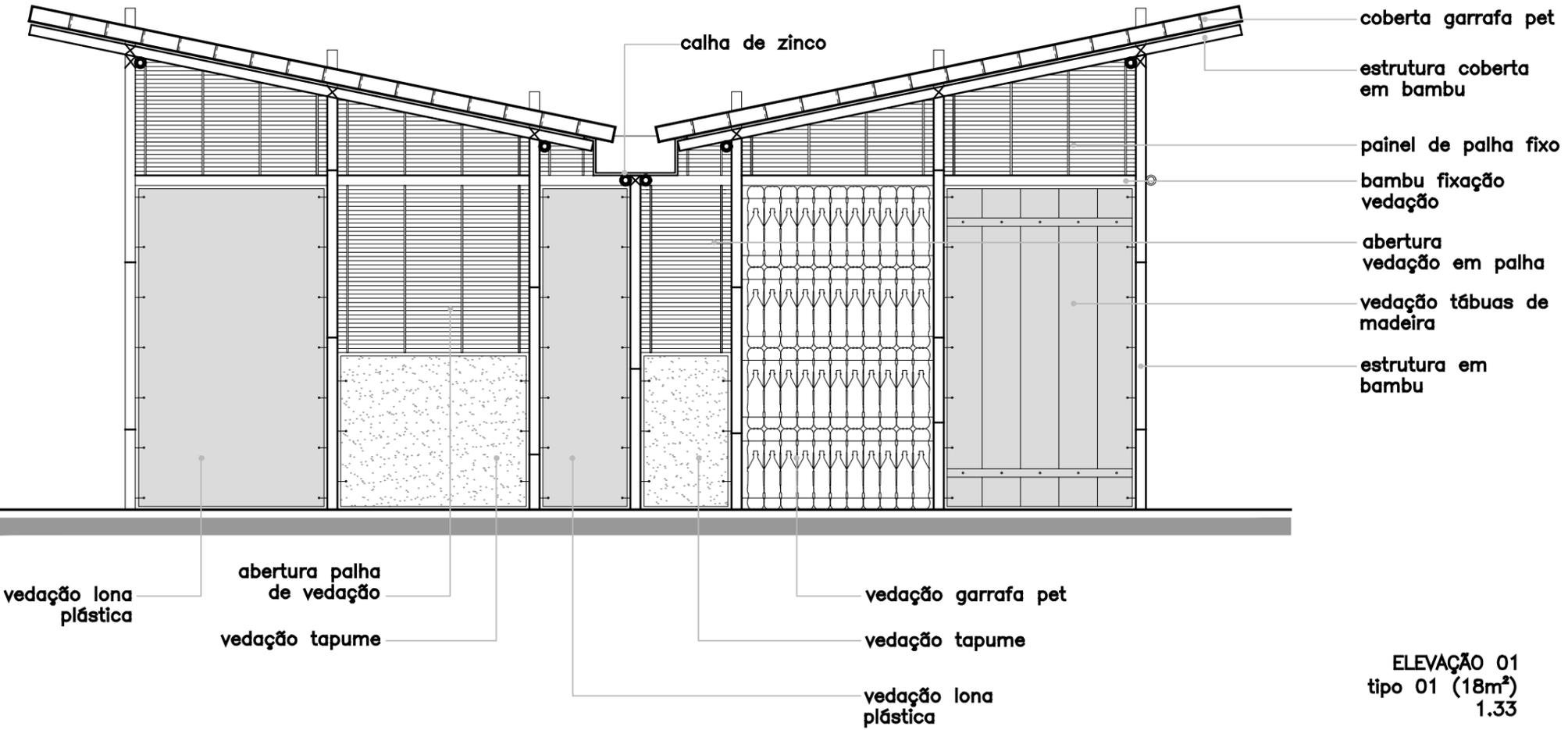
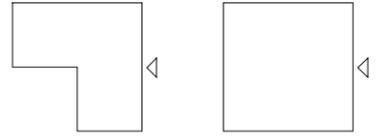
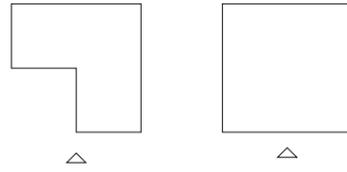
PLANTA-BAIXA
tipo 01 (18m²)
1.33



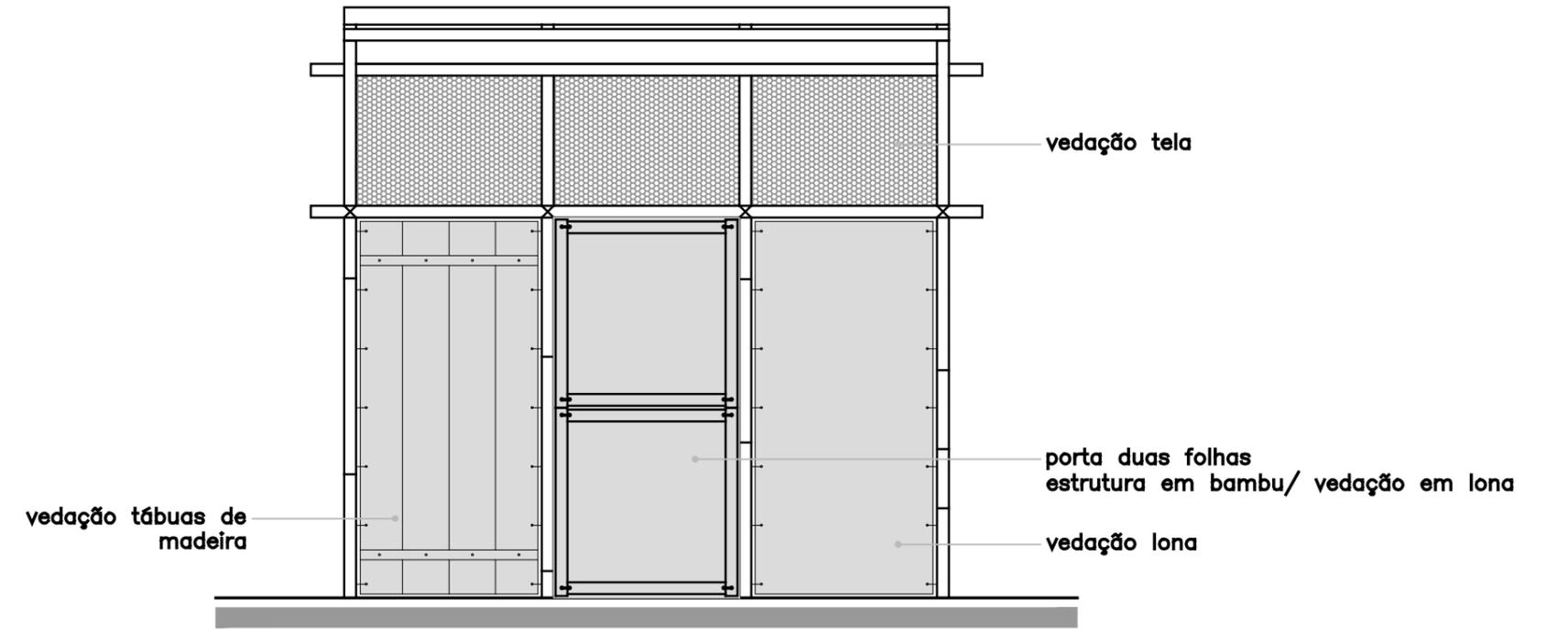
CORTE AA
 tipo 01 (18m²)
 1.33



CORTE BB
 tipo 01 (18m²)
 1.33



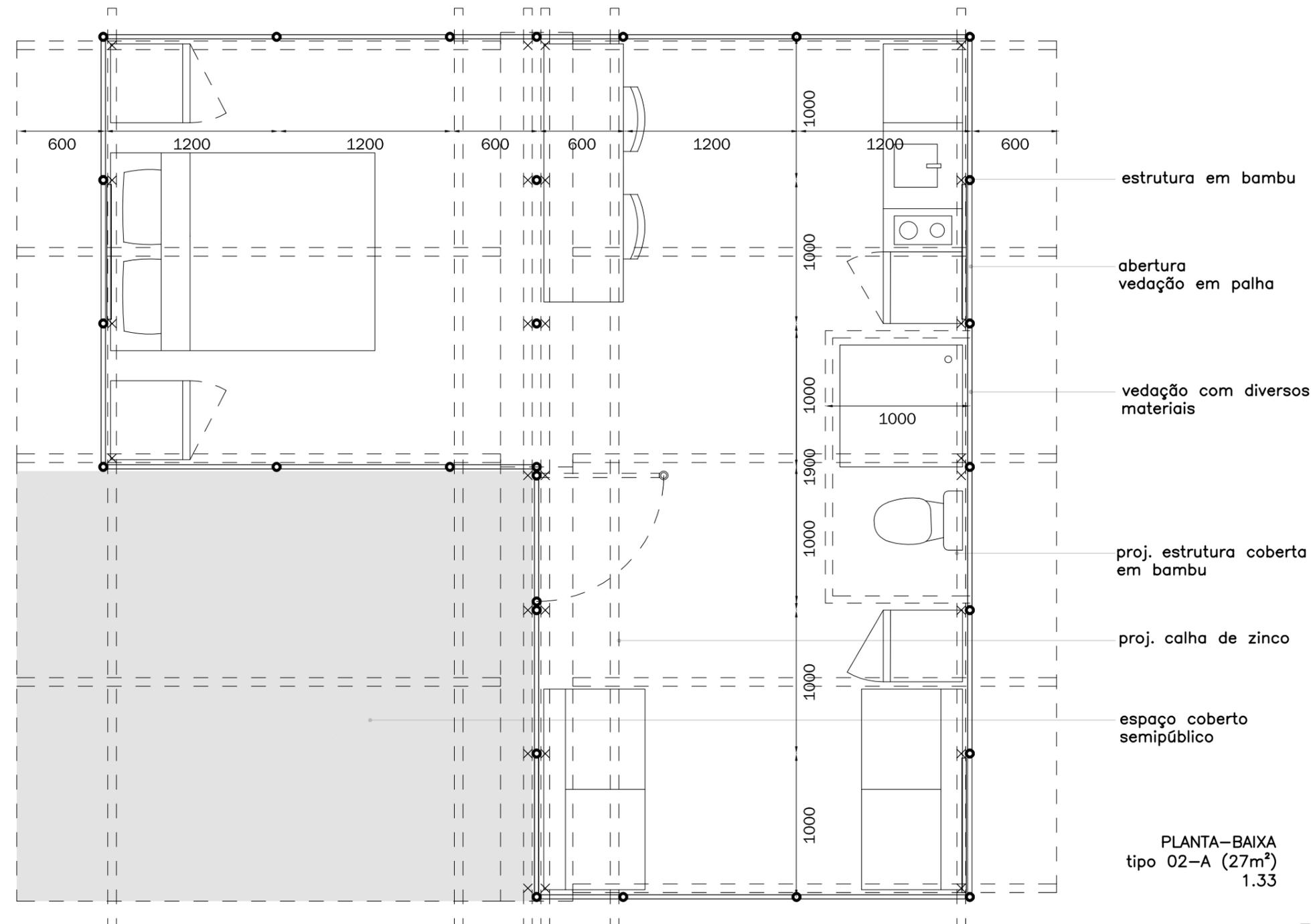
ELEVAÇÃO 01
tipo 01 (18m²)
1.33



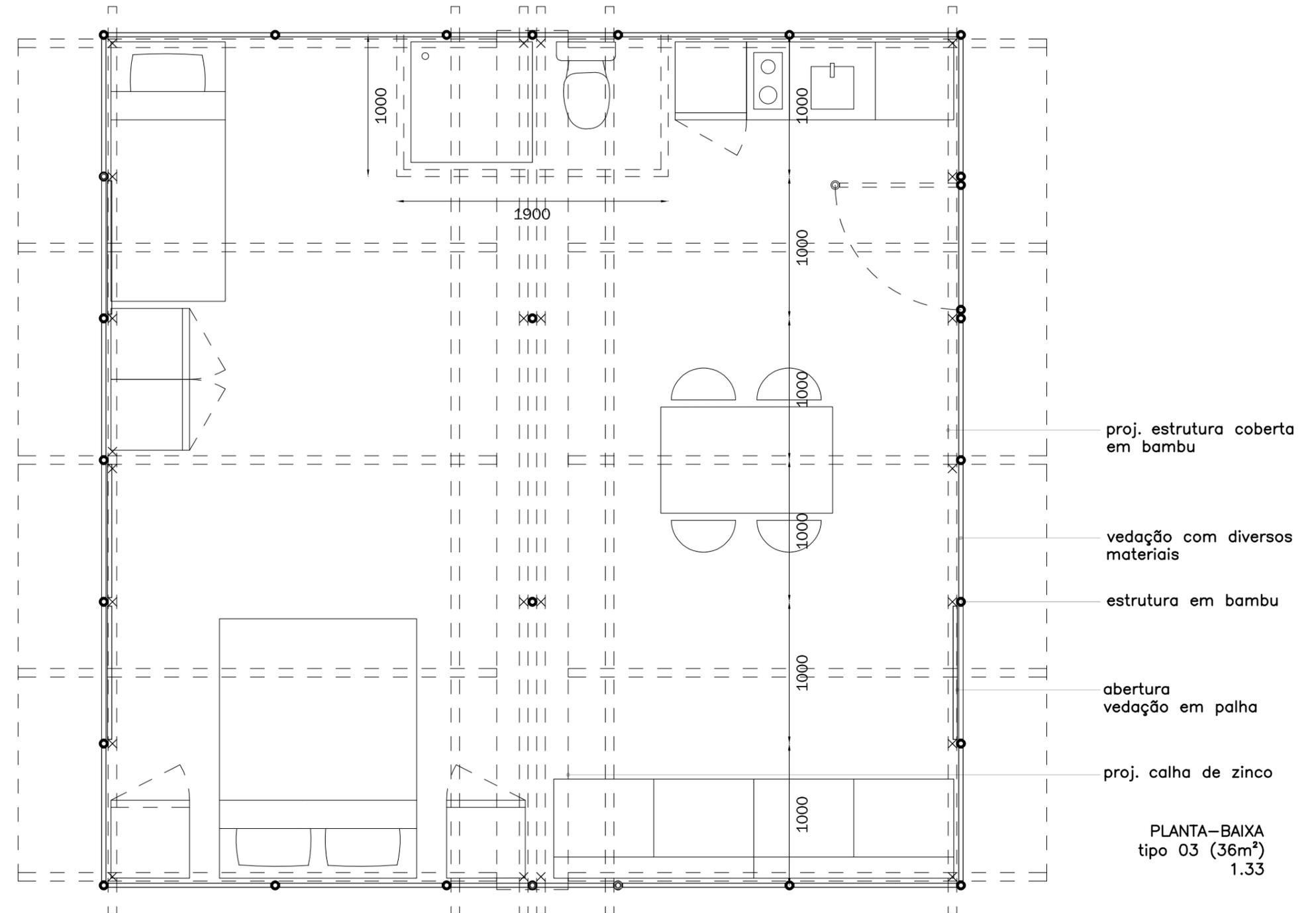
ELEVAÇÃO 02
tipo 01 (18m²)
1.33

Tipo 02		
Bambu		
Altura (m)	qtde	
3.2	12	
3.35	9	
3	11	
2.75	4	
2.5	4	
2	7	
Porta (1) 0,92 x 1,92		
Janelas		
	dimensão	qtde
Trama de palha	1,15 x 1,0	3

Vedação		
Tipo	dimensão	qtde
Tábuas de madeira	1,1 x 1,9	2
Tábuas de madeira	0,9 x 1,9	3
Tapume	0,9 x 0,9	3
Tapume	0,9 x 1,9	2
Lona impermeável plástica	1,1 x 1,9	2
Lona impermeável plástica	0,5 x 1,9	2
Lona impermeável plástica	0,9 x 1,9	4
Garrafa PET	88 garrafas unid (1,15 x 1,94)	2
Painel de Palha fixo	1,25 m ²	4
Tela	3,0 x 0,70	3

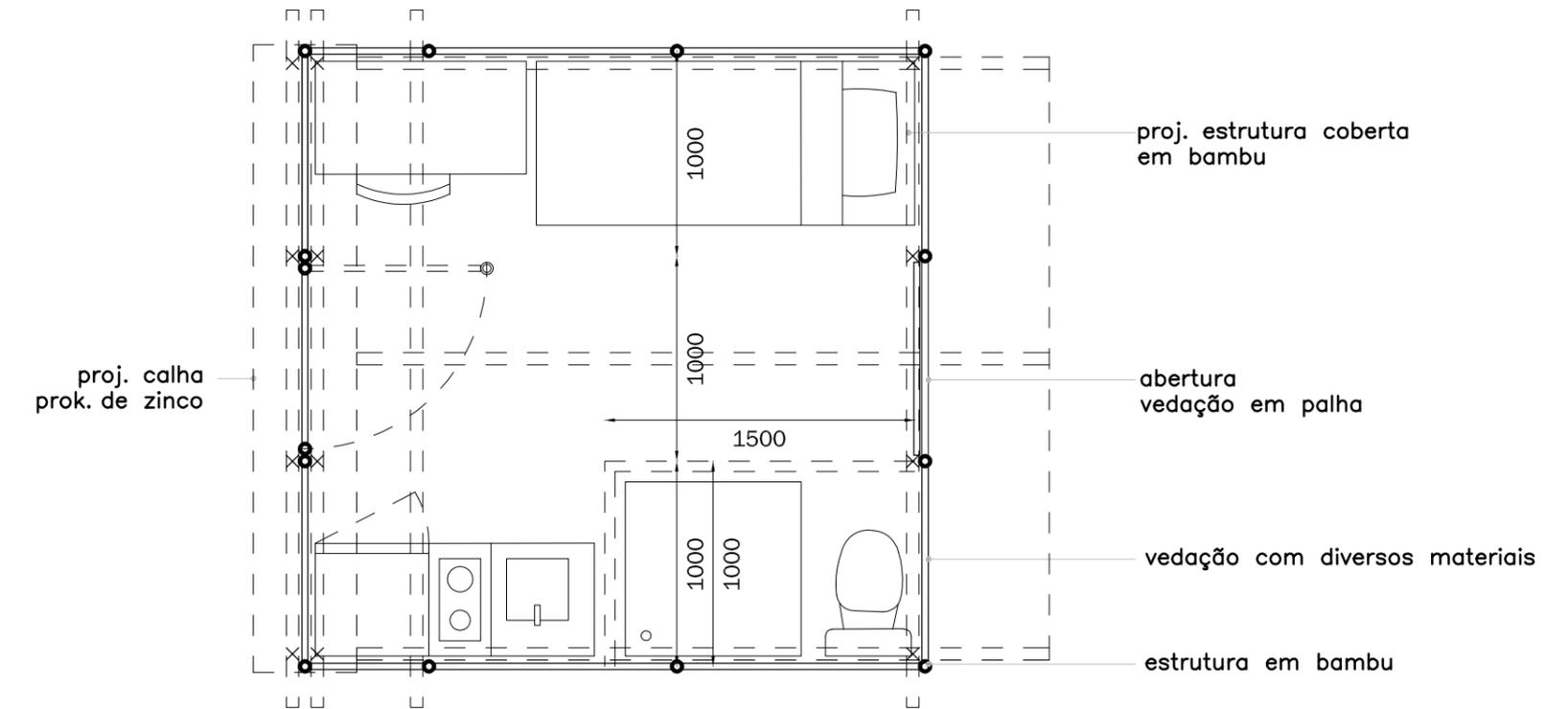


Tipo 03		
Bambu		
Altura (m)	qtde	
3.2	12	
3.35	10	
3	14	
2.75	4	
2.5	4	
2	4	
Porta (1)	0,92 x 1,92	
Janelas		
	dimensão	qtde
Trama de palha	1,15 x 1,0	4
Vedação		
Tipo	dimensão	qtde
Tábuas de madeira	1,1 x 1,9	2
Tábuas de madeira	0,9 x 1,9	3
Tapume	0,9 x 0,9	4
Tapume	0,9 x 1,9	2
Lona impermeável plástica	1,1 x 1,9	2
Lona impermeável plástica	0,5 x 1,9	2
Lona impermeável plástica	0,9 x 1,9	3
Garrafa PET	88 garrafas unid (1,15 x 1,94)	2
Painel de Palha fixo	1,25 m ²	4
Tela	3,0 x 0,70	4



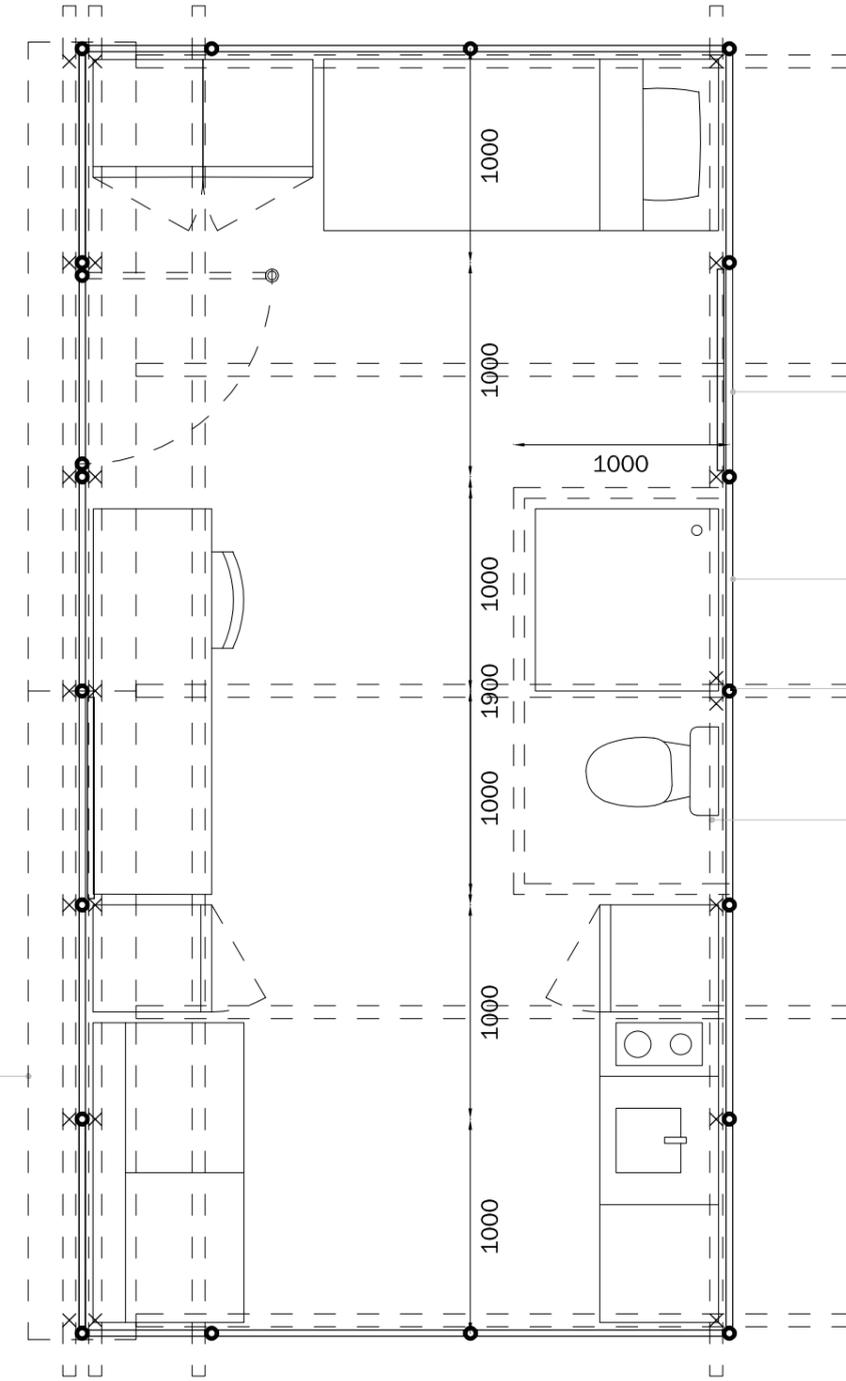
outros tipos

As demais variações tipo 01 e tipo 04, não foram utilizadas na implantação do acampamento Quebra-Quilos, porém serve de estudo para outras possibilidades e arranjos.



PLANTA-Baixa
tipo 04 (9m²)
1.33

proj. calha de zinco



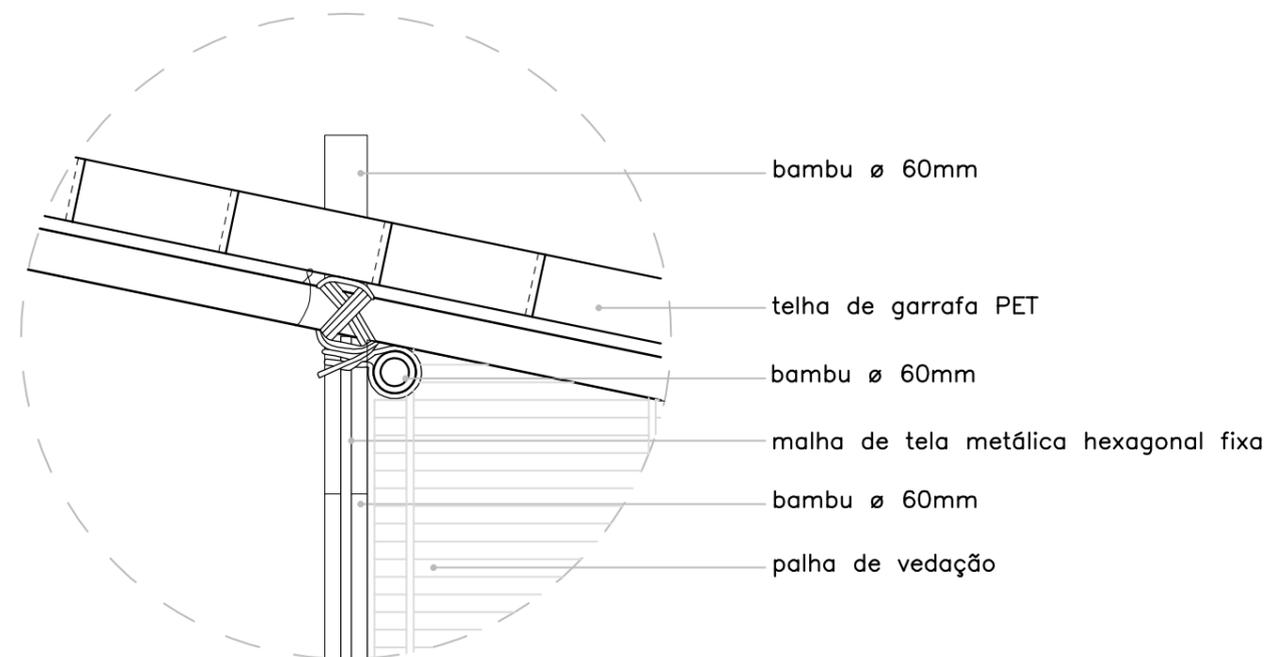
abertura
vedação em palha

vedação com diversos materiais

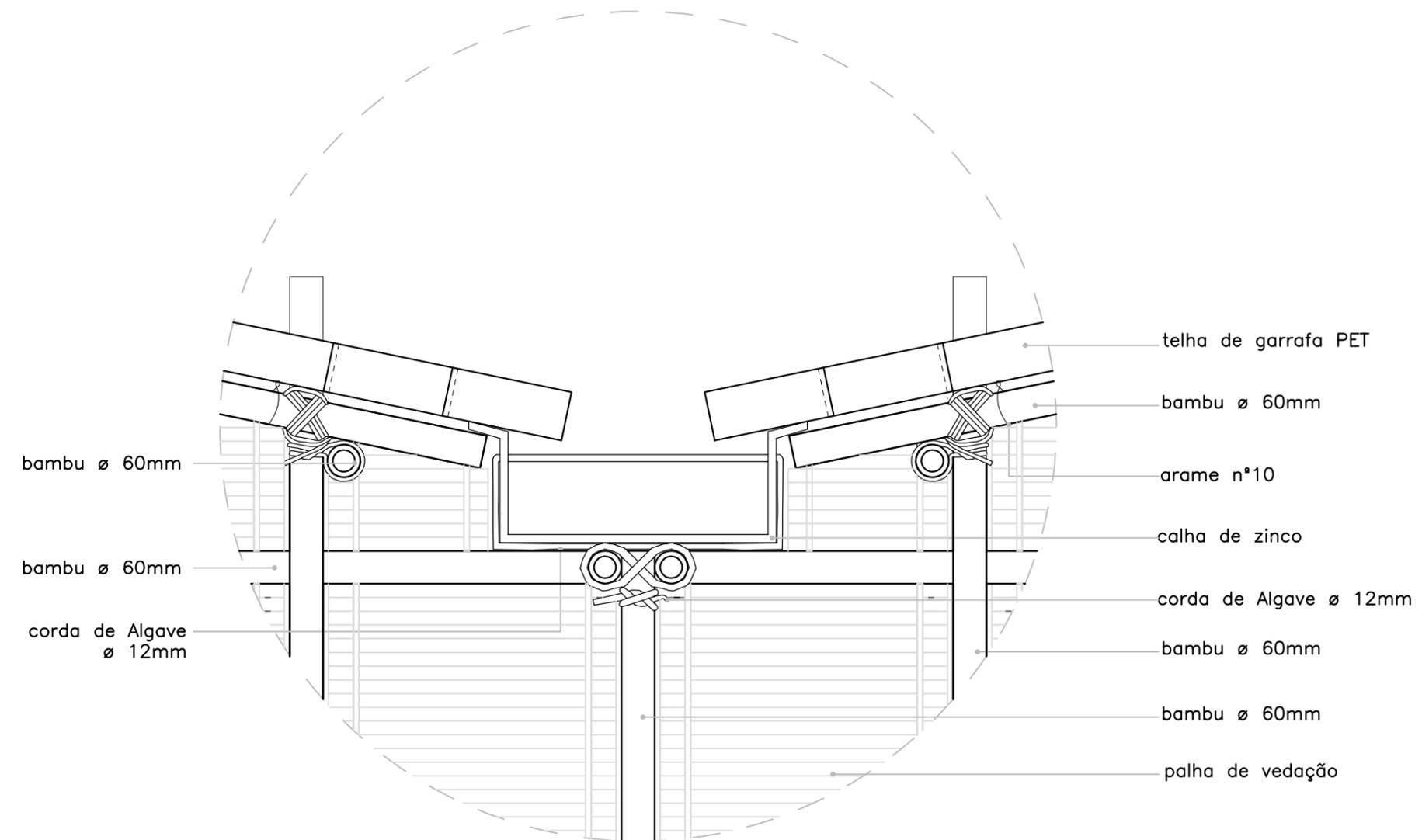
estrutura em bambu

proj. estrutura coberta
em bambu

PLANTA-Baixa
variação tipo 01 (18m²)
calha lateral
1.33



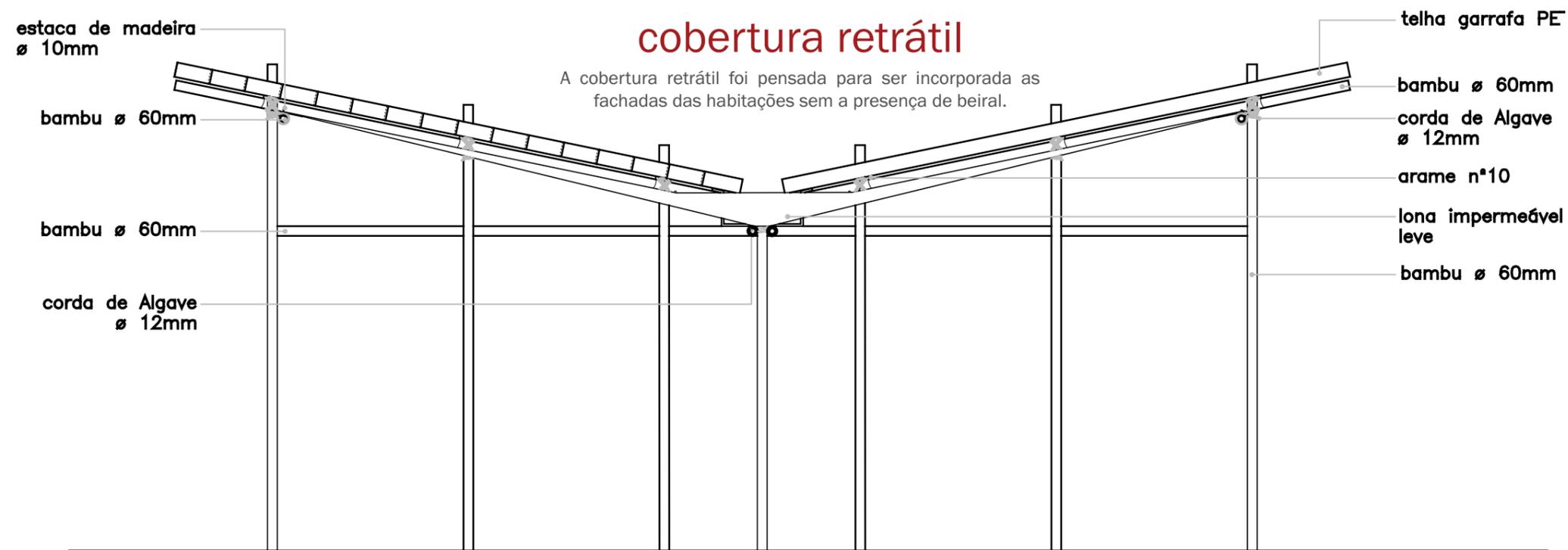
DETALHE 01
 telhado
 corte
 1.10



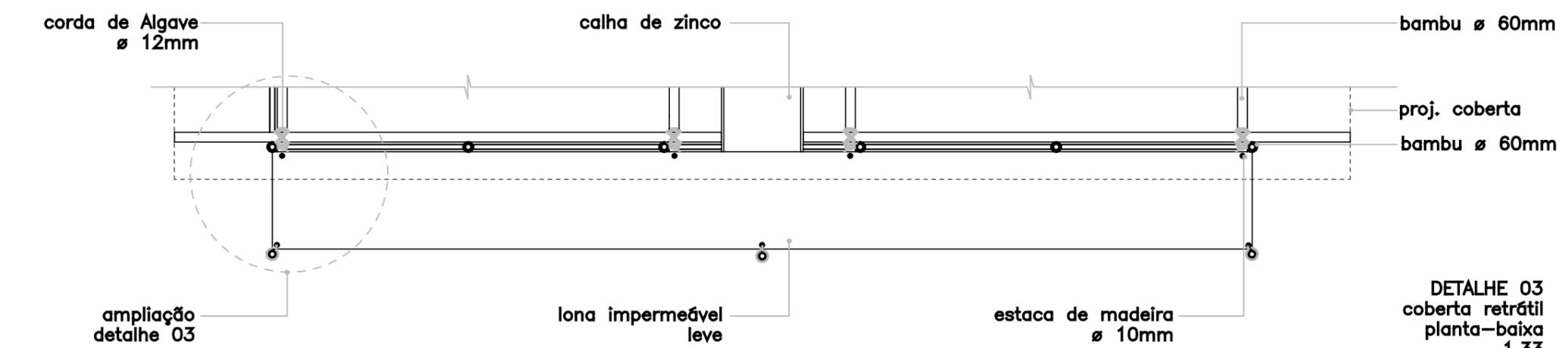
DETALHE 02
 calha
 corte
 1.10

cobertura retrátil

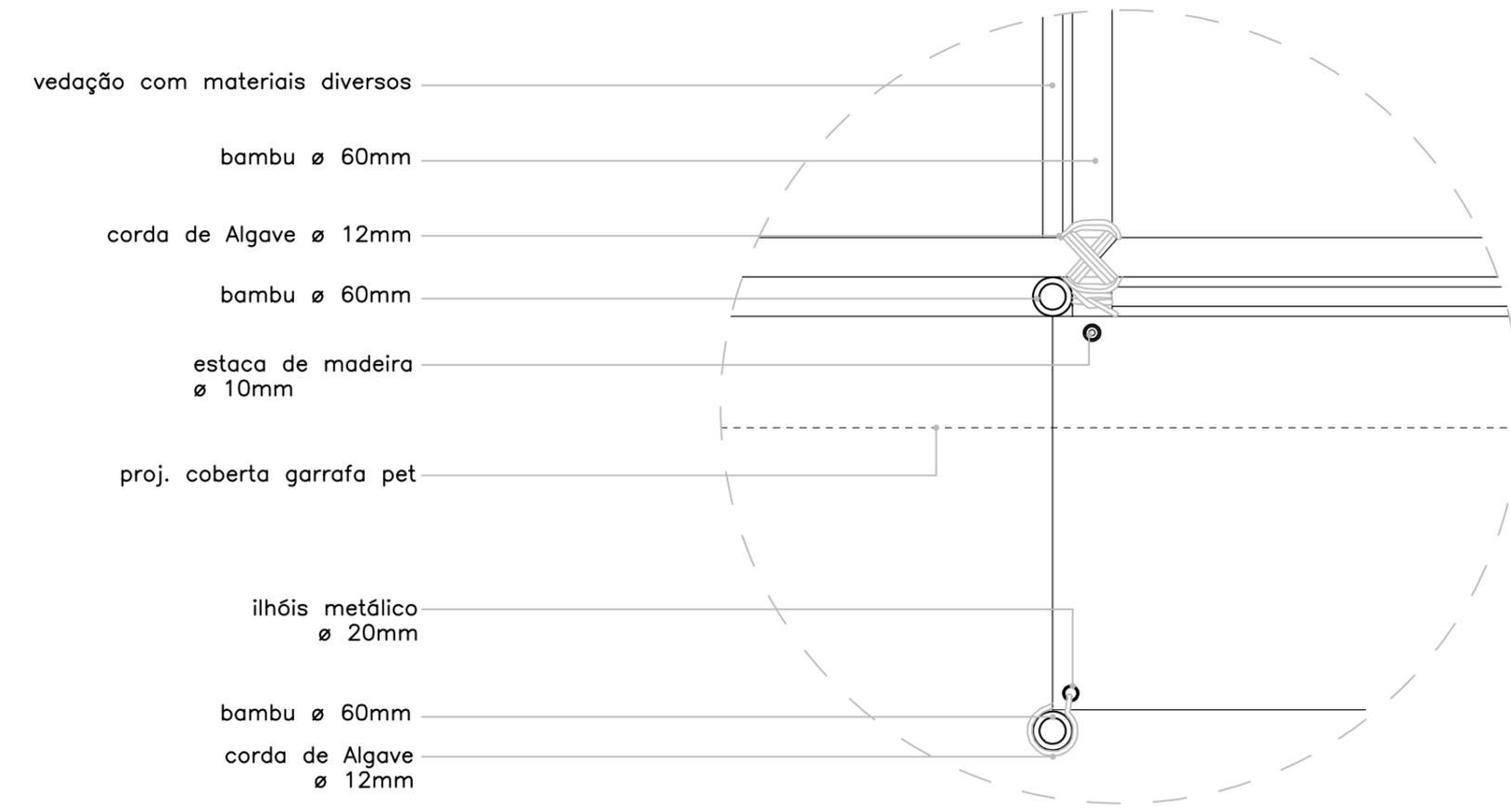
A cobertura retrátil foi pensada para ser incorporada as fachadas das habitações sem a presença de beiral.



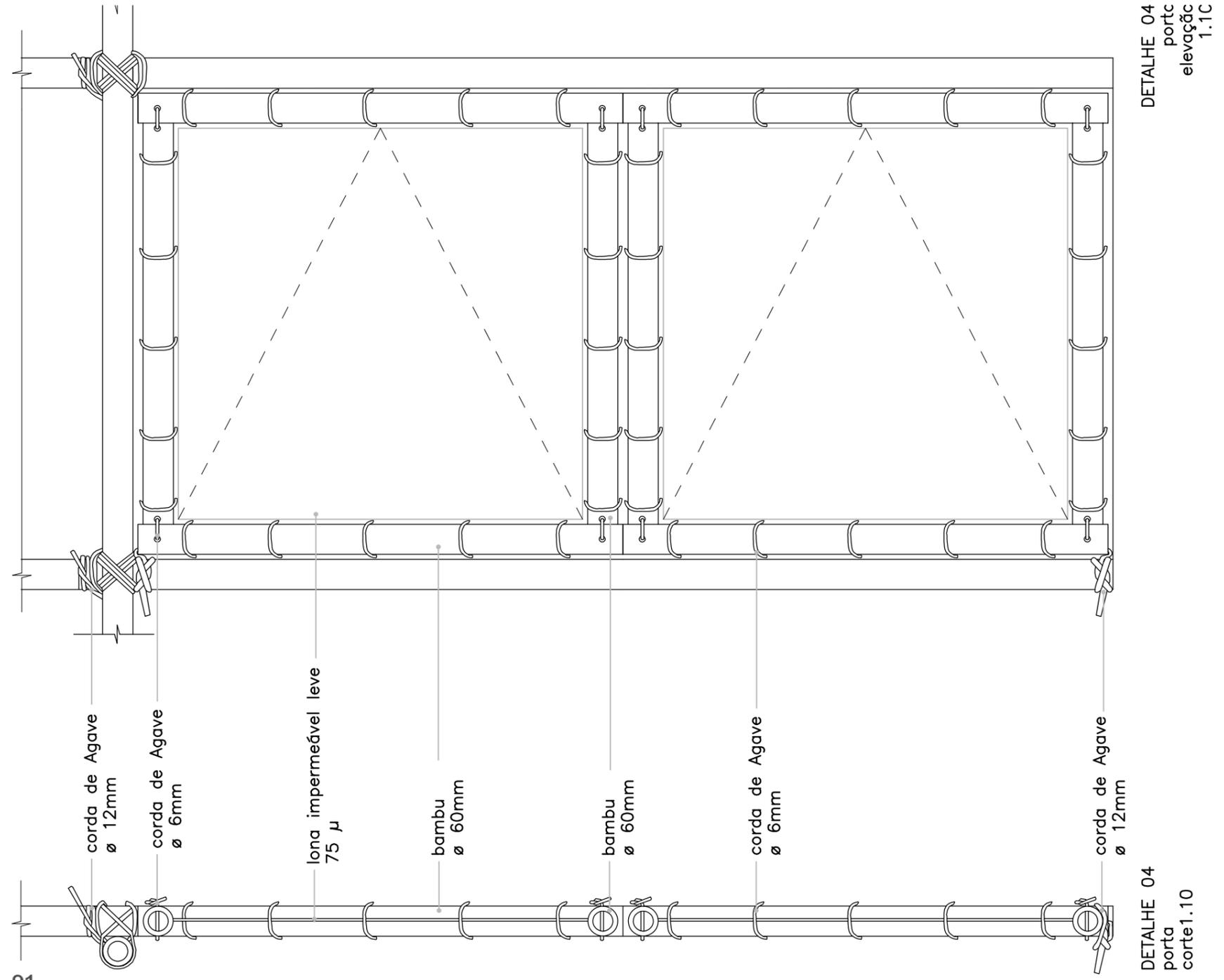
DETALHE 03
coberta retrátil
vista
1.33



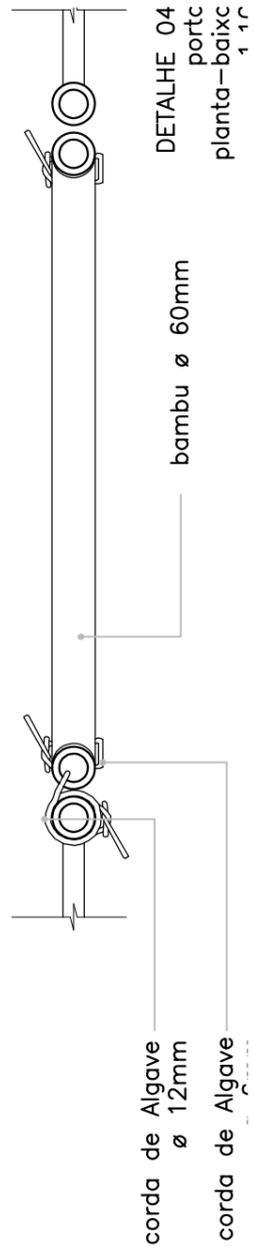
DETALHE 03
coberta retrátil
planta-baixa
1.33



DETALHE 03
coberta retrátil
ampliação
1.10



DETALHE 04
portc
elevaçã
1.1C



_ considerações finais

As palavras que conduziram este trabalho foram Movimento sem Terra, habitação de baixo custo e acampamento itinerante, as quais correspondem, respectivamente, às minorias sociais, arquitetura de baixo custo e instalações temporárias. Essas três abordagens inquietam e fomentam, cada vez mais, discussões dentro do campo teórico e prático da arquitetura e do urbanismo, colocando em pauta a reflexão da responsabilidade social do profissional em relação às suas ações crítico-transformadoras sobre o ambiente construído. O distanciamento e a marginalização da sociedade perante às necessidades das minorias sociais, como o Movimento sem Terra, refletem também na produção do espaço e questionam o direcionamento do fazer arquitetônico atual, em que a grande maioria da sociedade é privada do seu direito fundamental a uma moradia adequada.

O debate sobre a associação entre arquitetura e política, já discutida por outros arquitetos, foi outra inquietação que motivou e permeou este trabalho e repercutiu na necessidade de processos de projeto mais inclusivos, econômicos, colaborativos, criativos, de modo que a reflexão política estivesse inerente aos discursos e propostas arquitetônicas.

Seja uma realidade provisória ou permanente, a arquitetura pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade, em especial dos grupos sociais fragilizados, como as famílias do Movimento sem Terra, refugiados ou demais grupos à margem das oportunidades. O número de pessoas em situações subumanas é um problema real e crescente que precisa de solução! Este trabalho não esgota as soluções, mas lança um olhar para um grupo social ainda pouco estudado no campo disciplinar da Arquitetura e do Urbanismo.

“Mais 30 famílias de trabalhadores rurais serão assentadas na Paraíba com a criação do Assentamento Quebra-Quilos, localizado nos municípios de Campina Grande e Boa Vista, no Agreste paraibano”.



Fonte: <http://www.incra.gov.br/noticias/agreste-paraibano-ganha-novo-assentamento-da-reforma-agraria> (acesso: 26/12/2017)

AIXALÁ, James Nadal. Viviendas prefabricadas. Madrid : Instituto Técnico de la Construcción y del Cemento, 1951. 127 p. : il.

BRASIL. Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964: dispõe sobre o Estatuto da Terra e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 31 nov. 1964. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4504.htm. Acesso em: 10 dez. 2016.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CANIELLO, Marcio; DUQUÉ, Ghislaine. Agrovila ou casa no lote: A questão da moradia nos assentamentos da Reforma Agrária no Cariri Paraibano. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 37, nº 4, out-dez. 2006.

CASTELLS, Alicia. A Criatividade dos Sem-Terra na Construção do Habitat - um olhar etnográfico sobre a dimensão espacial do MST' 01/10/2001 345 f. Doutorado em CIÊNCIAS HUMANAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: UFSC.

CERQUEIRA, Maria Cândida Teixeira de Cerqueira. A Assistência Técnica nos Habitats do MST e o Papel do Arquiteto e Urbanista. 2009.217p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

KRONENBURG, Robert. Houses in Motion: The Genesis, History and Development of the Portable Building, 2002.

LOERA, N. C. R. Para além da barraca de lona preta: redes sociais e trocas em acampamentos e assentamentos do MST. In: Fernandes, B. M.; Medeiros, L. S.; Paulilo, M. I. Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas – a diversidade de formas de luta no campo. São Paulo: Editora da Unesp; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. p. 73-94.

PAZ, Daniel J. Mellado. Arquitetura efêmera ou transitória: esboços de uma caracterização. Vitruvius. Arqtextos. Disponível em: [HTTP://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/09.102/97](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/09.102/97) Acesso em: 08 dez. 2016.

SIGAUD, L.; Ernandez, M.; Rosa, M. C. Ocupações e acampamentos: sociogênese das mobilizações por Reforma Agrária no Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

SOUZA, Eduardo. “Maquetes tornam os projetos de bambu realidade” 21 Nov 2017. ArchDaily Brasil. Acessado 4 Dez 2017. <<https://www.archdaily.com.br/883962/maquetes-tornam-os-projetos-de-bambu-realidade>> ISSN 0719-8906

cadastro dos acampamentos na paraíba

LUGAR	ACAMPAMENTO	DATA	FAMILIAS	MEMBROS
ALAGOA GRANDE				
	JUCA	2007	52	85
ALGODÃO DE JANDAÍRA				
	LAGOA DO JOGO	2007	37	54
APARECIDA				
	VÁRZEA DE SOUSA	2007-2015	210	361
	EXTREMA	2007	32	54
	OS VERDES	2013	74	113
	SANTA CLARA	2013	23	38
ARARUNA				
	GIRAU	2015	4	8
AROEIRAS				
	PEDRO VELHO	2011	250	350
	RIACHÃO	2011	196	296
ASSUNÇÃO				
	ESTAÇÃO ZERO	2015	40	67
BARRA DE SANTA ROSA				
	BOA ESPERANÇA	2013	10	16
BOA VENTURA				
	LAMPIÃO	2015	2	2
BONITO DE SANTA FÉ				
	MARIA BONITA II	2013	44	57
CAAPORÁ				
	ALVORADA- TRÊS RIOS	2007	29	39
	VANDERLEI DE CAIXE	2014-2015	919	1382
CABACEIRAS				
	JACARÉ	2013-2015	25	40
	JOÃO PEDRO TEXEIRA	2015	18	34

LUGAR	ACAMPAMENTO	DATA	FAMILIAS	MEMBROS
CAJAZEIRAS				
	MINADOR	2007-2013	3	6
	PONTA D'ÁGUA	2007	3	3
	NOVO HORIZONTE	2013	10	16
	BOA CONQUISTA	2013	9	16
CAMALAU				
	MARIA BONITA	2007	31	43
CAMPINA GRANDE				
	CAMPO ALEGRE	2015	18	28
CONCEIÇÃO				
	NOSSA SENHORA DE FÁTIMA	2015	26	37
CONDADO				
	SÃO VICENTE	2007	38	67
CONDE				
	PEDRINA	2007-2016	134	194
CRUZ DO ESPÍRITO SANTO				
	SANTA LUZIA	2007	10	18
CURRAL DE CIMA				
	JARDIM	2007	16	22
DAMIÃO				
	SOLIDÃO	2007	72	135
DIAMANTE				
	DÉDÉ MARTILO	2015	22	36
ESPERANÇA				
	NOVA ESPERANÇA	2007	71	103
	CÍCERO ROMANA	2007	61	100
IBIARA				
	DONA JUDENTE	2013	28	48
IMACULADA				
	VALMIR MOTA	2015	31	49

LUGAR	ACAMPAMENTO	DATA	FAMILIAS	MEMBROS
IMACULADA				
	VALMIR MOTA	2015	31	49
ITATUBA				
	COMUNIDADE CAJÁ	2011	139	216
	VILA MELANCIA	2011	150	235
JACARAÚ				
	SÃO JOSÉ	2007	8	9
	MATA DO CHOCALHO	2007	4	7
JOÃO PESSOA				
	NEGO FUBÁ	2007	150	206
	PONTA DE GRAMAME	2007-2016	78	137
JUAREZ TÁVORA				
	BEBEDOURO	2015	14	21
LIVRAMENTO				
	LAGOA DE JUÁ	2007	18	31
LOGRADOURO				
	ANTÔNIO JOAQUIM	2007-2015	16	19
MARI				
	ZUMBI DOS PALMARES	2007	3	4
	OLHO D'ÁGUA	2015	1	1
MASSARANDUBA				
	TANQUÊS	2007	18	32
MOGEIRO				
	FAZENDA MENDONÇA	2007	1	2
	FAZENDA PARAÍSO	2014	30	56
	ESTAÇÃO	2015	54	93
	SALGADINHO	2015	14	25
MULUNGU				
	PAULO FREIRE	2007	60	85
	IPUEIRA	2015	14	22
NATUBA				
	ÁGUA PABA	2011	89	136
	COMUNIDADE DA COSTA	2011	75	103
	VILA DA COSTA	2011	18	22

LUGAR	ACAMPAMENTO	DATA	FAMILIAS	MEMBROS
OLHO D'ÁGUA				
	JUAZEIRO	2007	37	66
PATOS				
	PATATICA DA ASSARÉ	2007	34	56
PEDRAS DE FOGO				
	MATA DE VARA	2007	20	30
	RIACHO D'ÁGUA	2007	2	2
	NOVA ESPERANÇA	2007-2014	421	618
PILÕES				
	JOSUÉ DE CASTRO	2007	29	48
	PINTURAS DE BAIXO	2007	10	16
PITIMBU				
	ENGENHO PALMEIRA	2007	6	12
	MARINAS DA ABIAÍ	2007- 2015	32	58
POÇO DANTAS				
	POÇO DANTAS	2007- 2016	150	219
POMBAL				
	MARGARINA MARIA ALVES	2007	1	1
REMÍGIO				
	SESSENTA E OITO	2007	6	12
RIACHÃO DO POÇO				
	17 DE ABRIL	2007	44	63
SANTA HELENA				
	AREIA	2013	18	33
SANTA LUZIA				
	NOVO MUNDO	2015	2	3
SANTA RITA				
	SÍTIO TAMBAUZINHO	2007	10	13
SOUSA				
	FLORESTA	2013	3	6
	EMILIANO ZAPATA	2013	218	376
	JATOBÁ	2014	3	3
UIRAÚNA				
	PENHA	2007-2014	41	59
TOTAL				
MUNICÍPIOS	ACAMPAMENTOS		FAMILIAS	MEMBROS
	61	92	5031	7801

Fonte: INCRA (02/01/2017), editado pela autora.

INCRA	MST (representante)	MST (acampados)
<p>_ Como o INCRA atua para a realização da Reforma Agrária? Que outros órgãos do governo atuam junto ao INCRA?</p>	<p>_ Como o MST se organiza? E de que formas o movimento se manifesta?</p>	<p>_ Idade:</p> <p>_ A quanto tempo você está no acampamento?</p>
<p>_ Qual a importância do MST na luta pela reforma agrária junto ao INCRA? De que forma ocorre esse contato?</p>	<p>_ Poderia diferenciar ocupação, acampamento e assentamento? Quais as principais dificuldades enfrentadas em cada uma dessas etapas?</p>	<p>_ Quantidade de membros na família (que frequentam o acampamento)? Faixa etária dos membros- média (menor_ maior).</p>
<p>_ Qual a importância dos acampamentos? Em sua experiência, poderia relatar um acampamento com menor e outro com maior duração?</p>	<p>_ Qual a importância dos acampamentos e como que as famílias se organizam neles?</p>	<p>_ Qual a sua ocupação quando não está no acampamento?</p>
<p>_ Como ocorre o processo de desapropriação e quais os principais empecilhos?</p>	<p>_ Existe alguma assistência técnica para os acampamentos?</p>	<p>_ Classifique o acesso aos serviços básicos (Bom, Regular, Ruim)</p> <p>SAÚDE: EDUCAÇÃO: SEGURANÇA: TRANSPORTE:</p>
<p>_ Como acontece o fornecimento da lona para o MST? Existe alguma preocupação do INCRA em relação a condição de vida nos acampamentos?</p>	<p>_ Diante de toda a sua vivência, que tipo de melhorias poderiam ocorrer nos acampamentos?</p>	<p>_ Poderia relatar suas atividades ao longo do dia no acampamento?</p>
<p>_ Diante de toda a sua vivência, que tipo de melhorias poderiam ocorrer nos acampamentos?</p>	<p>_ Existe alguma assistência técnica para os acampamentos?</p>	<p>_ Quais as principais necessidades para sobreviver no acampamento?</p>
<p>_ Sobre os assentamentos, quanto tempo leva entre a entrada das famílias na terra desapropriada e a construção das casas? E quantos hectares são cedidos para cada família?</p> <p>_ Considerações finais.</p>	<p>_ Considerações finais.</p>	<p>_ Como contruiu o seu lugar (barraco)?</p> <p>_ Quais as principais dificuldades para viver no acampamento?</p> <p>_ Sugestões (o que poderia melhorar e alguma ideia para o acampamento)?</p>



o habitar do sem-terra:

REFLEXÃO PARA UMA PROPOSTA ITINERANTE

RESUMO

A luta pela Reforma Agrária no Brasil, empreendida pelo Movimento sem Terra, é constituída por etapas provisórias de ocupação e acampamento até a desapropriação da terra onde o assentamento será erguido. Isso significa que, durante o processo, as famílias podem se deslocar no território, evidenciando a trajetória itinerante do movimento. Neste contexto, o presente trabalho teve como objetivo propor um estudo preliminar de acampamento para o Movimento Sem Terra (MST), considerando o seu caráter itinerante e se baseando em uma proposta de gestão alternativa de cooperação entre o Movimento e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a qual direcionou um processo de concepção fundamentado nos materiais construtivos. O trabalho foi dividido em cinco etapas, sendo a primeira referente ao planejamento, que envolveu um levantamento teórico, documental e de campo com a visita ao INCRA e a um acampamento do MST, visando compreender a problemática. A segunda etapa explorou o tema através da análise espacial do acampamento Quebra-Quilos, a partir da visita de campo, fotografias, levantamentos e entrevistas com os moradores e o representante do Movimento. Em seguida, os estudos correlatos que subsidiaram a quarta etapa de elaboração de uma proposta arquitetônica para um acampamento. Por fim, a conclusão do projeto com sua representação e detalhamento, utilizando diagramas explicativos, maquete eletrônica e física, imagens e desenhos técnicos de plantas, cortes, vistas e detalhes construtivos. A proposta buscou balancear as contribuições da arquitetura com as características únicas deste movimento no território, considerando-se modos de vida, materiais construtivos, possibilidades e oportunidades.

palavras-chave: Movimento Sem Terra (MST). Habitação de baixo custo. Acampamento itinerante.

o habitar do sem-terra:

REFLEXÃO PARA UMA PROPOSTA ITINERANTE

Este trabalho tem como objeto de estudo o Movimento Sem Terra (MST), compreendendo suas características físico-espaciais e necessidades, inserido no contexto de movimento com etapas transitórias, a fim de subsidiar uma proposta arquitetônica de moradia itinerante. (Figura 1)



Figura 1: Acampamento Quebra-Quilos

Fonte: autoria própria.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), em seu artigo 26, a habitação constitui um direito humano, assim como a saúde e o bem-estar. Como consequência de uma necessidade humana básica, a moradia possibilita estabilidade material e social, proporcionando o desenvolvimento das capacidades dos indivíduos, na realização de escolhas e na sua inserção na sociedade. As distintas habitações e possibilidades de habitar estão diretamente ligadas com os grupos e classes sociais, dentro de uma conjuntura que provoca e resulta na produção do espaço.

O MST possui diferentes processos do morar, configurando uma forma de luta que se especializa na busca da garantia da inclusão social, da função social da terra, da reforma agrária e de melhores condições de vida (CALDART, 2001). Iniciado em 1984, segundo a mesma autora, o movimento possui características que o particulariza enquanto movimento social, tais como: a radicalidade das suas ações e sujeitos, vista nas ocupações e mobilizações em massa; a variedade dos aspectos em que atua para humanização dos indivíduos, ampliadas entre as diversas práticas da educação, cultura, saúde, entre outras; a articulação de configurações organizacionais diversas e em constante mutação, como ocupações, acampamentos, assentamentos; e a habilidade de abarcar a sociedade, encarando a Reforma Agrária como uma luta de todos.

A trajetória de um sujeito dentro do movimento reflete um processo de formação humana que passa a representar a coletividade dos Sem Terra, enquanto identidade experimentada e vivida no cotidiano e nas atuações do movimento. Sendo a luta social o principal meio de reivindicação, o seu processo se especializa na combinação de ocupações, acampamentos e assentamentos, firmando uma coletividade em constante movimento (Figura 2).

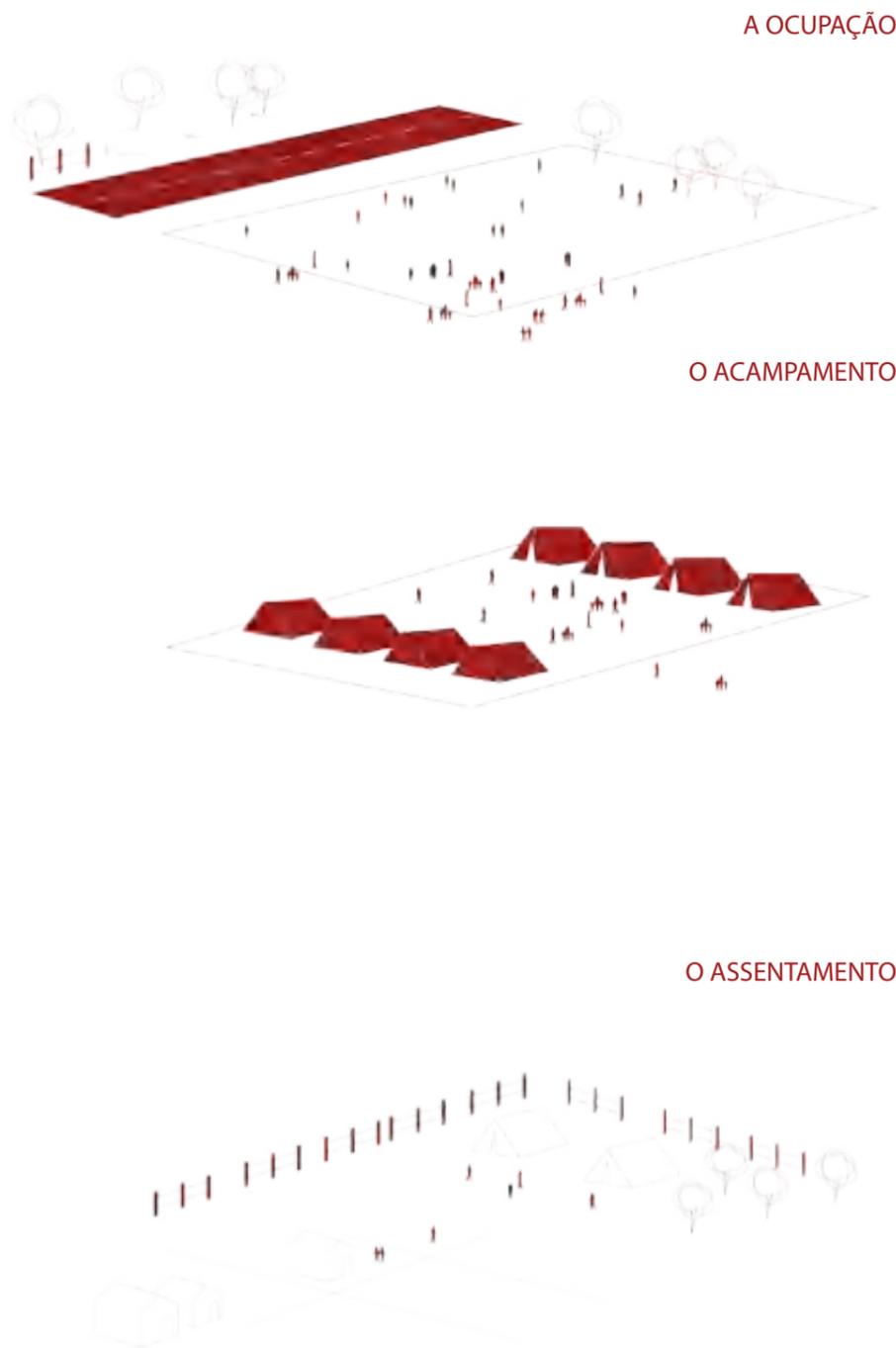


Figura 2: o processo

Fonte: elaborada pela autora.

A OCUPAÇÃO

De acordo com Rosa (2012), o MST ao utilizar o termo ocupação, expõe o direito constitucional de todo cidadão brasileiro ter acesso a terra, condicionada a sua função social (Lei nº 4.504, Estatuto da Terra), bem como determina limites de direito as propriedades consideradas improdutivas, de cultivos ilegais, de uso meramente especulativo e de trabalho escravo. As famílias indicam as terras que pretendem assentar através do INCRA, porém ocupando áreas externas à propriedade e que podem estar na beira da estrada, em depressões ou próximo às cercas.

O ACAMPAMENTO

Como consequência principal das ocupações, os acampamentos são espaços transitórios na luta pela terra e de mobilização constante, materializando os principais elementos de organização do sem-terra e pressionando os governos para realizarem a Reforma Agrária. Apesar do caráter transitório, existem por tempo indeterminado, organizando-se em posicionamentos específicos de acordo com as condições físicas do terreno, resistência ao despejo e ao confronto com os jagunços. Dispostos geralmente de forma linear ou circular, é possível encontrar, além dos barracos, local para assembleias, "escola" e "farmácia" (FERNANDES, 2012). Parte dos acampamentos resultam de ocupações de terras privadas ou concedidas pelos proprietários, enquanto o processo de desapropriação do terreno onde as famílias serão assentadas é realizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O mesmo órgão também auxilia o MST através da disponibilização da lona preta para o levantamento dos barracos nos acampamentos.

O ASSENTAMENTO

Após a concessão do terreno, as famílias se estabelecem na condição de assentados e se deslocam para a terra concedida, onde novas moradias provisórias são levantadas pelo MST, enquanto o INCRA demarca e distribui os lotes para as famílias, para que então o assentamento seja erguidos através de programas de habitações do governo. Os assentamentos possuem arranjos espaciais distintos, de acordo com as condições geográficas e produtivas do terreno, englobando habitações, lotes de trabalho, equipamentos de uso coletivo e serviços, sendo as casas contruídas isoladas nos lotes ou num sistema de agrovila. Segundo Caniello e Duqué (2006) a agrovila é justificada pela concentração de infra-estrutura e serviços, numa reprodução do modelo urbano nas relações sociais, porém a casa no lote é considerada um melhor reflexo do modo de vida no campo e do seu sistema produtivo, onde estratégias projetuais podem ser incorporadas, como o uso de dessalinizadores e energia solar, igualmente com ordenações de espaços diversos e articulados entre si. Desta forma, os assentamentos rurais são a representação física da Reforma Agrária, resultado de um processo de luta social pela terra e ação do Estado; são o desfecho de uma conquista alcançada pelas vivências, visões e relações humanas que acontecem na dinâmica do dia-a-dia do Movimento Sem-Terra, bem como princípio da obtenção de direito de relevantes políticas públicas para os seus integrantes.

Os modelos espaciais temporários e definitivos, de acampamentos e assentamentos respectivamente, são estratégias distintas desenvolvidas pelo MST.

As habitações provisórias, por ocorrerem em prazo indefinido, são inicialmente erguidas em lona preta disponibilizada pelo INCRA. Pela irregularidade da sua reposição, sua durabilidade e forma de utilização, outros materiais começam a ser incorporados pelos acampados numa tentativa de melhoria do habitar, tais como: PVC, papelão, madeira, telhas de fibrocimento, telhas de barro, esquadrias de madeira, lonas plásticas e tecidos diversos, entre outros, como demonstrado na figura 3.

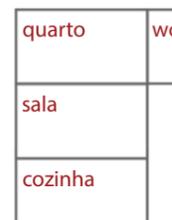
Estes materiais são obtidos de diversas formas entre doações, reciclagem, restos de construções, troca por algum serviço prestado ou pelo baixo custo de aquisição. É válido destacar a extrema dificuldade em relação a reutilização dos materiais utilizados pelo MST nos acampamentos, sendo esta relacionada a dois principais fatores: a carência de um meio de transporte para auxiliar nesses deslocamentos e a precariedade dos materiais utilizados que se desgastam ainda mais ao longo tempo, inviabilizando o reuso.



Figura 3: Incorporando materiais no barraco

Fonte: autoria própria.

Figura 4: configurações espaciais



Fonte: elaborada pela autora.



Figura 5: A Horta

Fonte: autoria própria.



Figura 6: Base para caixa d'água

Fonte: autoria própria.

No acampamento Quebra-Quilos em São José da Mata, no município de Campina Grande, na Paraíba (Figura 4), por exemplo, é possível identificar a tentativa de reprodução de uma moradia permanente, a partir dos materiais introduzidos, mobiliários utilizados e na divisão dos espaços. É interessante ressaltar a criatividade dos acampados através de soluções construtivas próprias, em resposta a viabilidade e o agrupamento dos diferentes materiais nas habitações, bem como na reprodução de ferramentas para agricultura através da observação e imitação, feita com os mesmos materiais ou com outros.

Sobre o acesso as infra-estruturas básicas como saneamento, fornecimento de luz e sistemas viários, bem como aos serviços de educação e saúde, se relacionam diretamente ao lugar da ocupação e seu entorno. No Quebra-Quilos, por exemplo, o abastecimento já se deu por poço, porém atualmente a água chega através de um caminhão pipa; já o esgoto é despejado em fossa séptica. O suprimento da energia acontece por meio de ligações clandestinas desviando da rede pública. Outro fator expressivo são as condições do ambiente em que esses acampamentos se inserem. Em algumas regiões a seca e a improdutividade da terra, intensificam a busca de técnicas alternativas para sobrevivência nos acampamentos como a captação e reutilização das águas pluviais e hortas protegidas, como visto nas figuras 5 e 6. Apesar do esforço empregado nas melhorias do espaço, os acampados se encontram numa situação de vulnerabilidade, precariedade e insalubridade diretamente relacionado a falta de habitabilidade das construções.

Segundo Brandão (2005), a habitabilidade está diretamente ligada ao bem-estar, numa relação entre morador e moradia, abrangendo o uso, o atendimento das necessidades básicas do espaço construído e do tempo enquanto agente na aproximação do sujeito com o espaço. Assim, uma moradia adequada deve oferecer boas condições de proteção às intempéries, igualmente assegurando aos moradores segurança contra qualquer fator que ponha em risco a saúde e a vida, como incêndios, desmoronamentos e inundações. Além disso, o tamanho da moradia deve ser apropriado para o número das pessoas que ali habitam, bem como o oferecimento de infra-estrutura básica. Dentro do contexto do MST, é importante ressaltar a categoria espacial na formação e desenvolvimento do movimento, que firma seu caráter itinerante dentro do território.

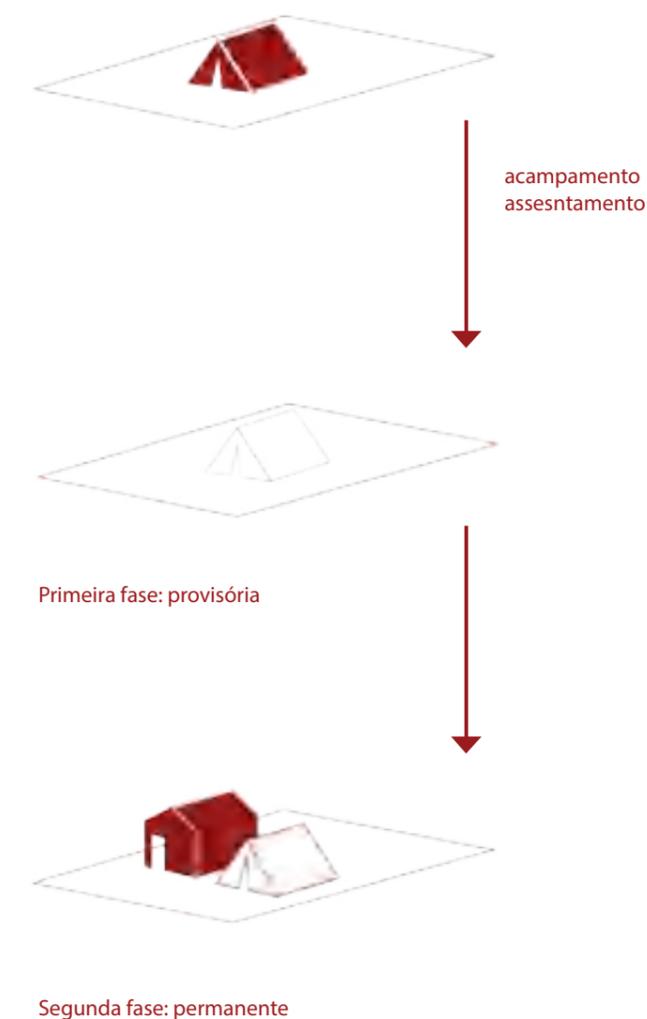
Entendendo o MST como um movimento social que luta pela terra e suas organizações espaciais temporárias como forma de reivindicação, é válido conceituar os espaços transitórios. Conforme Paz (2008), os ambientes efêmeros são transitórios por inteiro, sendo cada parte independente. São ambientes geralmente com uma mescla heterogênea de processos, de materiais, e mesmo de insumos tecnológicos, em que as configurações espaciais e transitórias, os sistemas construtivos de fácil montagem são bastante relevantes. Tais sistemas podem ser de origem industrial e de manufatura mais primária, com encaixes básicos e de baixa durabilidade.

Assim, considerando as especificidades do MST dentro do seu contexto itinerante e provisório, a carência de condições mínimas para o habitar...

... como a arquitetura poderia auxiliar na melhoria da habitabilidade para suas etapas provisórias? (Figura 7)

OBJETIVO GERAL: propor um estudo preliminar de acampamento para o Movimento dos Sem Terra (MST), com base no seu contexto itinerante, e considerando-se uma gestão alternativa de cooperação entre o Movimento e o INCRA para o processo de concepção construtiva.

Figura 7: itinerância



Fonte: elaborada pela autora.

o Quebra-Kilos

O acampamento Quebra- Kilos, cujo nome homenageia a revolta ocorrida na região Nordeste do Brasil no século 19, existe há mais de oito anos. Localizado próximo ao distrito de São José da Mata, no Município de Campina Grande, resulta de três diferentes ocupações. Primeiramente levantado na beira da Rodovia Governador Antônio Mariz, posteriormente em um terreno no assentamento Olho d'água e, por fim, se estabelecendo no local atual, em um terreno cedido pelo proprietário aos acampados, que em compensação optaram por contribuir com uma pequena quantia mensal.

A área atual foi cedida pelo proprietário do terreno para que o acampamento fosse feito, em compensação e os integrantes optaram por contribuir com uma pequena quantia mensal com o dono. A terra solicitada para desapropriação encontra-se há cerca de 1km do acampamento, sendo a junção das propriedades Angico e Olho d'água, uma pertencente ao município de Boa Vista e outra ao município de Campina Grande.

Com aproximadamente 1160m², o terreno do acampamento é muito menor comparado ao tamanho padrão de outros acampamentos. Consequentemente não existe espaço suficiente para o plantio ou criação de animais, atividades que ocorrem apenas quando os proprietários das terras vizinhas cedem espaço para tais práticas, embora isso não esteja ocorrendo no momento presente.

Quanto a distribuição espacial, a implantação dos barracos se dá próximo ao cercado feito de madeira e arame farpado, a uma distância de aproximadamente 2 metros deste, recuo normalmente utilizada para pequenas criações de animais, mini- hortas para subsistência ou áreas de serviço das habitações. Esse tipo de disposição forma uma barreira física delimitadora da área, estando as entradas das unidades habitacionais voltadas para dentro do lote, onde se encontra o espaço comunitário do acampamento.

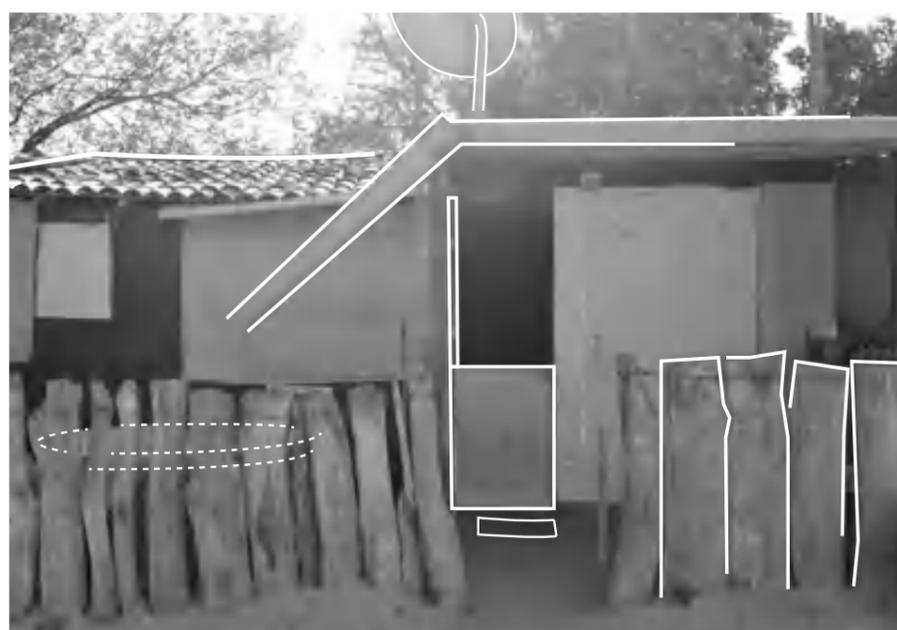
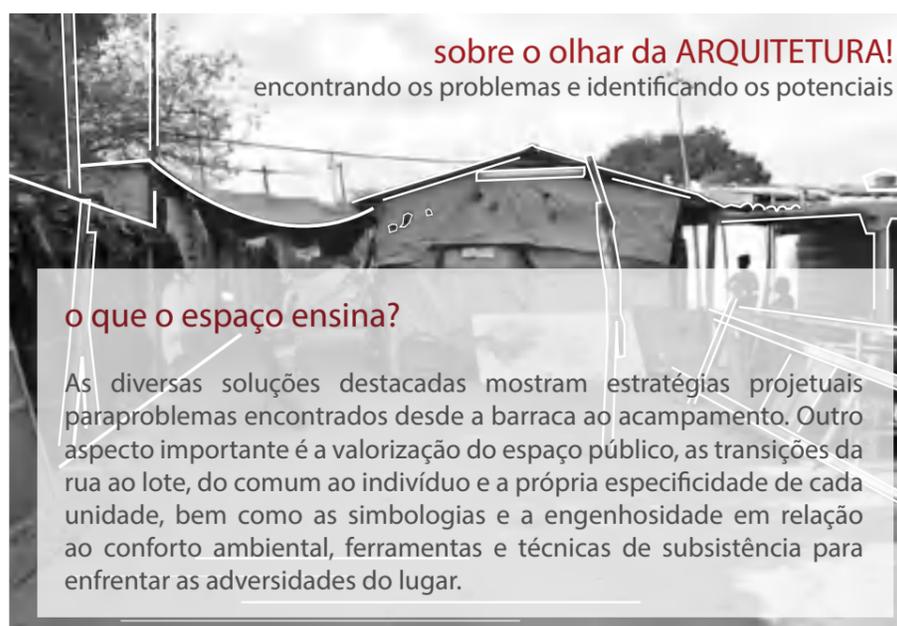
Quanto aos afastamentos laterais, eles podem ou não existir, trazendo uma variação entre barracos geminados e isolados dentro do mesmo acampamento. O centro comunitário consiste em uma unidade semelhante aos barracos, porém sem divisões internas. É importante observar espaços de sombra criados através de cobertas entre este e os barracos, normalmente utilizados ao longo do dia pelos acampados ou como uma extensão do centro em dias de reunião, estabelecendo um relação interessante entre espaço público, transitório e privado.

Quanto aos tipos habitacionais, eles variam de acordo com o tamanho da família, porém se busca no mínimo uma separação entre o banheiro e o restante da casa, sendo comum a divisão de espaços como sala, quarto, cozinha, banheiro e quintal.

No que se refere a estrutura dos barracos, esta é improvisada, normalmente feita em madeira e fixada a até um metro do solo ou de modo mais superficial, a depender da disponibilidade e tamanho do material. Ainda pertencente a esta situação, as vedações e esquadrias são diversas, gerando distintas expressões construtivas visualizadas desde a escala do acampamento a uma única 'parede' do barraco.

Um outro aspecto a ser levado em conta é o acesso a serviços de educação, saúde e comércio existentes próximo ao Quebra- Kilos, ainda que inserido na zona rural, onde a oferta de tais serviços é geralmente mais escassa que nas cidades. É necessário lembrar que realidade não se amplia a todos os acampamentos do MST, tornando muitas vezes necessário a improvisação de unidades dentro do acampamento para atender a tais serviços, principalmente quando estes se localizam em áreas mais distantes de alguma cidade ou pelo grande número de famílias que o compõem.

Tal contexto denota a realidade complexa dos acampamentos do MST, seja pela duração indeterminada, a escala, as relações sociais ou a multiplicidade espacial, onde neles se encontram vidas que lutam por seus direitos e que deveriam ter qualidade de vida.



os agentes

Os tópicos abordados a seguir resultam de conclusões feitas a partir de uma série de entrevistas realizadas com representantes direto ou indiretamente relacionados a realidade dos acampamentos do MST. Resultando em diretrizes que possam subsidiar a elaboração do projeto arquitetônico.

1 O MST através da ocupação e do acampamento, manifesta suas principais formas de luta e efetivação da Reforma Agrária no Brasil. Através do espaço conta história e é nele que se luta, que se mostra, que se conquista, mas é também nele que se sofre, que se espera e o temporário se torna uma vida.

De que maneira melhorar as condições dessa vida?

2. O ACAMPAMENTO é um monta e desmonta, é uma mudança, é um começar de novo. Ao longo da batalha a resistência do acampamento em um só lugar é uma tentativa de prorrogar quase a inevitável Reintegração de Posse e a caminhada para outros lugares.

De que forma pensar um lugar para diversos lugares?

3. O BARRACO mostra a diversidade do tempo, de mudanças, de materiais, de espaços e de pessoas, ele mostra uma constante iniciativa de intervenção no espaço por estar num lugar que represente uma 'casa fixa', decorrendo de uma ideologia sobre o morar provisório ser precário e o morar fixo ser adequado.

E o monta e desmonta é inevitavelmente precário?

4. A LONA PRETA não é uma simbologia de causa, mas de consequência, por ser o material disponibilizado pelo INCRA. Porém diversos materiais são agregados nos barracos pelas diversas circunstâncias e de formas diferentes, mas numa constante busca pela maior durabilidade do barraco.

Que materiais utilizar?

5. AS DIFICULDADES estão diretamente ligadas a própria sobrevivência dentro do acampamento. É uma vida frágil, tratada muitas vezes com indiferença pela sociedade, é um efeito dominó. Em períodos de seca prolongados, sem ter o que plantar, vêm a necessidade de trabalho fora, migra-se para a cidade.

Como driblar as adversidades?

6. O QUEBRA- KILOS representa uma exceção à realidade da grande maioria dos acampamentos, pois tem em seu entorno uma oferta de serviços próximos, mesmo numa área rural. Em contrapartida, possui uma carência de espaços necessários à vivência no acampamento, que está além do morar.

Como ocupar o vazio?

7. OS SERVIÇOS BÁSICOS retratam a ambiguidade da existência do serviço básico versus a qualidade de sua oferta, consequentemente afetando o atendimento das reais necessidades da vida no campo.

De que jeito aprimorar os acessos e serviços?

8. AS MELHORIAS mostram o acampamento como uma ferramenta de luta sofrida e indesejada, que se pudesse não existiria, mas, ao mesmo tempo é a forma mais expressiva e eficaz para a conquista da terra, o que reafirma sua importância e necessidade como meio entre o direito a Reforma Agrária e a sua real realização.

Buscando as respostas...

Três estudos de caso foram realizados: Casas paper LOG do arquiteto Shigeru Ben, a tenda IKEA e os espaços coletivos nas habitações provisórias. As questões abordadas nos estudos, bem como as necessidades observadas no Acampamento Quebra-Kilos subsidiaram a elaboração dos conceitos para este trabalho.

programa preliminar

Baseando-se na visita ao Acampamento Quebra- Kilos, foi elaborado um Programa de Necessidades Preliminar que considerasse aproximadamente o número de famílias atuais, os espaços coletivos existentes e possíveis áreas para implantação de equipamentos de uso coletivo e atividades relacionadas a sobrevivência da vida no campo.

MEMBROS: 20 famílias

HABITAÇÕES
 tipo 01 (individual) 18m² (x10)
 tipo 02 (casal) 27m² (x5)
 tipo 03 (família) 36m² (x5)

ÁREAS DESCOBERTAS 1600m²
 plantio 345m²
 criação de animais 18m²
 plantio

ÁREAS COBERTAS
 unidade escolar 18m²
 unidade de saúde 18m²
 centro comunitário 18m²
 oficina 18m²

*espaços residuais=
 25% de acréscimo da área total

O Programa de Necessidades Preliminar revelou a carência de uma área maior para abrigar a proposta do Acampamento Quebra- Kilos, que atualmente ocupa um área igual a 1.158m², ao passo que o P.N.P. demandou 3.218m², sendo a área utilizada para proposta.



os materiais

VIABILIDADE



BASE				
	reuso	transporte (carroça)	resistência a umidade	
Caixote de cerveja	x	fácil	x	
Pallet	x	médio		
Sacos de Areia (Polipropileno)		fácil	x	
Garrafa PET	x	fácil	x	

ESTRUTURA				
	reuso	transporte (carroça)	resistência a umidade	
Caixote de cerveja	x	fácil	x	
Pallet	x	médio		
Andaime de aço	x	médio	x	
Sacos de Areia (Polipropileno)		fácil	x	
Bambu	x	fácil		

VEDAÇÃO					
	reuso	transporte (carroça)	Isolante térmico	resistência a umidade	
Caixote de cerveja	x	fácil		x	
Pallet	x	médio			
Tapume	x	médio	x	x	
Chapa de Policarbonato Compacto	x	fácil	x	x	
Sacos de Areia (Polipropileno)		fácil	x	x	
Bambu	x	fácil	x		
Garrafa PET	x	fácil	x	x	
Adobe			x		
Chapa PVC rígido	x	fácil	x	x	
Palha	x	fácil	x		
Lona plástica	x	fácil		x	
Telha Fibrocimento	x	médio		x	
Tecidos diversos	x	fácil			
Papelão		fácil	x		

o ponto de partida(o)

Entendendo o acampamento do MST como um espaço em construção ao longo do tempo, a proposta interpreta essa realidade criando um processo projetual que irá ocorrer em etapas, possibilitando a transformação e aperfeiçoamento do acampamento. Aprimorando o modelo de gestão já existente entre INCRA e MST, propõe-se, neste trabalho, um modelo de gestão alternativo em que a estrutura principal seria fornecida pelo INCRA e os demais materiais seriam adquiridos pelo MST.

1 BASE E ESTRUTURA

ENCARREGADO: INCRA

O QUÊ? Caixote de cerveja, andaime, bambu e galão de tinta.

POR QUÊ? Estabilidade e durabilidade.

COMO? Todas as famílias recebem esse suprimentos básicos no início do acampamento.



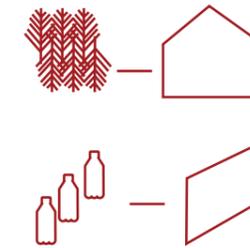
2 VEDAÇÃO E COBERTA

ENCARREGADO: MST

O QUÊ? Garrafa PET, chapa de PVC rígido, tapume, telha de fibrocimento, palha, lona plástica.

POR QUÊ? Facilidade de obtenção.

COMO? Obtidos ao longo do tempo das mais variadas formas, através de doações, reciclagem, custo baixo, etc.



3 USOS DIVERSOS

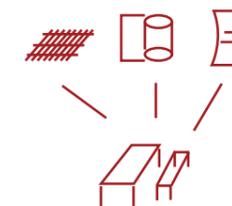
ENCARREGADO: MST

O QUÊ? Pallet, sacos de areia, adobe, tecidos diversos, papelão.

POR QUÊ? Facilidade de obtenção.

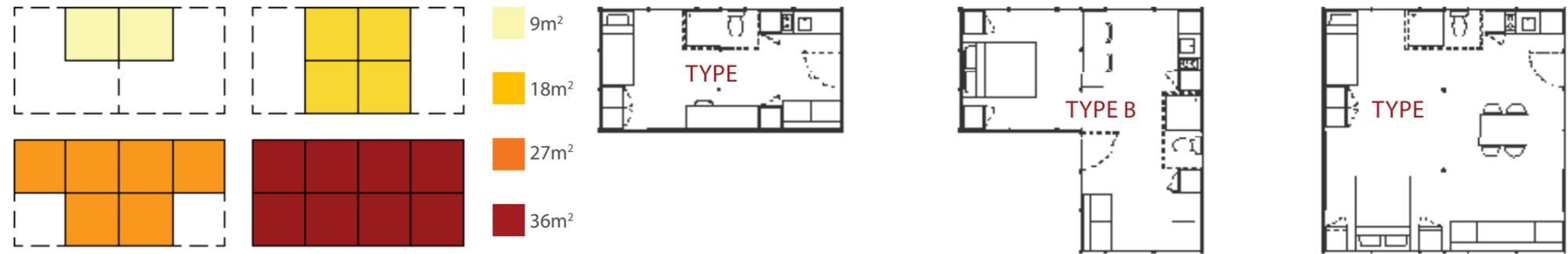
PARA QUÊ? Divisórias internas, esquadrias, mobiliários, etc.

COMO? Obtidos ao longo do tempo das mais variadas formas, doações, reciclagem, custo baixo, etc.



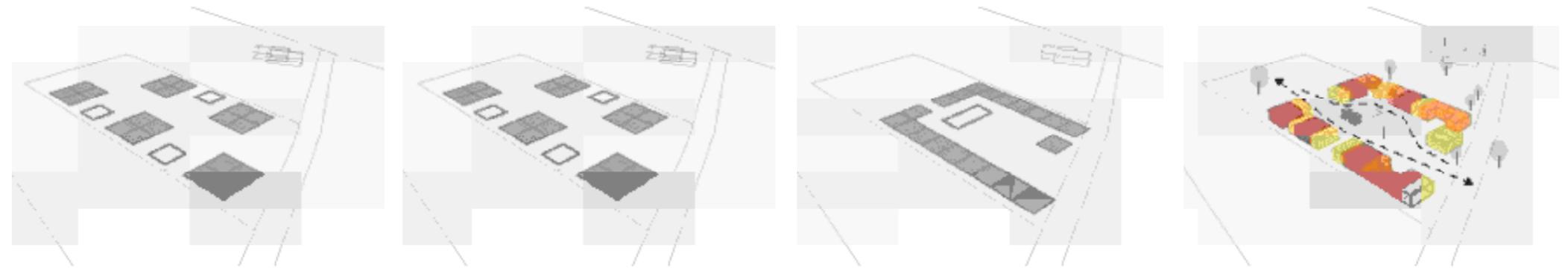
espacialidade

Cada família recebe uma porção de 36m² de terreno, sendo a ocupação parcial ou total, de acordo com a necessidade. Caso não seja, o espaço residual entre as unidades terá uso semi-público como área sombreada, horta ou para armazenamento d'água.



evolução do partido

Além da adequação aos condicionantes climáticos e do terreno, o arranjo do acampamento busca funcionar como uma provocação as relações sociais entre as famílias e das próprias com o meio que ocupam.



expemerimentando

A partir do módulo de estudo de 3x3m, os seguinte estudos foram desenvolvidos no intuito de obter soluções quanto ao material para base, formato da coberta e estratégias de conforto térmico para a habitação.

SEQUÊNCIA CONSTRUTIVA



01. Locação



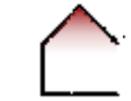
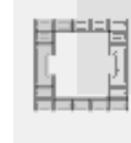
02. Embasamento com galão de tinta de 20L



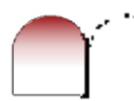
03_ Estrutura para suportar a calha

CUSTO

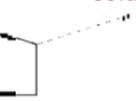
caixote de cerveja



galão d'água



lata de tinta



solução da coberta

- telhado com um caimento, consequentemente a cada duas unidades uma calha será utilizada;
- dispersão do ar quente + beirais na fachada;
- economia no uso de materias;

fundação



04_ estrutura vertical em bambu



05_ estrutura da coberta

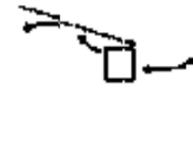


06_ coberta feita com garrafa PET

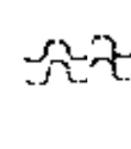
conforto térmico



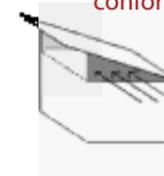
ventilação cruzada



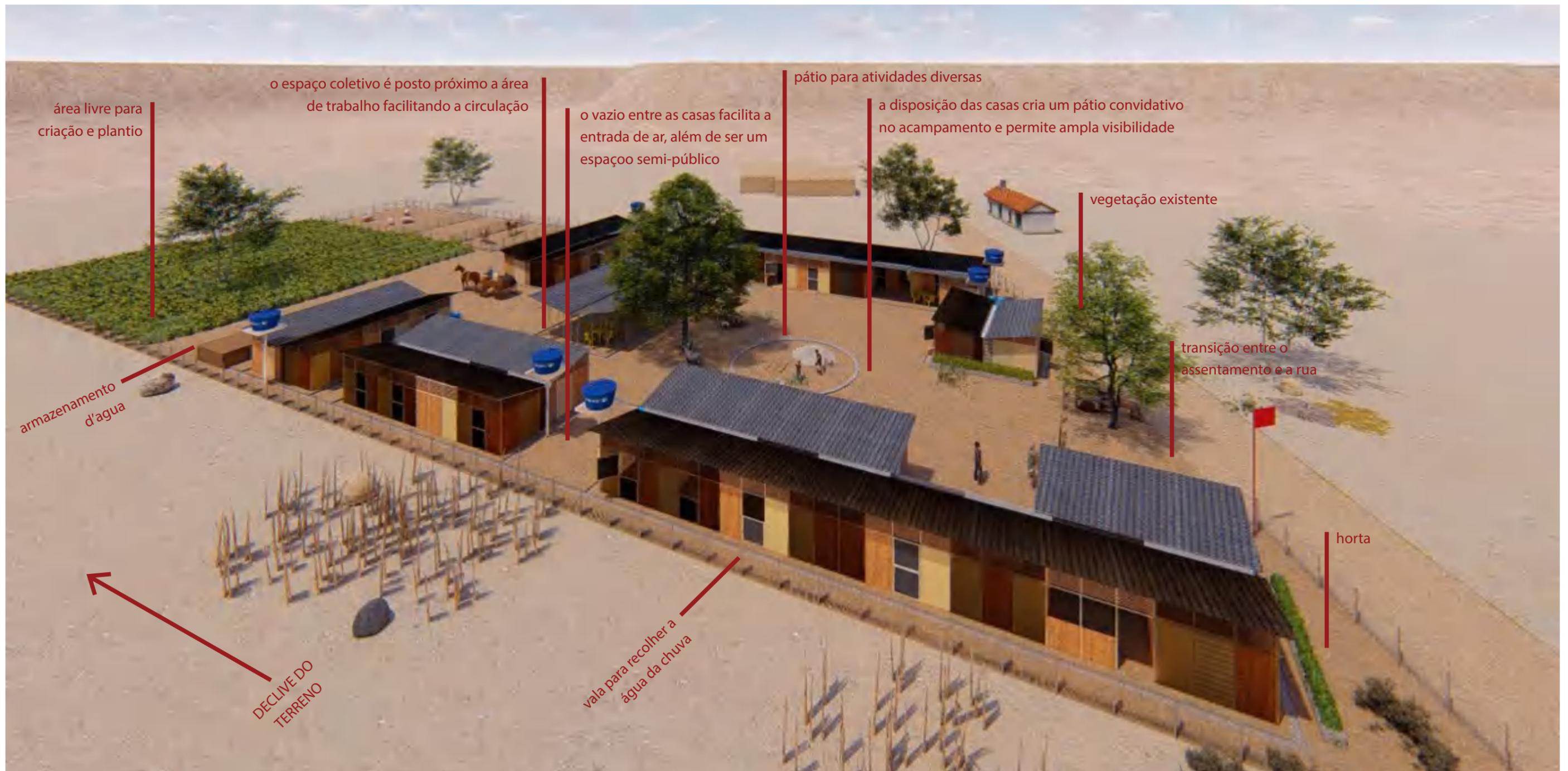
efeito chaminé



telha de garrafa PET



entrada de luz



As famílias do acapamento Quebra- Kilos conquistaram o seu direito. Hoje, o assentamento Quebra- Kilos está localizado entre os municípios de Campina Grande e Boa Vista.

“Enquanto morar for um privilégio,
ocupar é um direito.”

- Autor desconhecido.

O lugar é instável,
o ficar se movimenta,
os espaços estão em construção...

As pessoas se encontram,
vivem e sobrevivem,
elas abrigam...

O instável se encontra,
o provisório vira permanente,
o barraco agora é um lar.

Autoria Própria

